



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL



JESSIKA FERNANDA NUNES FERREIRA

**ARBORESCER: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA UFMT *CAMPUS* DE SINOP**

SINOP, MT
2023

JESSIKA FERNANDA NUNES FERREIRA

**ARBORESCER: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA UFMT *CAMPUS* DE SINOP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) *Campus* Universitário de Sinop, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira Florestal.

Orientador: Prof^o. Dr. Juliano de Paulo dos Santos

SINOP, MT
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

F383a Ferreira, Jessika Fernanda Nunes.

Arborescer: Experiências de Educação Ambiental na UFMT campus de Sinop [recurso eletrônico] / Jessika Fernanda Nunes Ferreira. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 135 f., il. color., pdf). -- 2023.

Orientador: Juliano de Paulo dos Santos.

TCC (graduação em Engenharia Florestal) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais, Sinop, 2023.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://bdm.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Multidisciplinaridade. 2. Extensão universitária. 3. Meio Ambiente. I. Santos, Juliano de Paulo dos, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

JESSIKA FERNANDA NUNES FERREIRA

EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UFMT CAMPUS DE SINOP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) *Campus* Universitário de Sinop, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira Florestal.

Aprovada em 29 de setembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
 JULIANO DE PAULO DOS SANTOS
Data: 17/10/2023 20:24:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Juliano de Paulo dos Santos, Dr. (UFMT)

Documento assinado digitalmente
 EDNEUZA ALVES TRUGILLO
Data: 19/10/2023 12:48:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Edneuzza Alves Trugillo, Dra. (UNEMAT)

Documento assinado digitalmente
 RAFAELLA TELES ARANTES FELIPE
Data: 18/10/2023 19:35:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rafaela Teles Arantes Felipe, Dra. (UFMT)



Karolyna Corrêa da Luz, Mestranda. (UFMT)

Sinop, MT

2023

DEDICATÓRIA

Primeiramente, dedico este trabalho à minha mãe, Elena, uma mulher incrivelmente forte e a frente de seu tempo, que não pôde terminar seus estudos, mas que sempre, sempre e sempre nos estimulou estudar, e que a partir deste ano terá seus quatro filhos graduados.

Dedico a todos os educadores e às educadoras ambientais, que seja pela formação ou pelo coração, tomaram esse compromisso tão nobre e tão necessário para si.

E por fim, ao projeto Arborecer, e a todas as pessoas que dele fizeram e fazem parte, por terem proporcionado para mim, esse espaço de realização pessoal e profissional, e para além disso, por estarem construindo pontes e provocando mudanças no nosso curso e na nossa Universidade, que desejo eu que sejam para sempre.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, venho agradecer ao curso de Engenharia Florestal e à Educação Ambiental, porque diferente do que se pensa, foram eles que me escolheram, e desde então, vem trazendo total significado às minhas inquietudes e a minha vida.

Quero agradecer a minha família por ser a minha base, onde aprendi meus melhores valores.

E de modo especial, agradecer à minha mãe, por ser simplesmente incrível, por ser minha amiga, e por me fornecer todos os recursos materiais e imateriais, para a condução dos meus estudos.

E também agradecer a minha irmã, Luciana, por termos uma conexão indescritível desde sempre, por ela ter escolhido olhar e cuidar de mim, e por ter enxergado e me mostrado quem eu era, antes mesmo de eu saber.

E então, venho agradecer aos meus amigos, que ainda bem, posso dizer que são muitos. Os amigos de Cosmópolis, os amigos psicólogos, os amigos da Universidade, às floresteiros (Bia, Elenice, Natália e Luana), os amigos da ABEEF, os amigos do CAEF, os amigos da greve, os amigos do MAB, os amigos com quem morei, por todo acolhimento e parceria, por cuidarem de mim, por me apoiarem nas minhas empreitadas, e por enxergarem brilho em mim, mesmo quando eu ainda não era capaz de enxergar. Obrigada por terem sido as minhas luminárias e as minhas lentes de aumento!!

Agradeço também ao amigo Leonardo Vinícius, o Leo, em quem me inspirei muito durante a minha trajetória universitária, e que nesse processo de escrita do TCC, me ajudou a organizar minhas ideias e colocá-las no papel.

E por fim, quero agradecer à toda Universidade pública, gratuita e de qualidade, à estrutura física, os laboratórios, o Restaurante universitário, o ensino, as viagens de campo, enfim a tudo. E dizer que gostaria de ter tido a maturidade que tenho hoje, para extrair dela ainda mais de tudo aquilo que ela poderia me proporcionar.

E claro, agradecer aos professores, por compartilharem conosco o conhecimento, as vivências e as experiências profissionais. E para além disso, por muitas vezes nos escutarem, nos aconselharem, sendo de algum modo a nossa família aqui em Sinop.

E nesse sentido, vou cometer a gafe de citar alguns nomes, para dizer o quanto eles impactaram positivamente a minha vida, para quem sabe, possam fazê-lo com outros estudantes.

Então, agradeço primeiro à professora Larissa Borges, que foi minha primeira orientadora, me acolheu ainda muito menina no seu laboratório e na sua casa, entre tantas coisas, com ela eu aprendi como apresentar seminários. Obrigada prof, tenho um carinho enorme pela senhora!

À professora Rafaela Felipe, à quem tenho grande admiração pelo seu trabalho na docência e na coordenação do projeto GAIA. Quero agradecer pelas conversas após as aulas, e dizer que elas significaram muito pra mim.

Ao professor Ricardo Carvalho, que é um cara incrível, muito inteligente e muito gente boa, pelas conversas filosóficas, por contribuir com os nossos eventos, e por trazer reflexões que até hoje me fazem pensar fora das caixinhas.

Ao professor Jair Figueiredo, primeiro pela confiança, por ter me apoiado assim que o conheci, e além disso, por deixar a porta da sua sala sempre aberta para mim, não importa qual fosse o motivo, não só para mim, mas para vários colegas.

A professora Caciara Gonzatto, primeiro por ter sido super engajada desde que entrou no nosso curso, mas principalmente por ter comprado a ideia da Educação Ambiental comigo, e ter aceitado ser minha orientadora.

A professora Paula Moreira, uma pessoa ímpar, que me orientou dentro do Arborecer, e sempre me desafiou e estimulou a ir além das minhas competências.

Por fim, agradeço ao professor Juliano, por ter aceitado o meu convite como orientador, e desde então vem trilhando essa caminhada comigo, e mais que isso, por estar aberto a ouvir minhas ideias, e me proporcionar reflexões dentro do mundo que é a Educação Ambiental.

Por fim agradeço ao Arborecer, a todos os professores e amigos que por ali passaram, por terem me permitido de forma prática enxergar e realizar a tão sonhada Educação Ambiental, que falava desde o início do curso.

Eu reconheço que tenho muito o que aprender e crescer, mas foi no Arborecer que dei meus primeiros passos.

E parafraseando uma amiga, quero agradecer a mim, primeiro por nunca ter desistido, e por ter me permitido passar por inúmeras experiências ao longo desses anos, que me fizeram ser a mulher que sou hoje, capaz de enxergar seu próprio brilho e potencialidades.

“Ou os estudantes se identificam com o destino de seu povo,
com ele sofrendo a mesma luta.
Ou se dissociam do seu povo, e nesse caso,
serão aliados daqueles que o exploram”.

Florestan Fernandes

RESUMO

ARBORESCER: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UFMT CAMPUS DE SINOP

A EA (Educação Ambiental) é uma dimensão da educação, sendo empregada a ela muitas interpretações e nomenclaturas diferentes. Partindo desse pressuposto, neste trabalho as discussões serão norteadas por meio dos conceitos de EA Tradicional, EA Crítica e EA Pós-crítica. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo caracterizar e analisar o Arborescer, um projeto de extensão universitária desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus* Universitário de Sinop (UFMT – CUS). Para isso, foi consultado o acervo documental e midiático do projeto, desde o início das atividades, em 2010, até o momento presente, em 2023. As informações levantadas foram utilizadas para a elaboração de quadros com as descrição das atividades realizadas. Também foram conduzidas entrevistas com os professores idealizadores do projeto, bem como aplicação de um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) aos membros do projeto. O DRP foi respondido por 23 pessoas, sendo os dados discutidos, e as perspectivas e sugestões apresentadas ao final do trabalho. É possível perceber que o Arborescer mudou a forma de trabalhar a EA, assumindo atualmente um caráter mais próximo da EA Pós-crítica. Existe também uma dificuldade em relação à recurso humano, sendo sugerido o uso do DRP para avaliação e proposição de novas estratégias para atrair mais estudantes. Sobre suas potencialidades, o Arborescer é visto pelos seus membros como um espaço para socialização, aprendizagem e realização de atividades práticas e de EA. Muito provavelmente, o próximo passo do Arborescer será o engajamento no debate de políticas públicas para fomentar a EA no Norte do Mato Grosso.

Palavras-chave: Multidisciplinaridade; extensão universitária; meio ambiente.

ABSTRACT

ARBORESCER: ENVIRONMENTAL EDUCATION EXPERIENCES AT UFMT SINOP CAMPUS

The Environmental Education (EE) is a dimension of education, encompassing various interpretations and nomenclatures. Based on this assumption, this work was guided by the concepts of Traditional EE, Critical EE, and Post-critical EE. In this context, the objective of this study was to characterize and analyze "Arborescer," an extension project developed at the Federal University of Mato Grosso – Sinop Campus (UFMT – CUS). The project's documentary and media collection was consulted, spanning from its inception in 2010 to the present moment in 2023. The gathered information was used to create charts describing the activities. Interviews were conducted with the project's founding professors, and a Participatory Rapid Appraisal (PRA) was administered to project members. The PRA was completed by 23 individuals, and the data were discussed, with perspectives and suggestions provided at the end of the study. It is evident that Arborescer has transformed the approach to EE, currently aligning more closely with Post-critical EE. Challenges exist regarding human resources, suggesting the use of PRA for evaluation and proposing new strategies to attract more students. Arborescer is perceived by its members as a space for socialization, learning, and engaging in practical EE activities. The next step for Arborescer will likely involve engaging in public policy discussions to promote EE in Northern Mato Grosso.

Keywords: Multidisciplinarity; university extension; environment.

LISTA DE APÊNDICE

APÊNDICE	99
APÊNDICE A – Perguntas para condução da entrevista com a Professora Paula e com o professor Juliano.....	100
APÊNDICE B – Entrevista com Professor Juliano dos Santos.....	102
APÊNDICE C – Entrevista com a Professora Paula Moreira	120
APÊNDICE D – Diagnóstico Rápido Participativo.....	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAC:** Atividades Acadêmicas Complementares
- ARRAS:** Associação de Reabilitação e Reintrodução de Animais Silvestre
- APP:** Área de Preservação Permanente
- BR:** Rodovias Federais
- CODEX:** Coordenação de Extensão
- COMAM:** Conselho Municipal do Meio Ambiente
- CUS:** *Campus* Universitário de Sinop
- DRP:** Diagnóstico Rápido Participativo
- EA:** Educação Ambiental
- EU:** Extensão Universitária
- EMBRAPA:** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- ENES:** Encontro de Extensão de Sinop
- FAPEMAT:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso
- FF:** Grupo de Pesquisa em Fomento Florestal
- GECAS:** Grupo de Ecologia Aplicada
- HOVET:** Hospital veterinário
- ICAA:** Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais
- ICNHS:** Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais
- ICS:** Instituto de Ciências da Saúde
- IFAM/CTB:** Instituto Federal do Amazonas - *Campus* Tabatinga
- MAB:** Movimento do Atingidos por Barragem
- MT:** Mato Grosso
- NEF:** Núcleo de Estudos Florestais
- PROCEV:** Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência
- SDS:** Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
- SME:** Secretaria Municipal de Educação
- PcD:** Pessoas com Deficiência
- PF:** Parque Florestal
- PNMF:** Parque Natural Municipal Florestal
- PNMJB:** Parque Natural Municipal Jardim Botânico de Sinop
- SINDUSMAD:** Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso
- SEMA:** Secretaria Estadual de Meio Ambiente
- SME:** Secretaria Municipal de Educação

SNUC: Sistema Nacional de Unidades de Conservação

UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso

UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. OBJETIVOS.....	17
2.1. Objetivo geral.....	17
2.2. Objetivos específicos.....	17
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
3.1. Extensão Universitária.....	18
3.2. Meio Ambiente.....	19
3.3. Educação Ambiental.....	21
3.4. Sinop.....	25
4. METODOLOGIA.....	27
4.1. Histórico e atuação do projeto Arborecer.....	27
4.2. Diagnóstico Rápido Participativo.....	27
4.3. Perspectivas Futuras	28
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5.1. Identificação de espécies arbóreas e educação ambiental em trilha interpretativa no Parque Florestal de Sinop – MT (2010).....	29
5.2. Arborecer: Enraizando o conhecimento (2019).....	34
5.3. Arborecer: Despertando a consciência (2020).....	46
5.4. Arborecer: Florescendo Ideias Verdes (2021).....	50
5.5. Arborecer: Conhecer para conservar (2022).....	57
5.6. Resultado do Diagnóstico Rápido Participativo	80
6. PERSPECTIVAS FUTURAS.....	91
7. CONCLUSÃO.....	93
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE.....	99
APÊNDICE A.....	100
APÊNDICE B.....	102
APÊNDICE C.....	120
APÊNDICE D.....	131

1. INTRODUÇÃO

O tema Meio Ambiente e todos os assuntos que perpassam por ele, estão cada vez mais em pauta, dividindo muitas opiniões, justamente por estarem diretamente ligados aos valores e ao modo de vida das pessoas. Por outro lado, em suma maioria essas discussões acabam sendo bastante superficiais, não chegando à raiz dos problemas, e/ou em soluções mais concretas.

Entre tantas justificativas, isso ocorre por existir uma interpretação errônea do termo meio ambiente, considerando que ele abrange apenas critérios ecológicos, quanto na verdade ele aborda também os aspectos sociais, as relações interpessoais, e por fim, a relação das pessoas com aquilo que chamamos de natureza.

Essa falsa sensação de que sociedade e natureza são elementos distintos e separados, tira da população a responsabilidade dos problemas de caráter social e ecológico, bem como, em perceber e ter empatia com dificuldades enfrentadas por outras populações, e por fim acabam se ausentando de seu papel enquanto cidadão na sociedade.

Entre várias explicações, podemos considerar que essa relação é umas das heranças do processo histórico que formou o que hoje é o Brasil, que acabou conduzindo e estruturando o modo de viver e de se organizar da nossa sociedade.

A chegada dos europeus na América, e mais especificamente no Brasil, foi um processo totalmente exploratório, primeiro com os recursos naturais, extraídos de forma indiscriminada; segundo com a população indígena, extinguindo-a e expondo sobre os sobreviventes a cultura europeia; e por último aos povos africanos, trazidos à força para a América e escravizados.

Passados todos esses anos, essas relações de exploração e de invisibilidade de algumas populações ainda perduram, fazendo do Brasil um país desigual, que não assume uma reparação histórica com as populações indígenas e negras, que de algum modo ainda são exploradas, ao mesmo tempo que demonstra pouca responsabilidade no modo como os recursos são extraídos e/ou transformados.

O município de Sinop, assim como todo o Norte do Mato Grosso é um grande exemplo desse processo de invasão e colonização, que reprime a

população nativa por meio de violência, e impõe uma outra cultura, considerada superior, para aqueles que ficam e/ou recém chegam naquele território.

Sinop foi fundada na década de 70, durante a Ditadura Militar, que por meio de uma propaganda, que dizia que havia terras a serem ocupadas, o governo da época promoveu a expulsão dos povos indígenas que aqui viviam, e a migração de famílias oriundas da região Sul do país.

Nesse processo, além desses povos perderem grande parte do seu território, houve supressão da vegetação, inicialmente para exploração madeireira e, posteriormente, para formação das cidades e conversão de algumas áreas em agricultura.

Vale dizer que também houve apagamento da história de vida e histórico de violência que esses povos sofreram, bem como da sua cultura, quase que totalmente substituída pela cultura e costumes sulistas. E, por fim, a implantação de modo de pensar desenvolvimentista, que exclui tudo e todos que são enxergados como atrasados, substituindo como modo de vida considerado moderno e inovador.

Além das problemáticas levantadas anteriormente, Sinop está localizada na região de transição Cerrado - Amazônia, chamada de Arco do Desmatamento, devido à exploração predatória de madeira, e a conversão dessas áreas em agricultura e pastagem, que entre outras consequências acarretam a morte de vários de animais seja pela caça e/ou pela perda de habitat, colocando várias espécies na lista de riscos de extinção.

Entendendo essa problemática, e entendendo também toda a sua complexidade, enxergamos na Educação Ambiental (EA) uma ferramenta promotora de mudanças de paradigmas, pois ela tem em seu caráter a promoção de reflexões e questionamentos, além de ações de sensibilização, que visam despertar nas pessoas o pensamento crítico, para que então elas se sintam capazes de promover mudanças na sociedade, considerando claro, as diferentes realidades.

Dessa forma, este trabalho vem apresentar o Arborecer, um projeto de Extensão Universitária, com foco na EA, desenvolvido na UFMT - CUS (Universidade Federal de Mato Grosso - *Campus* Universitário de Sinop).

Fundado em 2010, o Arborecer atuou principalmente no PNMF (Parque Natural Municipal Florestal), conhecido como Parque Florestal, mas também em algumas praças do centro de Sinop. E a partir de 2022, o projeto começou atuar na Matinha, como é chamado o remanescente florestal do *campus*.

O Arborecer se apresenta como um modelo de EA, que trabalha principalmente por meio de trilhas ecológicas interpretativas, como forma de sensibilizar e despertar na população a consciência ambiental; mas que também em parceria com outras entidades se coloca a pensar e propor possíveis soluções para as problemáticas ambientais.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Caracterizar, registrar e apresentar o projeto de extensão universitária Arborescer, que tem como pilar a EA, desenvolvido na UFMT - CUS, e analisar suas fragilidades, potencialidades e resiliência.

2.2 Objetivos específicos:

- a) Caracterizar o histórico e atuação do projeto Arborescer.
- b) Analisar a evolução e limitações do projeto.
- c) Descrever as perspectivas futuras para o projeto.

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Extensão Universitária

A EU (Extensão universitária) surgiu na Inglaterra no século XIX, sendo uma iniciativa das Universidades de Cambridge (1867) e Oxford para com setores mais populares da sociedade, que não tinham acesso à universidade (GONÇALVES, 1999, p. 57; RODRIGUES *et al*, 2013, p. 142; SERNA, 2004 *apud* ROJAS, 2015, p. 1). Nos anos seguintes, ela foi implantada nos Estados Unidos, e posteriormente Europa e América Latina (BARBOSA, 2010 *apud* ROJAS, 2015, p. 1).

No Brasil, as primeiras experiências ocorreram entre os anos de 1911 e 1917, na extinta Universidade Livre de São Paulo, por meio de conferências sobre temas variados, inspirado no modelo de EU das universidades inglesas. (GONÇALVES, 1999, p. 57; CARBONARI & PEREIRA, 2007, p. 23).

Entretanto, não houve a adesão esperada, pois os temas abordados eram desconectados da realidade do público-alvo, a camada mais popular da sociedade, o que demonstra um distanciamento dos idealizadores em relação aos problemas vivenciados pela população na época. (GONÇALVES, 1999, p. 57-58; CARBORARI & PEREIRA, 2007, p. 23; BATISTA E KERBAUY, 2018, 923-924).

Atualmente, a EU é entendida como uma das funções da universidade, compondo o tripé ensino-pesquisa-extensão, sendo um dos pré-requisitos para que uma instituição de Ensino Superior tenha o título de Universidade (BORTOLINI, 2019, p. 2).

Peretiatko et al. (2020, p. 418) entendem que, embora nem sempre reconhecida, a EU é uma parte importante da formação acadêmica. Em consonância, Coelho (2014, p. 16) defende que participar de atividades extensionistas, permite aos estudantes desenvolverem engajamento social e cidadania, e obter conhecimentos e habilidades, por meio da interação com a sociedade, tornando-os profissionais mais qualificados e seguros.

Nesse sentido, a EU convida a universidade a se comprometer com a transformação social, transmitindo o conhecimento produzido por ela, e dessa forma procura reaver as barreiras que tornam desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências e das tecnologias. (DE PAULA, 2013, p. 6).

Dessa forma, para Coelho (2014, p. 11), a EU tornou-se a terceira missão para as universidades, saindo de uma ação unidirecional, que focava na difusão de conhecimento acadêmico e prestação de serviços, e assumindo uma interação dialógica com a sociedade, conferindo uma dimensão pedagógica à EU, que passa a ser enxergada como uma ferramenta de aprendizagem e geração de conhecimentos, além de contribuir para o desenvolvimento de seus estudantes e profissionais.

Considerando que o presente trabalho trata principalmente da EA, Juliani & Freire (2014, p. 6732), defendem que a abordagem da EA por meio de projetos de EU é uma forma de manter a EA nas ementas dos cursos, e para além disso, os projetos de extensão trazem consigo ideias de transformação social que também existem na EA, tornando ainda mais relevante a abordagem da EA em projetos de EU.

Em concordância com Peretiatko et al. (2020, 418), trabalhar a EA em sua dimensão crítica por meio da EU, potencializa os seus resultados, visto que dentre os três pilares da universidade (ensino-pesquisa-extensão), a EU é a que possui princípios e objetivos mais próximos da EA.

3.2 Meio Ambiente

Para sermos coerentes antes de adentrar ao tema Meio Ambiente, vamos primeiro citar a Constituição Federal Brasileira de 1988, Art. 225 (BRASIL, 1988), que diz que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

E mais que isso, o Inciso 1º fala que para assegurar a efetividade desse direito, cabe ao Poder Público: I - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas; IV - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade; V - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente; VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

Entrando no tema de fato, para Lazier (2010, p. 38) compreender o que é meio ambiente é essencial para a EA, porém a não inserção dos aspectos sociais e culturais naquilo que tange meio ambiente, muitas vezes limita essa compreensão.

Nesse sentido, é importante salientar que meio ambiente não se resume à natureza, tão pouco os problemas ambientais se reduzem às questões biológicas, e da mesma forma, EA não deve ser resumida à preservação ou gestão da natureza. (LAZIER, 2010, p. 38)

Em concordância, Soares (2009, p. 4), afirma que é importante compreender que meio ambiente não se reduz apenas a recursos naturais, tratando-se de um conceito muito mais abrangente e produto da ação e da organização humana.

Para Soares (2009, p. 4), a concepção de meio ambiente empregado por uma sociedade provém da relação existente entre sua herança cultural e os recursos naturais, os quais são coexistentes e exercem influência simultânea no conceito de meio ambiente, sendo que sem os recursos naturais, o mundo humano não seria possível, e sem a herança cultural, não se pode falar em sociedade humana.

Nesse mesmo raciocínio, Younés & Garay (2006, p. 64) falam que a percepção do meio ambiente é fortemente específica da cultura, depende de crenças, ideias, experiências, tradições culturais e contextos socioeconômicos, enfatizando a importância do aspecto social para conceituar e compreender o que é meio ambiente.

Dentro da área de planejamento e gestão ambiental, Sanchez (2010, p. 20) define ambiente como amplo, porque pode incluir tanto a natureza como a sociedade; multifacetado porque pode ser apreendido sob diferentes perspectivas; e maleável porque pode ser reduzido ou ampliado de acordo com as necessidades do analista ou os interesses envolvidos.

Há outro conceito mais abrangente, descrito por Soares (2009, p. 4-5), que define meio ambiente como o espaço onde acontece todas as atividades humanas, como o trabalho, por produzir bem-estar humano à medida que se produz artefatos; e pela ação, devido a esfera pública proporcionar a liberdade, a responsabilidade e a ética, para consigo, para com o outro, para a sociedade na qual está inserido e humanidade em geral.

Nesse sentido, o autor refere-se à aspectos de meio ambiente, que estão ligados a condição de vida, e que vão além de recursos naturais:

saneamento básico, educação de qualidade, segurança pública, meio de transporte coletivo higienizado e dentro das condições adequadas de funcionamento, semáforos sincronizados, vias públicas sem buracos ou remendos malfeitos, sistema público de saúde de qualidade, emprego, coleta regular e seletiva de lixo, zoneamento da cidade, sistemas eficientes de combates a incêndio, a poluições sonoras, a queimadas dentro perímetro urbano, preservação dos mananciais existentes nos limites territoriais do município, preservação dos manguezais, participação real da população nas decisões tomadas nos municípios, otimização dos recursos financeiros públicos do município, acesso a água potável, a energia elétrica sem repressão, direito de dispor de três refeições diárias, o acesso à riqueza (SOARES, 2009, p. 5).

Para Jacobi (2003, p. 191), a reflexão acerca da complexidade ambiental, fomenta a formação de novos atores sociais, que por meio do diálogo e da interdependência de diferentes saberes, se mobilizem em prol de um modo de apropriação da natureza e de uma educação que promova a sustentabilidade e a participação, mas que também questionem os valores sociais prevaletentes na sociedade, procurando transformar o modo de pensar e as práticas educativas.

A partir dessa perspectiva, a EA cumpre um papel importante em processos de transformação social, pois além dela favorecer a participação de múltiplos atores no processo educativo, ela aponta caminhos a serem trilhados pela escola e pela comunidade, por meio da adoção de princípios e práticas sustentáveis (TRAJBER & SATO, 2010, p. 70).

3.3 Educação Ambiental (EA)

Existem muitas discussões em torno da EA, o que de acordo com Ribeiro, (2009, 67), uma das justificativas são as diversas nomenclaturas utilizadas para se referir-se a ela, como: Ecopedagogia, Alfabetização ecológica, Educação Ambiental Crítica, Emancipatória, Transformadora, Educação Ambiental Complexa, Educação Ambiental para a Sustentabilidade

A mesma autora ainda diz que esses vários nomes sinalizam um processo de construção e auto-organização histórica da EA, que mesmo tendo o foco nas práticas educativas voltadas a questão ambiental, entende-se que sendo a EA um eixo da educação, o debate epistemológico faz parte do seu processo de ressignificação, o que acaba por influenciar nas tendências de EA existentes.

Como forma de chegar ao entendimento mais coeso do que é EA, mas também compreender as diferentes formas de abordá-la, serão trazidas neste texto as três tendências da EA apontadas por Ribeiro, (2009, p. 67), EA Tradicional, EA Crítica e EA pós – crítica. Segundo a autora, essa é uma divisão didática apenas, não havendo a intenção de impor barreiras entre as três categorias, até porque as pessoas vivem um processo dinâmico e constante de

construção de conhecimento e identidade, podendo ser influenciadas por qualquer uma dessas tendências, há depender do contexto que esteja vivendo (RIBEIRO, 2009, 67-68).

A EA Tradicional conserva os interesses capitalistas, tendo como base teórica o cientificismo cartesiano, a racionalidade, o individualismo e a filosofia positivista (RIBEIRO, 2009, p. 68). Essa vertente da EA mantém um olhar meramente ecológico, não considerando os aspectos sociais, econômicos, éticos, políticos e culturais da sociedade, tendo na soma de ações individuais o caminho para resolver os problemas ambientais, fragmentando a realidade e acreditando que a(s) parte(s) seja(m) capaz(es) de resolver o todo (RIBEIRO, 2009, p. 69).

Para além disso, a EA Tradicional estimula uma prática preservacionista e conservacionista, no que diz respeito aos aspectos ecológicos, e não considera aspectos da subjetividade do indivíduo, enxergando que a tomada e a ampliação de consciência por si só, seja capaz de reconectá-lo com a natureza (RIBEIRO, 2009, p. 69).

De acordo com Layrargues (2006, p. 6), existe uma ideia fixa de que a EA possui vínculos apenas com a mudança cultural, acreditando que a solução da crise ambiental se dará por meio da instauração de uma nova ética, a ecológica, considerando apenas a relação do ser humano com a natureza, entendendo como natureza apenas os aspectos ecológicos, sem haver qualquer correlação com as condições sociais e/ou com a dimensão política entre os humanos. Isso acarreta numa exigência de mudança cultural para o cidadão, que resultará em mudanças individuais, pequenas e cômodas dentro de uma esfera privada, acreditando que que haverá solução tecnológica para todos os dilemas modernos, sabendo que esses serão discutidos e implementados no âmbito da esfera pública, mas ainda sem a participação do cidadão comum (LAYRARGUES, 2006, p. 6).

Contrapondo o conceito de EA presente na EA Tradicional, Sato (2001, p. 20), defende que a EA não visa conscientizar as pessoas, como a maioria acredita, muitas vezes reproduzindo um discurso sem fundamentação crítica da significação política da palavra, presente no pensamento de Paulo Freire. Segundo (Sato, 1997 apud Sato, 2001, p. 20-21), o mundo social não funciona apenas com base em consciência, mas também com base nas práticas, e que ninguém pode dar consciência a alguém, pois os seres são historicamente construídos, capturando a realidade na medida que são capazes de conceber os seus próprios mundos.

A segunda vertente de EA apresentada por Ribeiro (2019, p. 69), é a EA crítica, também chamada de EA Crítica, Emancipatória e Transformadora, que busca apresentar a realidade de forma questionadora

Essa tendência procura pensar a realidade, de modo a incluir o processo educativo nela, sendo essa educação um processo permanente e coletivo, que fazendo parte do cotidiano das pessoas, colocam elas como sujeitos construtores de suas histórias, agindo e refletindo sobre sua realidade, e portanto, transformando-a (RIBEIRO, 2009, p. 70).

Corroborando com Ribeiro, (2009), Mendonça (2007, p. 120) descreve a ideia de aprendizado vivencial:

(...) No aprendizado “vivencial”, é o corpo inteiro que aprende, não só o cérebro, e ele aprende porque interage com o que deve ser aprendido. As vivências permitem que a pessoa se aproxime de si mesma, fazendo com que o aprendizado se torne autêntico, pois é seu próprio corpo que vai produzir o conhecimento. (...) Via de regra, essa repercussão no corpo é bem diferente da imagem que faríamos se estivéssemos imaginando apenas aquela situação.

O conceito de EA apresentado por Jacobi (2003, p. 197) corrobora com as duas autoras, pois para ele, a EA apresenta-se como um eixo mais abrangente, o da educação para a cidadania, sendo ela um componente decisivo para a formação de sujeitos cidadãos, e para além disso, o fortalecimento da cidadania deve ser de tal forma que contemple toda a população, consolidando-se na individualidade de cada pessoa poder ser portadora de direitos e deveres, assumindo uma postura de corresponsabilidade na defesa da qualidade de vida.

E a terceira vertente da EA segundo Ribeiro (2009, p. 71) é a EA pós-crítica, que não é contrária à EA crítica, sendo inclusive interpretada por uma ampliação da Teoria Crítica, por envolver aspectos de identidade, subjetividade, cultura, etnia, sexualidade, gênero, raça e ecologia.

A autora compreende que a EA pós-crítica tem como objetivo a construção de sociedades sustentáveis, partindo do pressuposto que uma sociedade sustentável se constitui a partir de uma economia viável, de liberdade e respeito as diferentes culturas, e a uma política equitativa, capaz de promover justiça social e ética, e que elimine a pobreza, a luta de classes e qualquer outra forma de desigualdade.

Esse modelo de EA vinculada à sustentabilidade entende que as contradições são inerentes ao sujeito, e, portanto, que os aspectos espirituais, culturais, éticos, entre outros, que formam o sujeito devem estar interconectados. Para além disso, a EA pós-crítica parte de uma lógica conhecimento – emancipação, propondo que haja equilíbrio entre os aspectos sociais, econômicos e ambientais, fornecendo espaço para que o sujeito se aproprie de sua cultura e realidade social, para que ele seja capaz de prover as mudanças na sua realidade (RIBEIRO, 2009, p. 71-72).

Para Sato (2001, p. 21) é louvável que cada pessoa ou grupo social possua a sua própria expressão e/ou trajetória, o que não pode ser aceitável, é que elas pessoas renunciem ao poder de criticidade e reproduzam argumentos e práticas que incentivem ou causem a desmobilização da EA, ora enxergando-a como gestão ambiental, ora enxergando-a como uma prática educativa qualquer.

Pereira et al. (2016, p. 4) compreende que o comportamento da sociedade em relação ao meio no qual ela está inserida é indissociável no exercício da cidadania, e por isso defende que, o ensino sobre meio ambiente é uma ferramenta pedagógica de grande importância, pois torna os estudantes conscientes das questões ambientais, tornando-se cidadãos mais ativos, críticos e participativos.

A Lei de Educação Ambiental, Lei nº 9.795/1999, Art. 2º (BRASIL, 1999), descreve a EA como um elemento essencial e permanente da Educação Nacional, que deve estar presente em todos os níveis e modalidades de ensino, de forma articulada e em caráter formal e não formal. E o Inciso I do Art. 3º da mesma lei, faz menção aos Arts. 205 e 225 da Constituição Federal, tratando da educação e do meio ambiente respectivamente, dizendo que o poder público deve incorporar políticas públicas voltadas à dimensão ambiental, além de promover a EA em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente.

Todo estudante tem direito a uma educação escolar que estimule o exercício da cidadania para o meio ambiente, levando-os a refletir sobre a cidadania no mundo no qual vivem, e para isso, é fundamental o acesso às informações que possibilitem esse movimento SILVA, HULLER E BECKER (2011, p. 12)

Nesse sentido a EA tem potencial para contribuir na formação de cidadãos críticos, capazes de prover mudanças em suas realidades, posto que essa educação dever ser contínua, conscientizadora e capaz de levar a sociedade a um

processo de reflexão que resulte em ações e mudanças duradouras, não apenas como hábito, mas de valorização da vida (LAZIER, 2010, p. 13).

3.4 Sinop

A cidade de Sinop foi fundada no ano de 1974, sendo resultado do processo de ocupação da região norte mato-grossense ocorrido durante a Ditadura Militar (FARIAS, 2017, p. 86). Ainda segundo o mesmo autor, a ocupação da área se deu a partir de 1972, quando foram destinadas à Colonizadora Sinop S/A aproximadamente quinhentos mil hectares de terra ao norte da BR 163, e a posterior migração de sulistas, vindos dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. De acordo com Farias (2017, p.86), esse processo foi o terceiro movimento de povoamento humano, porque o território já era ocupado por etnias indígenas, e também por grupos menores, de extrativistas, posseiros e alguns seringueiros, que foram silenciados durante esse processo (LORD, 2011 apud FARIAS, 2017, p. 86-87).

Essas políticas de ocupação refletiam os interesses do governo militar em esvaziar os conflitos em todo o Brasil, por meio de uma propaganda oficial que indicava que havia terras em abundância à espera de colonizadores (LACERDA, 2013, p. 73).

Para Lord (2011) apud Farias (2017, p. 87) o “grande marco” desse projeto, foi constituir-se na formação de uma nova sociedade, marcada pela completa desvinculação com a história anterior do local e capaz de construir uma narrativa legitimada oficialmente pelo Estado que silenciou falas contrárias ao que vinha acontecendo.

Durante esse processo o povo indígena kaiabi foi alvo de intensas investidas de seringalistas, fazendeiros e grileiros, que utilizavam de violência para se apropriarem de seus territórios (LACERDA, 2013, p. 74). Na época o território ocupado pelos kaiabis abrangia a região localizada no domínio da bacia do rio Teles Pires, a qual sofreu um grande impacto dando origem à vários municípios, entre eles, Sinop (1970), Colíder (1976), Sorriso (1976), Alta floresta (1976), Lucas do Rio Verde (1981), entre outros (LACERDA, 2013, p. 73).

Ainda segundo Lacerda (2013, p. 74), atualmente, os índios kaiabis lutam para recuperar parte de suas terras e reagrupar o seu povo, porém enfrentam dificuldades, pois essas áreas hoje são ocupadas pelos grandes plantios de soja dos municípios de Sorriso, Lucas do Rio Verde e Sinop, entre outras áreas.

Atualmente Sinop é uma cidade marcada pela agricultura extensiva e pela intensa especulação imobiliária, e o uso e ocupação do solo do município segue um ciclo, iniciado pelo desmatamento e a conversão do solo em agricultura, na produção de soja, milho e algodão, seguido da pecuária extensiva, para exportação de carne e couro, e por último a ocupação da área pelo processo de urbanização (CARVALHO, 2021, p. 9).

De acordo com Alves (2019, p. 3677), municípios que possuem fronteiras agrícolas são atrativos para empresas de diferentes setores econômicos, inclusive do agronegócio, que investem parte do capital adquirido nas atividades rurais para na compra de territórios urbanos. Esses agentes além de concentrar a posse de lotes urbanos, dificultando a aquisição deles pelas classes de menor poder aquisitivo, induzem um ritmo de crescimento às cidades, pressionando o poder público a expandir as cidades, a fim de valorizar suas propriedades (ALVES, 2019, p. 3677).

Além disso, as dificuldades encontradas por pequenos agricultores e a falta de assistência e apoio adequados, contribuem para o êxodo rural e faz com que essas pequenas propriedades sejam incorporadas aos grandes latifúndios, intensificando ainda mais esse processo, e agravando a crise social e ambiental urbana (CARVALHO, 2021, p. 17).

Para Lacerda (2013, p. 75), o modelo de ocupação e exploração implantado na região de Sinop, gera uma série de desigualdades, que são invisibilizadas por uma ordem organizacional de poder que atende aos interesses das elites locais e do capital transnacional. Entre outros aspectos, esse cenário no qual os mais poderosos são favorecidos, caracteriza-se pela concentração de terra, que impacta diretamente na reconstrução do território da nação Kaiabi (LACERDA, 2021, p. 75).

Em concordância com Carvalho (2021, p. 17), e analisando mesmo que brevemente a história de Sinop, é evidente que o município de Sinop hoje é sim polo econômico da região e também do Brasil, mas ao mesmo tempo ele possui uma marca histórica de extrema desigualdade e devastação social

4. METODOLOGIA

4.1 Histórico e Atuação do projeto Arborescer

Realizou-se um levantamento dos relatórios de atividades de todos os anos do projeto, consulta ao memorial fotográfico, trabalhos acadêmicos desenvolvidos com dados do projeto; consulta à página do projeto na internet e às redes sociais. Adicionalmente, foram conduzidas entrevistas com os idealizadores e coordenadores do projeto para complementação de informações, apêndices A, B e C.

A partir dos documentos consultados foram construídos quadros, um para cada ano de atuação do Arborescer, com descrição de todas as atividades realizadas em ordem cronológica. Dentro de cada quadro, as atividades foram categorizadas em grupos, conforme o objetivo delas, sendo que as categorias foram estipuladas de forma diferente para cada ano, visto que há mudanças no perfil das atividades de um ano para outro.

Seguido dos quadros, está a explicação detalhada das atividades, bem como as imagens delas, e para a discussão foi utilizadas as informações das entrevistas, e em determinados casos, trabalhos de outros autores.

4.2 Diagnóstico Rápido Participativo (DRP)

O diagnóstico rápido participativo (DRP) foi aplicado com o intuito de identificar e registrar a relação de cada membro com o projeto, levantando reflexões críticas que podem nortear ações futuras. As respostas foram obtidas de forma anônima, sendo baseadas nas experiências, expectativas, limitações, entre outros fatores individuais dos membros do projeto Arborescer.

O formulário foi desenvolvido em meio digital, através da plataforma Google Forms, sendo gerado um link que foi disponibilizado aos membros, por meio do aplicativo de comunicação da equipe executora do projeto, ferramenta utilizada para compartilhar informações pertinentes ao projeto. Após o envio, foi considerado o prazo de quinze dias, sendo este prorrogado por mais quinze dias. O questionário foi composto de dezessete questões, divididas em questões com respostas de múltipla escolha e dissertativas, conforme Apêndice D. O público-alvo do DRP foram os membros ativos do projeto Arborescer, identificados em consulta aos coordenadores do projeto.

As perguntas iniciais estão voltadas a traçar o perfil dos membros, como vínculos institucionais, tempo de participação no projeto, entre outros. As

posteriores, foram destinadas às áreas de atuação do projeto, como tipos de atividades realizadas, afinidades à cada etapa da atividade, e solução de problemas. Por último, as questões buscaram extrair dos membros fortalezas e potencialidades do projeto, algumas limitações e lacunas que possam existir e também as perspectivas deles em relação ao futuro do projeto, bem como sugestões.

Para além deste trabalho, as informações poderão auxiliar na análise do projeto, de forma a ressignificar e renovar os objetivos e as metas, assim como mudar algumas estratégias para superar alguns desafios, e adaptar-se as novas realidades construir novas formas de se trabalhar com EA, para além das práticas convencionais.

4.3 Perspectivas futuras

Por este trabalho ser um estudo de caso, a conclusão dele será construída com base nas perspectivas futuras de seus membros, inicialmente do professor Juliano e da professora Paula, como idealizadores e coordenadores do projeto; mas também expectativas e sugestões trazidas pelos membros do projeto no DRP.

Inicialmente fez-se um compilado das potencialidades e dos principais desafios do projeto, bem como as grandes mudanças, que alteraram as rotas do Arborecer, sendo esses aspectos extraídos dos quadros dos relatórios de atividades, mas também das entrevistas e do DRP.

As perspectivas futuras foram apontadas através da última pergunta do formulário (perspectivas e sugestões) e das entrevistas realizadas junto aos idealizadores do projeto. A partir disso, as informações coletadas foram apresentadas, conforme os assuntos abordados por cada membro, destacando aquelas que traziam algo único, positiva ou negativamente.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Identificação de espécies arbóreas e educação ambiental em trilha interpretativa no Parque Florestal de Sinop – MT (2010)

O projeto de extensão universitária denominado Arborescer, oriundo da UFMT - CUS (Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus* Universitário de Sinop), foi idealizado pelos discentes Juliano de Paulo dos Santos e Paula Sueli Moreira, respectivamente Engenheiro Florestal e Zootecnista, vinculados ao Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais (ICAA), da mesma universidade.

O Arborescer teve início em 2019, no entanto, o trabalho dos envolvidos na criação do projeto naquele ano vem desde 2010, quando iniciaram o projeto “Identificação de espécies arbóreas e educação ambiental em trilha interpretativa no parque florestal de Sinop – MT”, coordenado pelo professor Juliano, mas tendo em sua equipe professores e estudantes dos cursos de Engenharia Florestal, Medicina Veterinária e Zootecnia (SANTOS, 2010, p. 2 e 9).

Na mesma época, a professora Paula fundou o GEAS (Grupo de Estudos de Animais Silvestres), do qual os membros realizavam debates acerca da questão animal do estado de Mato Grosso (MT), especialmente de Sinop; e a ARRAS (Associação de Reabilitação e Reintrodução de Animais Silvestre), que atuava nos cuidados de animais silvestres resgatados. Esse processo foi contado por ela mesma, em sua entrevista, logo na primeira pergunta, na qual ela contou sobre a sua trajetória profissional e da sua identificação com a EA.

Em sua fase inicial, quando ainda não era chamado de Arborescer, o projeto foi marcado por atividades voltadas à identificação de espécies florestais, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Identificação de espécies arbóreas e educação ambiental em trilha interpretativa no parque florestal de Sinop – MT (2010)

N ^o	Nome da Ação	Descrição
1	Aulas práticas da disciplina de Dendrologia nas trilhas do (Parque Natural Municipal Florestal (PNMF)de Sinop	Os estudantes aprenderam identificar as espécies arbóreas ocorrentes no PNMF, por meio de características percebidas em campo, e também por meio da coleta de material botânico e posterior identificação no laboratório da universidade.
2	Visitação às trilhas do PNMF	Estudantes de engenharia florestal participaram da formação para atuarem como guias florestais das trilhas, durante a visitação de estudantes do ensino fundamental e médio dos municípios de Sinop e Vera. Ao longo das trilhas eram abordados conhecimentos acerca das espécies identificadas, bem como eram questões pertinentes à EA. As trilhas eram realizadas quinzenalmente, e para verificar a eficácia delas em relação aos conhecimentos compartilhados, era aplicado um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) nas escolas, quinze dias antes da visita, e aplicava-se outro ao final das trilhas.

Fonte: Relatório PROCEV-CODEX/Sinop 2010

Entende-se que o projeto tinha dois públicos-alvo, sendo o primeiro grupo formado por estudantes da UFMT, sendo 5 da Medicina Veterinária, 2 da Zootecnia e 12 da Engenharia Florestal, totalizando 21 estudantes; e o público externo, sendo 100 estudantes do quinto ano da EMEB (Escola Municipal de Ensino Básica) Sadao Watanabe e EMEB Armando Dias e 100 da Escola Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, totalizando 200 estudantes (SANTOS, 2010, p. 2).

A equipe tinha como objetivo, proporcionar condições de aulas práticas voltadas à identificação de espécies florestais aos estudantes da Engenharia Florestal que cursavam a disciplina de Dendrologia; Consolidar as trilhas já existentes no Parque Florestal, bem como melhorar os atrativos à visitação e a possibilidade de integrar o Parque Florestal à população de Sinop; Trabalhar a EA de estudantes do ensino fundamental e médio no município de Sinop no Parque Florestal, tendo como foco a relação íntima entre os componentes da biosfera e as consequências do desenvolvimento das atividades econômicas no Norte do Mato Grosso (SANTOS, 2010, p. 3).

Os resultados das atividades estão descritos no relatório final do projeto. Não houve melhorias na infraestrutura do Parque Florestal, pois não houve financiamento necessário para a confecção e implantação das placas de identificação e orientação que foram elaboradas (SANTOS, 2010, p. 3).

Em consulta ao relatório, percebe-se que os resultados para o primeiro grupo foram positivos, visto que os estudantes aprenderam sobre a identificação de espécies arbóreas, além da disciplina de Dendrologia ter sido estruturada no parque, e nesse processo foram identificadas aproximadamente 50 espécies florestais (SANTOS, 2010, p. 4). Também houve aspectos da multidisciplinaridade, devido a interação entre universitários de diferentes cursos, proporcionando a junção de diversos aspectos dos recursos naturais debatidos no projeto, bem como da interdisciplinaridade, por meio da abordagem da EA com estudantes das escolas, entendendo a EA como tema interdisciplinar, que busca a mudança de postura por meio da análise de variados aspectos relacionados aos recursos naturais (SANTOS, 2010, p. 4).

Também houve publicação técnico-científica, sendo apresentado um trabalho no I Encontro de extensão de SINOP (ENES) (SANTOS, 2010, p. 4).

Os resultados para o segundo grupo foram obtidos por meio da aplicação de um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que de acordo com o relatório, entre as pessoas que responderam o formulário, 80% responderam que aprendeu algo novo; e 80% avaliaram o projeto como muito bom e 18% como bom (SANTOS, 2010, p. 5).

As informações compartilhadas pela equipe executora ao longo das atividades, representam apenas uma parte da grandiosidade de informações acerca da EA, e são compartilhadas de modo que possam ser multiplicadas em outras atividades cotidianas dos seus participantes, gerando assim, uma rede de sensibilização para a temática.

Em uma atividade de “Levantamento das espécies em torno da escola”, com 38 crianças do 5º ano, Santos e Padilha (2021, p. 362 e 363), obtiveram os seguintes resultados: 100% das crianças gostaram de realizar as atividades, e destas 37% destacaram o aprendizado, havendo relato do tipo “aprendi coisas novas e aprendi muitas coisas sobre as árvores”; 32% demonstraram sentimento de alegria, com respostas como “foi legal medir e conhecê-las e bem legal ter esse tempinho com a natureza”; e por fim, 11% deram destaque às medições proposta durante a ação, dizendo por exemplo que “eu aprendi medir as árvores e porque a gente se ajudou medir as árvores”.

Os resultados positivos tanto do Arborescer como de Santos e Padilha (2021) demonstram a abertura das crianças para as ações de EA, e o quanto essas ações

impactam positivamente, contribuindo para a formação do conhecimento e da consciência delas.

Houve um intervalo entre os anos de 2011 e 2018, período em que o professor Juliano e a professora Paula dedicaram-se a outras atividades, que não tinham vínculo direto com o projeto, mas que abordavam a temática e a educação ambiental de alguma forma, o que para eles foi de grande valia, pelo acúmulo de conhecimento e experiência que eles adquiriram.

Na entrevista realizada com o professor Juliano e com a professora Paula, a pergunta 2, tratava exatamente sobre esse período entre os anos de 2010 e 2019, se eles trabalharam ou não com EA durante essa época. Desse modo, foram retirados trechos das respostas, primeiro do professor Juliano e em seguida da professora Paula, para contextualizar esse processo.

O professor Juliano avalia que em 2010 eles fizeram um bom trabalho, pois cumpriram o que haviam se proposto, atenderam muitas pessoas, e trabalharam com identificação de espécies florestais e EA, mas reconhece também que enfrentaram uma série de dificuldades.

Já em 2011, estava começando o projeto de arborização do *campus*, então ele optou por continuar trabalhando com identificação de espécies florestais, mas dessa vez na Praça da Bíblia, Praça dos Pioneiros e Praça das s Bandeiras, localizadas no centro de Sinop. Uma das ações deste ano, foi a marcação e identificação de indivíduos arbóreos dessas praças, o SINDUSMAD (Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso) foi parceiro, doando alguns equipamentos necessários para as atividades. A parceria visava a fixação de placas informativas em trilhas nessas praças, contudo, isso acabou não acontecendo.

De 2011 para 2012 o professor Juliano criou outro projeto de extensão, mas dessa vez mais focado na UFMT, pensando no planejamento da arborização do *campus*, seguindo a iniciativa da própria universidade. Ele tinha intenção de contribuir um pouco com a arborização do *campus*, e envolver os estudantes, ingressos e egressos nesse processo. Sua ideia era que cada turma que ingressasse na universidade plantasse uma árvore, que representasse aquela turma, e do mesmo modo, que esses estudantes plantassem outra árvore quando concluíssem o curso. Dessa forma, cada turma teria uma árvore no *campus* que a representasse, e ao longo dos anos, poderiam receber visitantes no *campus* para falar dessas árvores.

E então nos anos de 2013 e 2014, o professor Juliano focou mais na pesquisa, e não elaborou projeto de extensão, pois estava se preparando para ingressar no doutorado. Durante esses dois anos, ele contribuiu em outros projetos de extensão, falando sobre as árvores e sobre a Engenharia Florestal. Como exemplo, um desses projetos chamado de “Escola sempre verde”, foi executado nas escolas municipais e estaduais de Sinop, plantou árvores nas escolas, e uma vez ele foi visitar uma escola no Camping Club para ajudar a pensar em um plano de arborização para ela. Ele também contribuiu no projeto da professora Paula, que será descrito a seguir, e conta que ele sempre foi mais engajado para o lado da vegetação, enquanto a professora Paula se identificava mais com a fauna, e havendo o interesse dos dois pela educação ambiental, ambos se ajudavam.

Ainda nesse período, ele não soube dizer o ano, o professor Juliano atuou como conselheiro do COMAM (Conselho Municipal do Meio Ambiente) de Sinop, onde tentou incentivar ações voltadas à EA, ou pelo menos discutir a EA em uma esfera mais política. Terminado seu mandato, ele foi sucedido pela professora Paula, que se tornou a nova representante da UFMT - CUS no COMAM, naquela época.

E por fim, entre 2015 e 2018, ele dedicou-se ao doutorado, na UFLA (Universidade Federal de Lavras), retornando para Sinop no início de 2019.

Em sua entrevista a professora Paula conta que entre os anos de 2010 e 2018/2019, ela, o professor Juliano e outros professores da UFMT, eram sempre chamados para trabalhar na Semana do Meio Ambiente junto à SDS e à Secretaria Municipal de Educação (SME) de Sinop, para falar de biodiversidade e temas afim, mas que a ideia de transformar essas ações no Arborecer iniciou em 2018/2019.

E assim como o professor Juliano, ela fala que entre os anos de 2010 e 2019 eles sempre trabalharam com a EA, tendo como palco principal o Parque Florestal, mas que também iam até as escolas, assim como as escolas iam até eles, nas ações que realizadas no Parque Florestal, sendo que encontros eram recorrentes em eventos como a Semana do Meio Ambiente, Dia da Árvore, entre outros relevantes para a área ambiental.

E ela também relata um pouco sobre a sua experiência com o GEAS e o ARRAS, que foram projetos voltados à fauna silvestre idealizados por ela. Segundo a professora Paula, no início dessas atividades existem sempre muitos

colaboradores, e com o tempo isso vai ficando escasso, o que no caso do GEAS levou à extinção dele.

Já no caso da ARRAS, era necessário muitas pessoas para dar conta dos cuidados com os animais, o que não era fácil porque era todo dia, de segunda a segunda, e fazia parte da rotina ter que administrar animais novos que chegavam ao recinto, animais que adoeciam, que fugiam, cerca que quebrava.

Além disso, ela não recebia nenhuma ajuda de custo de nenhum órgão público. Algumas vezes recebia doação de comida, mas em outras precisava custear sozinha a alimentação, além de medicação, entre outras despesas. E essa sobrecarga de gastos e responsabilidades, foi tornando o projeto oneroso, além de desgastante para ela.

Até que um dia, a pessoa que emprestou o terreno, pediu o espaço de volta, e nessa época ela já estava bem cansada e sobrecarregada financeiramente. Por fim ela termina dizendo que é um pouco desanimador, mas que ver os animais bem, e o momento da soltura deles, fazia tudo valer a pena.

5.2. Arborecer: Enraizando o conhecimento (2019)

Passado esses anos, em 2019 o projeto é retomado, desta vez denominado Arborecer. Na entrevista com o professor Juliano, pergunta 4, que perguntava quais mudanças eles enxergavam no projeto ao longo desses anos, ao longo da sua resposta, ele elabora um pouco sobre como foi a decisão de mudar o nome do projeto, e também da retomada do mesmo em 2019.

De acordo com o professor Juliano, o Arborecer é o mesmo projeto que teve início em 2010, porque a atividade sempre foi a mesma, receber pessoas nas trilhas, sejam elas no Parque Florestal ou na Matinha, e ao mesmo tempo, as dificuldades também permaneciam as mesmas. Sendo que esse último, contraditoriamente acabou se tornando um diferencial, pois trouxe resiliência e fez com eles renovassem as suas perspectivas em relação ao projeto de tempos em tempos, inclusive, é nesse momento que surge a ideia de um novo nome para o “mesmo projeto”.

Ainda segundo ele, o nome “Arborecer” surge com a ideia de um nome curto, mas potente, e que ao mesmo tempo dá espaço para construir uma evolução ao longo desses anos, renovando assim a identidade do projeto, até porque Arborecer sozinho, soava como um nome bacana, mas curto, e que a

adoção de slogans ano a ano, permite mudar temáticas, renovar ações e renovar pessoas, o que na percepção dele surgem outros movimentos.

E ele continua dizendo que quando a temática muda, as pessoas também mudam, e o projeto se renova, porque às vezes algumas pessoas continuam no projeto, mas não estão tão ativas, e ao mesmo tempo surgem outras, com ideias novas, demonstrando também, que é preciso gerar engajamento e envolvimento para que as pessoas consigam se integrar e contribuir com o projeto.

E por fim, compreendo que as ações e as dificuldades permaneciam as mesmas, mas que dessa vez eles tinham mais acúmulo, e que ao mesmo tempo o projeto vinha com uma outra roupagem, o professor Juliano conclui que eles estavam redesenhando um projeto já existente, e não criando um novo projeto.

Quadro 2: Arborecer - Enraizando o conhecimento (2019)

Nº	Nome da Ação	Descrição
Grupo 1- Estruturação das Trilhas Interpretativas no Parque Florestal		
1	Identificação de espécies florestais e de potenciais pontos de parada nas trilhas; e levantamento de ações de educação ambiental a serem desenvolvidas com os visitantes	Foi construído um banco de dados com informações das espécies identificadas no parque, sendo que as árvores consideradas mais relevantes foram definidas como pontos de parada das trilhas. Essa atividade também serviu como capacitação de estudantes que participavam do projeto, como guias florestais, e como mapeamento de atividades de educação ambiental que poderiam ser desenvolvidas no parque.
2	Elaboração, produção e instalação das placas das trilhas interpretativas	As placas foram elaboradas seguindo um padrão de design artístico e das informações da flora e da fauna à serem apresentadas. Elas foram patrocinadas pela Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), e colocadas nos pontos de parada das trilhas, com apoio dos funcionários do PNMF.
3	Capacitação interna do projeto Arborecer	Essa ação compreende um conjunto de atividades que contribuíram para a formação interna da equipe e o ingresso de novas/novas participantes, sendo elas: 1. Seleção e recepção de novas/novas integrantes; 2. Manutenção das placas e das trilhas no PNMF; 3. Prospecção e mapeamento de novas trilhas, visando a ampliação da área de atuação no parque; 4. Reuniões temáticas semanais voltadas ao propósito e a prática da educação ambiental.
Grupo 2 - Semana e Mês do Meio Ambiente		
4	Semana e mês do meio ambiente	A semana do Meio Ambiente em Sinop é organizada pela SEMAD, em parceria com diversas entidades locais. Em 2019, a equipe do Arborecer atuou por meio das trilhas interpretativas guiadas, onde estudantes e visitantes puderam aprender sobre a importância da flora e da fauna para a biodiversidade do parque e da região como um todo.
Grupo 3 - Divulgação		
5	Divulgação do projeto: mídias e público	A divulgação do projeto era realizada por meio de panfletos, elaborados pela equipe, e pelo gerenciamento das redes sociais do projeto. Além de divulgar as ações do projeto, essa ação visava a prospecção de grupos para a realização das trilhas interpretativas.
6	Mês da Árvore	Essa ação compreende a realização das trilhas interpretativas, com o intuito de ressaltar aspectos importantes das árvores e das florestas no fornecimento de produtos e serviços ecossistêmicos. Além disso, foi elaborado um material de divulgação, que ressalta as características morfológicas, ecológicas e a tecnológicas de trinta espécies da região, sendo este divulgado diariamente nas redes sociais do projeto, durante todo o mês de setembro.
Grupo 4 - Educação Ambiental na Escola		
7	Diálogos sobre educação ambiental: do uso racional à conservação da natureza	Essa foi uma atividade conjunta entre estudantes que faziam parte do projeto, e de discentes da disciplina de Etologia, ofertada pelo curso de Zootecnia. Foram realizadas apresentações com temas voltados à educação ambiental em turmas da Escola Municipal de Educação Básica Thiago Aranda Martin e da Escola Estadual Ênio Pipino. Para perceber o impacto e a contribuição das apresentações, foi aplicado um DRP antes e após as palestras.

Fonte: Relatório PROCEV-CODEX/Sinop 2019.

Visto que em 2019, houve um aumento no número e na diversidade de atividades, optou-se por agrupá-las conforme as suas finalidades, da seguinte

forma: Grupo 1. Estruturação da trilha interpretativa no PNMF (Parque Natural Municipal Florestal); Grupo 2: Semana e Mês do Meio Ambiente; Grupo 3. Divulgação e Grupo 4. Educação Ambiental na Escola.

O Grupo 1 compreende as Ações 1 e 2, voltadas especificamente à estruturação das trilhas, pontos de parada e instrumentalização pedagógica para as práticas que foram desenvolvidas; e a Ação 3 mais direcionada às atividades de formação.

Em relação à trilha, cabe dizer que ela já existia no parque, sendo frequentemente usada pelos visitantes, e que o Arborescer pretendia estruturá-la para torná-la mais atrativa e informativa, à exemplo do que acontece em outros parques do Brasil.

Em consulta à entrevista, também na pergunta 4, o professor Juliano conta que um grande sonho da equipe era ter monitores no PNMF, para guiar as trilhas junto aos visitantes. Tanto que houve iniciativa por parte da equipe de capacitar os estudantes para guiar as trilhas do PNMF, e assim eles o fizeram na Semana do Meio Ambiente, atividades que estão descritas logo abaixo.

Uma coisa que tanto o professor Juliano, quanto a professora Paula citaram, em resposta à mesma pergunta 4, é a independência adquirida em relação ao órgão de meio ambiente de Sinop, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SDS) para as ações de educação ambiental. Eles continuaram parceiros, mas começaram a desenvolver atividades com mais independência. O professor Juliano descreve que enxergava o apoio da secretaria, tanto em relação à universidade, quanto ao projeto bastante deficitário, e eles eram chamados apenas para contribuir em eventos, geralmente na Semana do Meio Ambiente, e no restante do ano o projeto era muito pouco acessado.

E ele explica que esse foi um propósito do Arborescer, ter estudantes e guias treinados para receber os visitantes no PNMF, que na verdade isso era um grande sonho, mas eles esperavam um apoio financeiro da secretaria nesse sentido, o qual não aconteceu, porque seria injusto que as pessoas ficassem no parque aos finais de semana trabalhando, sem receber um pró-labore justo. Para ele isso foi um insucesso, mesmo entendendo que existem dificuldades, visto que o próprio Arborescer tem as suas dificuldades, mas ao mesmo tempo, se não há avanços, o que de fato não houve, as pessoas cansam.

Na mesma linha de raciocínio do professor Juliano, em resposta à pergunta 5, que é sobre as dificuldades e limitações do projeto, a professora Paula comenta que sentia que o projeto era usado, e que muitas vezes eram outras pessoas/instituições que levavam os créditos, e que hoje, eles se valorizam mais, e quando participam de eventos, vão para mostrar e levar a mensagem do Arborescer. E é possível perceber isso que a professora Paula fala, durante a leitura deste trabalho, pois são descritas atividades de diferentes perfis, e que em muitas delas o Arborescer é quem toma a iniciativa, ou é um dos protagonistas, junto a outros parceiros.

E palavras dela (...) “a gente começar valorizar quem está fazendo, como está fazendo, quem está participando, porque a gente sabe que o recurso humano vai começando ficar escasso, mas é legal a gente mostrar que a gente tem feito coisas muito bacanas, ações que às vezes são únicas (...).”

De acordo com Selem e Moreira (2021, p. 84), o planejamento da trilha é a conduta inicial para aperfeiçoar o uso público de uma área verde, promovendo assim uma EA participativa, que envolva a comunidade e insira a mesma na conservação do ecossistema natural.

Corroborando com os autores, inicialmente a equipe do projeto fez um levantamento das espécies arbóreas, e definiram os indivíduos mais relevantes como pontos de parada da trilha. Em relação à fauna, incluindo também alguns insetos, foram definidos como pontos de paradas locais onde os animais foram avistados.

A próxima etapa foi a confecção e instalação das placas informativas na trilha, imagem 1. As placas foram elaboradas pelos estudantes, com base em pesquisas bibliográficas e sob a orientação dos professores. Além das placas, foram gerados mapas do PNMF, imagem 1, indicando a localização da trilha 1, estruturada pelo Arborescer; e da trilha 2, que seria construída e estruturada pelo projeto, na área depois do lago, onde a vegetação é mais fechada.

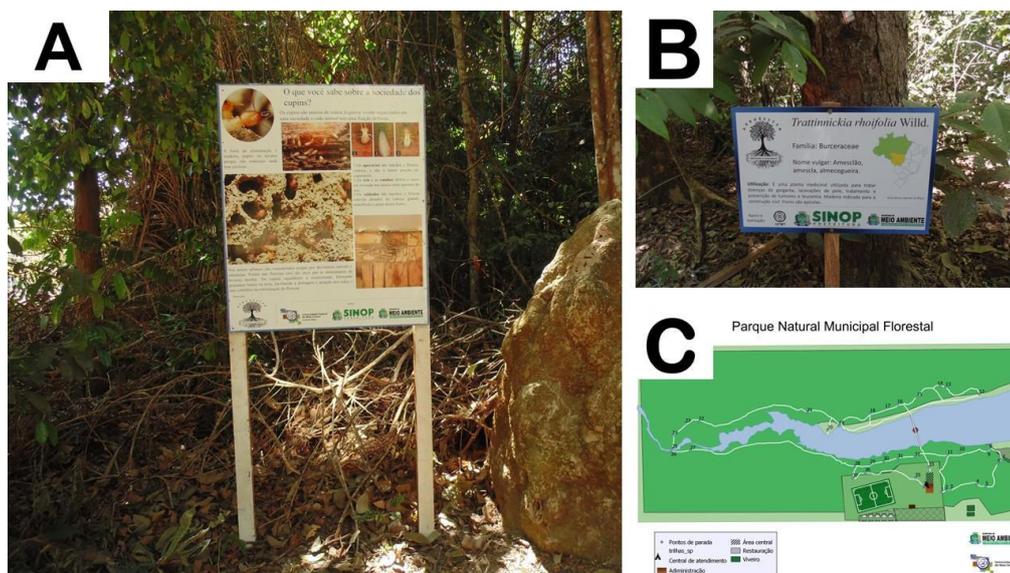


Imagem 1. A e B. Placas instaladas nas trilhas; C. Mapa indicando as trilhas no PNMF.

Semelhante ao Arborecer Costa (2017, p. 209), utilizou-se do levantamento florístico para instalar uma trilha interpretativa em um remanescente florestal, para fins de ecoturismo. As trilhas interpretativas conduzidas em áreas verdes, incorporam os indivíduos vegetais existentes no local, ampliando o aprendizado compartilhado e adquirido durante a execução da trilha (COSTA, 2019, p. 210).

Para planejar uma trilha em uma APP (Área de Preservação Permanente), Alberton & Jacob (2022, p. 250), utilizaram-se do método do IAPI (Índice de Atratividade dos Pontos Interpretativos), que segundo eles facilita a definição de pontos com potenciais educativos e interpretativos.

Observando as diferentes experiências, nota-se que podem ser aplicadas diferentes metodologias na construção e/ou estruturação de trilhas interpretativas, entretanto é essencial apoiar-se em critérios técnicos durante todo o processo, a fim de realizar um trabalho confiável, destacando os potenciais de cada lugar.

Para o Arborecer fica a segurança de ter realizado um trabalho confiável, visto que a metodologia escolhida é também utilizada por outros projetos, mas também a possibilidade de adotar outras metodologias em ações e locais em que o projeto venha atuar.

Dentro do Grupo 1 ainda estão contempladas as atividades de formação, que compõem a Ação 3, destacando-se entre elas, a Formação dos estudantes como guias da trilha interpretativa e as Reuniões temáticas semanais.

As trilhas foram guiadas pelos professores, que transmitiram aspectos importantes da flora e da fauna do PNMF aos graduandos, seguindo principalmente as referências e os dados indicados nas placas, já pensando em como os estudantes poderiam atuar e abordar esses assuntos juntos aos visitantes do parque.

Souza e Baldini (2015, p. 528) relatam um curso de Monitores de Ecoturismo, que segundo elas contribuiu para o aumento da presença institucional, além de aliar o monitoramento ambiental ao turismo monitorado por meio de jovens capacitados para atuar nessas áreas. Ainda de acordo com as autoras, o ecoturismo na região favorece o envolvimento das comunidades locais na proteção ambiental, por meio das trilhas, e também é uma fonte de renda para a população.

A experiência contada por Souza e Baldini (2015) possui uma abordagem diferente da utilizada pelo Arborescer, mas por outro lado, ambas têm como foco aproximar a população das áreas verdes, e promover por meio das trilhas, a conscientização ambiental e a proteção dessas áreas. Em relação às Reuniões temáticas semanais, imagem 3, elas aconteceram no Laboratório de Anatomia e Dendrologia, nas dependências da universidade. À cada semana um grupo de estudantes, sob a orientação de um docente apresentava um tema voltado à temática ambiental, na sequência havia um debate cerca do assunto apresentado.



Imagem 2. A, B e C. Reuniões Temáticas Semanais - Grupo de Estudos 2: Ecologia da Conservação

As “Reuniões temáticas semanais” foi a primeira atividade de formação do Arborecer nesse molde, ainda assim, foi bem apreciada pelos membros, e no decorrer do trabalho será possível perceber que esse tipo de atividade, voltada à leitura, seminários e debates, será algo recorrente no projeto.

De forma semelhante, participantes do GEEDUCA (Grupo de Estudos em Educação Ambiental) realizaram atividades como a leitura e o debate de um texto sobre EA; e também assistiram à um filme com a temática ambiental, seguido pela apresentação de dois seminários, para a conclusão de tal atividade (SILVA JUNIOR, 2017, p. 36, 37, 41 e 43).

A EA quase sempre é apresentada por meio de atividades práticas, em locais abertos e com grandes públicos, mas com base nas experiências do Arborecer e do GEEDUCA, percebe-se que ela acontece também em atividades menores, envolvendo apenas a equipe dos projetos.

Ocorre que essas atividades são tão importantes quanto as atividades práticas, pois contribuem para a formação da equipe, promovem a interação entre os membros e fomenta novas ideias e/ou propostas, servindo de alicerce para as atividades práticas com o público externo.

O grupo 2, refere-se à Semana e ao Mês do Meio Ambiente, dois eventos que aconteceram entre os dias 5 a 7 de junho e 26 a 29 de junho, respectivamente, em menção ao Dia do Meio Ambiente, comemorado em 05 de junho (SANTOS, 2019, p. 4).

Os dois eventos foram pensados pela SDS, e contaram com a uma série de atrações e atividades que abordaram a temática ambiental, como o Pulmão Gigante, de posse do estado de MT; Tiro de Guerra de Sinop; o "Museu Itinerante da Flora e Fauna da Amazônia Mato-Grossense", projeto do ABAM (Acervo Biológico da Amazônia Meridional) da UFMT Sinop; o Arborecer, entre outras entidades, conforme Imagem 3 (SANTOS, 2019, p. 3).



Imagem 3. A. Atividade do Tiro de Guerra com as crianças; B. Equipe do Arborescer; C. Exposição do Museu Itinerante; D. Atividade de recreação com as crianças; E. Pulmão gigante. F. Monitor guiando uma trilha.

Durante a Semana do Meio Ambiente, o Arborescer assistiu mais de 1200 crianças nas trilhas guiadas pelos monitores, que explicaram sobre a fauna e a flora existente no parque. Já no segundo evento, o projeto assistiu mais de 3500 crianças e adolescentes no PNMF (SANTOS, 2019, p. 4).

Rocha et al. (2017) e Lazzari et al. (2017), descrevem duas experiências de trilhas, um pouco diferente das realizadas pelo Arborescer, tanto pelo perfil das trilhas, quanto por eles terem aplicado questionários.

Em seu trabalho, Rocha (2017 et al., p. 90) apresenta alguns relatos de estudantes que realizaram a trilha e responderam ao questionário aplicado, como do estudante E4, que diz: “Agora eu sei pô, agora eu tenho uma ideia muito diferente, não é só você conhecer, é para você conhecer não só as plantas, mas sim as histórias delas. Tem muitas plantas aqui não tiveram origem aqui no Brasil, vieram da África ou de outro continente”; e do estudante E9 “A trilha é ciências, história, geografia e ética também né, porque é questão disso mesmo, de ter educação e respeito por tudo que está a nossa volta, inclusive com os nossos colegas”, fala do estudante.

Já Lazzari (2017, p. 165), usou uma abordagem diferente no questionário, e destacando uma das questões que tratava das funções ecológicas das plantas, as opções mais escolhidas foram a fotossíntese, alimento para a fauna e refúgios de animais. E quando o questionário foi reaplicado, após a realização da trilha, não foram marcadas novas opções, mas houve um incremento de 280% nas

citações de controle de erosão e de 125% nas citações da função de estabilizante térmico.

Por fim, tanto os relatos dos estudantes, trazidos por Rocha (2017) e os dados apresentados por Lazzari (2017), além da experiência do Arborescer na Semana do Meio Ambiente, considerando a grandiosidade que foi o evento, demonstram um impacto positivo na percepção e na consciência ambiental de pessoas que realizam trilhas ecológicas.

O Grupo 3 abrange as ações voltadas às redes sociais do Arborescer, sendo a Ação 5, divulgação das atividades desempenhadas pelo projeto, e a Ação 6, uma sequência de postagens em menção ao Dia da Árvore, comemorado em 21 de setembro.

A Ação 5 refere-se à criação do perfil do Arborescer em plataformas de mídias sociais, Facebook e Instagram, e também a divulgação das atividades e de panfletos com informações do projeto e do PNMF, imagem 4. De forma mais ampla, o objetivo dessa ação era popularizar o projeto, mas especialmente, prospectar novos grupos para realização das trilhas, e por fim despertar nos visitantes um olhar mais consciente para com o PNMF (SANTOS, 2019, p. 5).

Já a ação 6 compreende um conjunto de publicações sobre espécies arbóreas nativas da região de Sinop, realizadas ao longo do mês de setembro, imagem 4. As publicações eram diárias, e para isso foram elaboradas 30 artes com a imagem da espécie, nome científico e popular, características morfológicas e ecológicas, importância econômica e aplicação industrial (SANTOS, 2019, p. 4 e 5).



Imagem 4. A e B. Artes elaboradas para divulgação do Arborescer; C. Uma das artes elaboradas em homenagem ao Dia da Árvore.

De acordo com Benassi et al. (2015, p. 5), a divulgação científica é um método de transmissão de informações sobre ciência e tecnologia, direcionado a um público diverso, por meio de recursos, técnicas e meios diversificados, entre eles, pode-se citar livros, jornais, revistas, documentários, história em quadrinhos, museus, programas de rádio e TV, canais educativos, blogs e sites.

Dentre esses canais, ainda pode-se incluir as mídias sociais, bastante difundida nos últimos anos para diversos fins, sendo muitas vezes o principal canal de divulgação e comunicação de projetos de extensão universitária e/ou educação ambiental.

Figueiredo e Souza (2021, p.27), ressalta que as redes sociais podem ser utilizadas como recurso pedagógico em diversas áreas do conhecimento, e que do mesmo modo que a EA, quando abordada sob um olhar crítico, pode percorrer todas as áreas de ensino-aprendizagem.

Tal como o Arborescer Parra et al. (2019) e Rodrigues (2021), utilizaram-se das redes sociais como um canal de divulgação científica e conscientização ambiental.

À exemplo deste trabalho, Rodrigues (2021, p. 14) obteve dados acerca do engajamento do público em relação ao seu perfil, utilizando as ferramentas disponibilizadas pelo Instagram, mídia social utilizada por ela, e com base neles escreveu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que leva o mesmo título do perfil, “O lago não está pra Peixe”.

Parra et al (2019, p. 6), descreve como positiva o uso das mídias sociais em projetos de divulgação e sensibilização ambiental, devido à conexão rápida, além do poder de alcance e do valor acessível, entre outros benefícios. Mas ele ressalta que é essencial identificar o público-alvo e citar as referências das informações difundidas, para que as postagens sejam eficientes, e alcancem o público estimado (PARRA et al., 2019, p. 6).

O Grupo 4 contempla apenas a Ação 7, que se refere à uma atividade de EA realizada para com estudantes da Escola Municipal de Educação Básica Thiago Aranda Martin e da Escola Estadual Ênio Pipino, apresentadas na imagem 5.

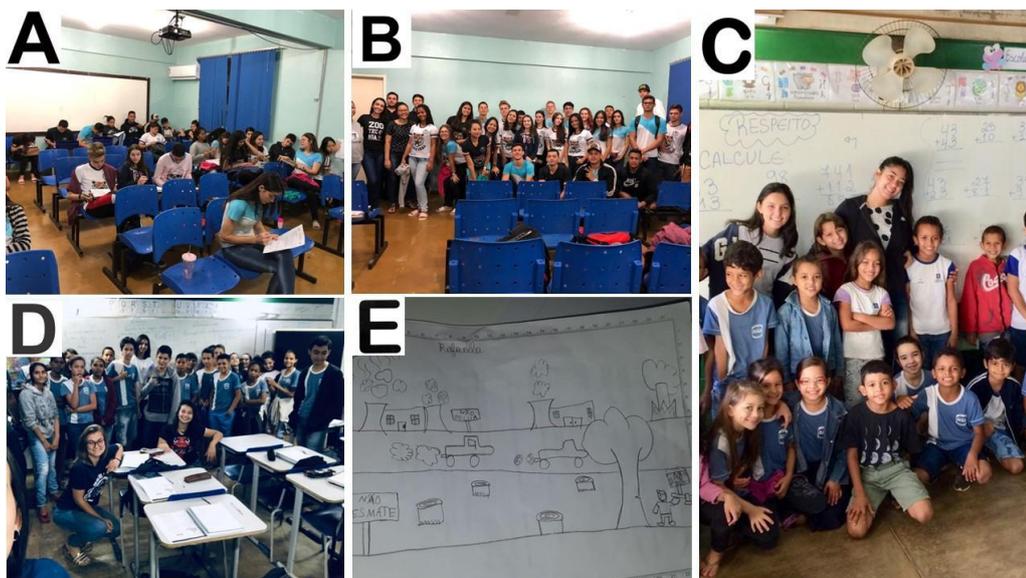


Imagem 5. A, B, C e D. Atividades de EA realizadas nas escolas Thiago Aranda Martin e Ênio Pipino; E. Desenho feito por uma das crianças durante as atividades.

Atividades semelhantes foram desenvolvidas por Souza et al (2013) e Giassi et al. (2016), e em ambos os trabalhos os resultados foram positivos para as crianças e para a escola como um todo.

De acordo com Giassi et al. (2016, p. 30 e 31), os alunos que participaram de forma efetiva das aulas de EA, demonstraram um maior respeito pela escola, pois começaram compreender que o meio em vivem também é responsabilidade deles, e da mesma forma, gestores e professores relataram uma atitude mais calma e educada entre os colegas, com o pátio e com os móveis da escola.

Souza et al (2013, p. 128) defende ainda que a EA exige um empenho constante, e que nas escolas muitas vezes se faz necessária a presença de um pesquisador ou de um educador ambiental, para estimular os professores a implantarem um projeto em sua rotina diária, visto que existe uma certa dificuldade por parte deles em incorporar as questões ambientais nas aulas.

Em contrapartida para os projetos, essas atividades são sempre positivas por sempre haver um acúmulo de conhecimento e experiência, além de ser gratificante observar os impactos positivos nas crianças e na escola como um todo.

Especialmente no caso do Arborecer, essa também foi uma ação piloto, como outras já citadas, sendo um ganho de experiência aos graduandos que participaram, bem como contribui para o aprimoramento e o desenvolvimento de novas metodologias para esse tipo de ação.

5.3 Arborecer: Despertando a consciência (2020)

No ano de 2020 o nome do projeto mudou para “Arborecer: Despertando a consciência”, resultando também na mudança da logo.

A logo escolhida em 2019, imagem 6, remetia à ideia de criar raízes e estruturar-se, visto que o Arborecer estava reiniciando suas atividades, e apesar de seu histórico, ainda era novidade para muitas pessoas, especialmente para os estudantes.

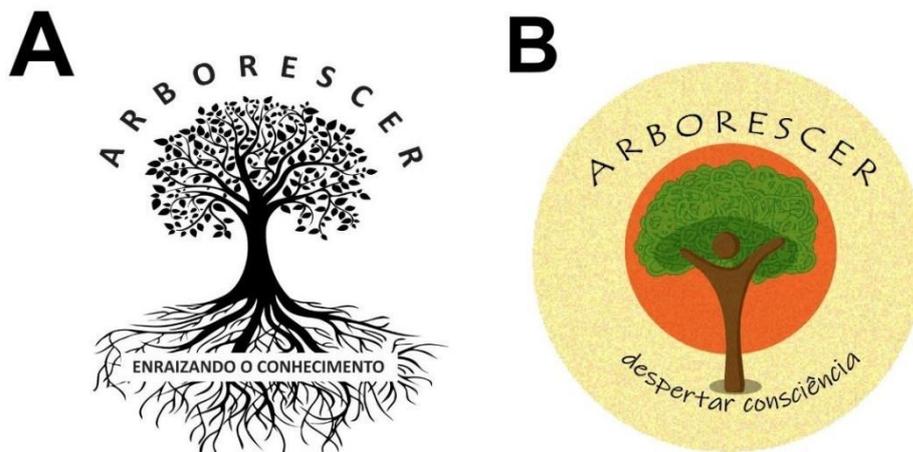


Imagem 6. A – Logo do Arborecer em 2019. B – Logo do Arborecer em 2020.

Terminado o ano de 2019, e entendendo que o Arborecer havia de alguma forma se consolidado, a equipe optou por criar uma nova logo, imagem 6, dessa vez com uma imagem que remetesse à sensibilização e à tomada de consciência, ideia que estava totalmente relacionada com as atividades que vinham sendo realizadas no PNMF.

Ainda sobre o slogan, a partir de 2020, ele passa a sofrer alterações anualmente. Em sua entrevista (Pergunta 4) o professor Juliano comenta que essas mudanças ocorrem, por haver a compreensão que os novos slogans representam bandeiras que o projeto vai adotando, renovando assim a sua identidade.

Em março de 2020 foi decretado o lockdown no Brasil, devido a pandemia da COVID - 19. Dado o cenário, o Arborecer precisou reinventar-se para continuar atuando, assim como as demais áreas do ensino, básico, superior, ou outras modalidades.

Conforme Oliveira et al. (2021, p. 4), a educação escolar precisa fomentar novas ferramentas e estratégias de ensino, e que no contexto da pandemia essa necessidade se tornou urgente, pela e que no contexto da pandemia essa

necessidade se tornou urgente, devido a obrigação do ensino remoto, que levou os professores a buscarem outros métodos e ferramentas pedagógicas de ensino capazes de superar as limitações do distanciamento social.

Dessa maneira, o Arborecer optou por desenvolver atividades com um caráter formativo, que pudessem ser realizadas de forma remota, gerando um conhecimento que pudesse ser compartilhado entre a equipe, mas também com o público externo do projeto, conforme o Quadro 3.

Quadro 3: Arborecer: Despertando a consciência (2020)

Nº	Nome da Atividade	Descrição
1	Produção de guias práticos para boas práticas no PNMF	Foram produzidos três e-books: 1º. Insetos do Parque Florestal de Sinop, Mato Grosso, 2º. Mamíferos do Parque Florestal do Município de Sinop, Mato Grosso e o 3º. Prevenção de Incêndios Florestais, ambos publicados pelo MT Ciência, um projeto de divulgação científica da Universidade Federal de Mato Grosso - <i>Campus Sinop</i> (UFMT - CUS). Os e-books também poderão ser usados durante as trilhas para torná-las mais interessantes, e estimular uma conduta mais consciente das pessoas durante as visitas ao PNMF.
2	Zoneamento do Parque Natural Municipal Jardim Botânico de Sinop	Sob o comando da SDS, representantes do Arborecer e de outras entidades participaram da discussão do Plano de Zoneamento do Parque Natural Municipal Jardim Botânico (PNMJB). A proposta foi construída com base na legislação ambiental vigente, pesquisas científicas e levantamentos da biodiversidade e do meio físico do parque. Durante as reuniões foram apresentados e discutidos o aspecto ambiental de cada área do parque, que em seguida foram classificadas em quatro zonas de manejo: 1. Zona intangível, 2. Zona primitiva, 3. Zona de recuperação, e 4. Uso conflitante.

Fonte: Relatório PROCEV-CODEX/Sinop 2020.

Então, por iniciativa da professora Paula, na época coordenadora do projeto, foram elaborados três e-books, caracterizando a Ação 1. Os temas foram definidos conforme a área de conhecimento dos professores e pesquisadores do projeto, sendo eles: 1. Mamíferos do Parque Florestal, 2. Insetos do Parque Florestal e 3. Prevenção contra Incêndios Florestais.

Os e-books 1 e 2, sobre mamíferos e insetos respectivamente, foram editados e divulgados em 2022 pelo MT Ciência, estando disponíveis no link (<https://www.mtciencia.com.br/livros/>). Também em 2022, o Arborecer disponibilizou os e-books em seu blog (<https://arborecer.com.br/blog/>), podendo acessá-los diretamente pelo link (<https://arborecer.com.br/cartilha/>).

Já o e-book 3, sobre Prevenção de Incêndios, foi lançado esse ano, no mês de agosto, junto com outros guias elaborados pela equipe do projeto, sendo esses resultados das pesquisas desenvolvidas na Matinha.

Os e-books elaborados poderão ser usados pela equipe do projeto, dando suporte em atividades futuras, mas também por outros públicos, como atividades de EA em escolas, por exemplo, contribuindo para a divulgação do conhecimento científico.

Trabalhos semelhantes foram desenvolvidos por Justino (2017, p. 3), que elaborou um guia botânico para a realização de trilhas no Parque Estadual do Pau-Furado, Uberlândia - MG; Barreto e Marques (2018, p. 80), que elaboraram um guia com dicas de atividades à serem realizadas em trilhas interpretativas, que contribuam para o processo de ensino - aprendizagem; e por Oliveira (2018, p. 8), que indicou diversas atividades que poderiam ser realizadas em uma trilha na unidade educativa do IFAM/CTB (Instituto Federal do Amazonas - *Campus* Tabatinga).

Também em 2020, houve o Zoneamento do PNMJB (Parque Natural Municipal Jardim Botânico de Sinop), conhecido como Jardim Botânico, que se tornou uma Unidade de Conservação (UC) a partir da lei nº 2606, de 06 de setembro de 2018.

O zoneamento foi organizado pela SDS, na pessoa da secretária de Meio Ambiente, Ivete Mallmann Franke, em parceria com o Instituto Ecótono, representado pela Christine Steiner São Bernardo. As reuniões foram realizadas de maneira remota, e contou ainda com a participação de outras entidades e instituições de Sinop, como UFMT, UNEMAT, Embrapa, Olistika, Floresta Urbana, entre outras.

No que diz respeito às UC's, cria-las apenas, mesmo que seguindo a legislação não é suficiente assegura a proteção dos ecossistemas, entendendo que elas são fundamentais para a conservar as áreas naturais que ainda existem, mas que ao mesmo tempo, há por parte do Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) muitos desafios a serem superados (CAMPOS, FÉLIX E VASCONCELOS, 2011, p. 13 e 14).

Entre os desafios citados pelos autores estão, a necessidade de modernizar os órgãos que fazem a gestão das UC's, a necessidade de regularização fundiária, a falta de planos de manejo, a falta de controle dos impactos ambientais causados pelas atividades humanas, resultados da falta de

fiscalização e/ou do licenciamento ambiental, sendo a raiz de todos esses problemas a falta de recursos financeiros.

Tratando diretamente do PNMJB, para Rauber & Guarim Neto (2011, p. 22 e 32), a flora, a fauna e as nascentes que formam o Ribeirão Nilza, localizados no interior do parque, são indicadores para a conservação do parque. E ainda segundo a mesma autora, os moradores reconhecem que a área contribui significativamente para a qualidade de vida da população, pois favorece a manutenção do microclima, turismo, preservação da biodiversidade, além da realização de pesquisas.

Além disso, o PNMJB é muito usado pela população como área de lazer, sendo esse mais um motivo que valida o zoneamento, que com base em critérios técnicos tem o potencial de contribuir para melhorias no local, visando os benefícios para a flora, a fauna e as nascentes, e ao mesmo permitir que a população continue acessando o parque, como uma alternativa de lazer em área verde.

Essa ideia corrobora com Rauber e Guarim Neto (2011, p. 22), que defende que é necessário pensar em um cenário de mobilização social que envolva a população, despertando nela o sentimento de fazer parte do meio ambiente, e também fomentar uma gestão participativa por meio da EA.

5.4 Arborecer: Florescendo Ideias Verdes (2021)

Em 2021 o projeto adotou como slogan “Florescendo Ideias Verdes”, conforme imagem 7. Ainda no contexto da pandemia da COVID-19, a maior parte das atividades foram realizadas de maneira remota, e nas atividades essenciais, foram adotadas medidas de segurança, como o uso de máscaras, por exemplo.



Imagem 7: Logo do Arborecer para 2021.

Quadro 4: Arborecer: Florescendo Ideias Verdes (2021)

Nº	Nome da Ação	Descrição
Grupo 1 - Redes Sociais		
1	Canal Arborecer: Florescendo Ideias Verdes	A criação do canal na plataforma YouTube veio da necessidade do Arborecer realizar ações remotas durante a pandemia, devido a necessidade das medidas de distanciamento. O canal foi uma iniciativa do projeto se inserir no meio digital, além de divulgar conhecimento científico e informações para um público mais amplo sobre as questões ambientais, ultrapassando as fronteiras da universidade e do município de Sinop.
2	Divulgação nas mídias sociais do Canal Arborecer: Florescendo Ideias Verdes	Os vídeos eram construídos por meio de entrevistas com professores responsáveis por projetos na UFMT, ou representantes de entidades de Sinop que atuam na área social e/ou ambiental. A edição e publicação ocorria semanalmente no canal do projeto, tendo também divulgação massiva em outras redes sociais do projeto, juntamente com outras atividades desempenhadas pelo projeto.
3	Programação Verde no mês do Meio Ambiente	Em comemoração ao dia do Meio Ambiente (cinco de junho), foi elaborada uma agenda para o mês de junho com temas pré-estabelecidos para os vídeos: Semana 1. Conhecendo a UFMT, apresentando principais projetos de pesquisa e extensão da universidade, ligados ao meio ambiente; Semana 2. Apresentação do Projeto Arborecer, quem somos nós? Semana 3. Meio ambiente: uma explanação sobre conceitos relacionados ao meio ambiente muitas vezes usado erroneamente; Semana 4. O meio ambiente e a de vida: apresentação sobre os riscos das queimadas e o desequilíbrio pela derrubada das florestas, e qual o impacto desses na saúde e no bem-estar da população.
Grupo 2 - Eventos com entidades parceiras		
4	1º Primeiro Movimento de Prevenção e Controle de Câncer de Colo Uterino, de Mama e Ginecológico e Feira de Troca de Sementes	O 1º Primeiro Movimento de Prevenção e Controle de Câncer de Colo Uterino, de Mama e Ginecológico foi um evento realizado pelo Centro de Referência à Saúde da Mulher (CRASM) de Sinop, em alusão ao mês de outubro, quando acontece o Movimento internacional de conscientização e privatização do Câncer de Mama. E a Feira de Sementes foi realizada na UNEMAT, sendo um evento organizado pelo Gaia em parceria com outras entidades de Sinop, que atuam de algum modo com produtores da agricultura familiar.
Grupo 3 - Arborização Urbana de Sinop		
5	Arborização urbana - Patrimônio público	Participação da discussão e elaboração do Plano Diretor de Arborização Urbana, em parceria com o Conselho Municipal de Meio Ambiente, atuando com apoio técnico no diagnóstico da arborização urbana de Sinop; Elaboração de manual de implantação e manejo de arborização urbana, em parceria com o município e o Projeto Floresta Urbana.

Fonte: Relatório PROCEV-CODEX/Sinop 2021.

Dessa forma, as principais ações do Arborecer voltaram-se para as redes sociais, Grupo 1, com destaque para a criação do canal no YouTube, <https://www.youtube.com/@arborecerconhecerparacons8903>, que foi o grande marco do projeto, e posteriormente a produção e divulgação de vídeos, atividades descritas nas Ações 1, 2 e 3. Inicialmente o canal teve o mesmo nome e logo do projeto, e posteriormente foi sofrendo alterações, assim como os slogans adotados pelo projeto.

Na época buscou-se entrevistar pessoas que atuam na área ambiental, representantes de instituições públicas, de projetos da UFMT, de associações, entre outras. Essas atividades tinham como objetivo levar informação ao público do Arborecer e a população de um modo geral, mas também divulgar e valorizar o trabalho dessas pessoas.

No que se refere à Ação 3, ela foi pensada em menção ao Dia do Meio Ambiente, visto que não seria possível realizar eventos presenciais. Essa ação foi uma oportunidade de apresentar o Arborecer e outros projetos da universidade que atuam diretamente na área ambiental, e também abordar temas pertinentes ao meio ambiente e à população, como exemplo, a prevenção de incêndios.

No mesmo período, em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SDS), o Arborecer divulgou três vídeos produzidos pela mesma, sendo também uma homenagem ao Dia do Meio Ambiente, além de uma forma de incentivar a valorização das áreas verdes de Sinop.

De acordo com Bonzanini & Nunes (2015, p. 1394), a televisão e o vídeo podem ser consideradas ferramentas potencialmente didáticas, que por meio de imagens e sons, favorecem a apropriação dos saberes, fomentando o entendimento de novos conceitos e o desejo de aprender. Em especial, os vídeos apresentam linguagens visuais dinâmicas, que muitas vezes trazem características do dia a dia das pessoas, contribuindo para uma imersão ao tema abordado (BONZANINI & NUNES, 2015, p. 1391).

Assim como o Arborecer, Oliveira et al. (2021, p. 3) relatou atividades remotas de um projeto de ensino denominado “Educação Ambiental é fundamental!”, que desenvolveu diferentes atividades abordando as redes sociais como ferramenta de ensino e a interdisciplinaridade da EA.

Entre os dados coletados pelas autoras, um deles demonstra que 100% das estudantes sabiam que a educação ambiental é obrigatória, porém que apenas 40% já ouviu falar sobre EA em alguma disciplina já cursada e 80% não haviam participado de nenhum projeto de EA antes do projeto em questão, “Educação Ambiental é Fundamental”. E quando questionadas sobre a percepção da interdisciplinaridade da EA, todas concordam que essa correlação existiu em atividades que professores abordaram a disciplina que ministram atrelada à EA (OLIVEIRA, et al. 2021, p. 7)

Para o Arborecer o canal possibilitou o alcance do projeto a outras entidades de Sinop, atuantes na área ambiental favorecendo parcerias futuras, além de conexão com pessoas de outras localidades. Na entrevista realizada com a professora Paula, pergunta 9, ela contou sobre um universitário, natural de São Paulo - SP, que conheceu o projeto por meio dos vídeos do canal, e havendo interesse, ingressou no curso de Engenharia Florestal em 2022.

Para Oliveira, Freitas Junior e Cardoso (2023, p. 230), boas práticas de EA podem ser desempenhadas por qualquer pessoa em diferentes espaços sociais, desde que a intenção seja o desenvolvimento sustentável, sendo um caminho indicado pelos autores, a atenção à realidade ambiental atual, que carece de muitas melhorias.

Para (Oliveira, Freitas Junior e Cardoso, 2023, p. 230), a utilização das redes sociais (e também de outros canais) para a divulgação da EA, mostram-se como positivas, pois permitem a comunicação entre espaços diversos, tornando mais democrático o acesso ao conhecimento das temáticas ambientais, e também viabilizando uma gama maior de possibilidades, se comparado às atividades presenciais.

Dessa forma, o uso de redes sociais é positivo na divulgação de conhecimento científico e na abordagem interdisciplinar da EA, à exemplo das experiências do Arborecer, além de outros projetos que também fazem uso das mídias sociais, permitindo um maior alcance, mais dinamismo nas atividades, além de promover a atuação dos projetos em momentos adversos, como durante a pandemia da COVID-19.

A ação 4 refere-se à dois eventos que o Arborecer participou como parceiro. Um deles foi o 1º Primeiro Movimento de Prevenção e Controle de Câncer de Colo Uterino, de Mama e Ginecológico, imagem 8, realizado no Centro de Referência à Saúde da Mulher (CRASM), em alusão ao Movimento

Internacional Outubro Rosa, de conscientização e prevenção do Câncer de Mama.



Imagem 8. A. Equipe do Arborescer; B, C e D. Membras do Arborescer entregando muda às pacientes; E. Equipe do Arborescer, equipe do CRASM e estudantes de Enfermagem.

O convite para esse evento partiu da professora de Enfermagem da UFMT e também coordenadora do CRASM, sendo o Arborescer um, entre outros parceiros que contribuiriam para ele.

A equipe que idealizou o evento, fez uma relação entre o autocuidado e o cuidado que uma árvore requer, e nesse sentido a equipe do Arborescer ficou responsável por entregar mudas de árvores às mulheres quando elas terminavam o atendimento.

A mensagem que essa ação procurou transmitir, é que sendo a árvore um ser vivo, ela requer cuidados assim como a mulher, e em levando essa muda para casa e plantando, todas as vezes que a mulher olhasse para a árvore, ela lembrasse de cuidar de si e da sua saúde, e portando de fazer todos os exames preventivos regularmente.

Desse evento foi criado um vídeo com as fotos e entrevistas, postado no canal do Arborescer, <https://www.youtube.com/watch?v=cGeeDLdKsVM>.

O outro evento foi a Feira de Troca de Sementes, organizada pelo Gaia e por outras entidades, que atuam direta ou indiretamente com agricultores familiares e na disseminação da Agricultura Orgânica.

O evento foi realizado na UNEMAT, também no mês de outubro. Durante a feira houve troca de sementes nativas e crioulas, exposição e comercialização de produtos da Agricultura familiar, doação de sementes e mudas de árvores,

além de um momento de apresentação das entidades e da troca de conhecimentos, no qual a equipe do Arborescer explanou um pouco sobre os tipos de sementes que existem, e os cuidados necessários para se armazenar sementes por um período maior de tempo.

Já a Ação 5, diz respeito à discussão acerca da formulação do plano municipal, lei e manual de arborização de Sinop, na pessoa do professor Juliano. Conforme relato dele, na época seu nome foi sugerido por indicação do também professor da UFMT - CUS, Handrey Borges Araújo, justamente pelo professor Juliano trabalhar com o assunto, se tornado o representante da universidade dentro da comissão formada, junto com outras entidades, e seus respectivos representantes.

Essa ação foi iniciada no meio da pandemia da Covid-19, o que já era uma dificuldade, mas o professor Juliano também comenta que faltou vontade pública e investimento financeiro por parte da prefeitura, e dessa forma, essa ação foi iniciada, mas não foi concluída.

Na época, ocorreram algumas reuniões, e o Arborescer atuaria junto ao grupo de trabalho formado pelo COMAM de Sinop, prestando suporte técnico sobre as questões necessárias para a elaboração do Plano Municipal de Arborização Urbana e mudança no arcabouço legal relacionado.

Para esse processo, o curso de Engenharia Florestal - UFMT - CUS iria realizar junto à prefeitura de Sinop, o diagnóstico da arborização do município, em contrapartida, o Arborescer iria colaborar na estruturação dessa caracterização e na divulgação do mesmo para a sociedade, de um modo geral.

No final, seria elaborado um manual de implantação e manejo da arborização na cidade, sendo este realizado pela UFMT, em parceria com o Floresta Urbana e a prefeitura de Sinop.

Após a confecção do manual, ele seria disponibilizado à sociedade, assim como o diagnóstico da arborização, com o objetivo de auxiliar nas ações de capacitação e aperfeiçoamento de profissionais que trabalham com podas de árvores dentro do município, bem como planejar a arborização das áreas de amortecimento das UC's de Sinop.

Mesmo que esta ação não tenha sido concluída, a relevância dela é incontestável, à exemplo de inúmeras iniciativas que vem acontecendo no Brasil e no mundo, para conservar e preservar os fragmentos e as florestas, além da

implantação de áreas verdes nas cidades, para melhoria do meio ambiente e do bem-estar das pessoas.

Além disso, essa discussão foi retomada em maio de 2023, por ocasião do II workshop de arborização urbana realizado e promovido pelo Floresta Urbana, sendo enxergado pelo Arborecer como uma de suas perspectivas futuras, abordadas no Capítulo 6 deste trabalho.

De acordo com Bonametti (2020, p. 52), a arborização urbana quando bem-feita conduz os centros urbanos à transformação morfológica, favorecendo a revalorização de espaços contemporâneos, além de contribuir para a redução de níveis de poluição atmosférica e sonora, criação e estruturação de espaços de referência da cidade.

Para Aguiar et al. (2022, p. 2), um projeto de arborização urbana deve ressaltar a região e a sua história natural do local, como forma de reduzir os impactos da urbanização e acolher espécies de forma mais harmoniosa, a fim de fornecer qualidade de vida à população do município.

Bonometti (2020, p. 53) ressalta que é importante discutir o papel da arborização urbana, para possibilitar que as áreas não edificadas das cidades tenham melhores destinações, mas para isso, deve-se haver um incentivo às pesquisas e estudos sobre como a arborização pode ocupar esses espaços, para então propor medidas que possibilitem que essas áreas prestem algum serviço à população, ao mesmo tempo que apresentem uma estética agradável.

5.5 Arborescer: Conhecer para conservar (2022)

Em 2022, após ter passado o período mais crítico da pandemia, o Arborescer retomou as atividades presenciais e em campo, à exemplo do que foi realizado nos anos de 2010 e 2019.

Para o ano de 2022, o projeto adotou o slogan “Conhecer para conservar”, e também mudou a logo, conforme imagem 9.



Imagem 9 : Logo do Arborescer para 2022.

Neste ano o projeto deu um grande passo, que foi a adoção da Matinha, imagem 11 e 12, como é chamado o fragmento florestal que faz parte do *campus* da UFMT em Sinop, dessa forma, a partir de 2022, a área passou a ser o foco de atuação do projeto. Esse processo teve início ainda em 2021, por meio da iniciativa e articulação junto à administração do *campus*, imagem 13, tirada durante a reunião realizada no dia 29 de setembro de 2021, entre professores e algumas estudantes que integravam a equipe do projeto na época, Jessika Fernanda Nunes Ferreira, Sandriana Matias, Rafaela Moura e Suely Lima, além do professor, Gustavo Rodrigues Canale, parceiro do Arborescer e da professora Onice Teresinha Dall’Oglio, e também os professores, Fábio José Lourenço, Carlos Cesar Breda e Eduardo Schneid, na época, pró-reitor, Diretor do ICAA e coordenador da Engenharia Florestal, respectivamente.

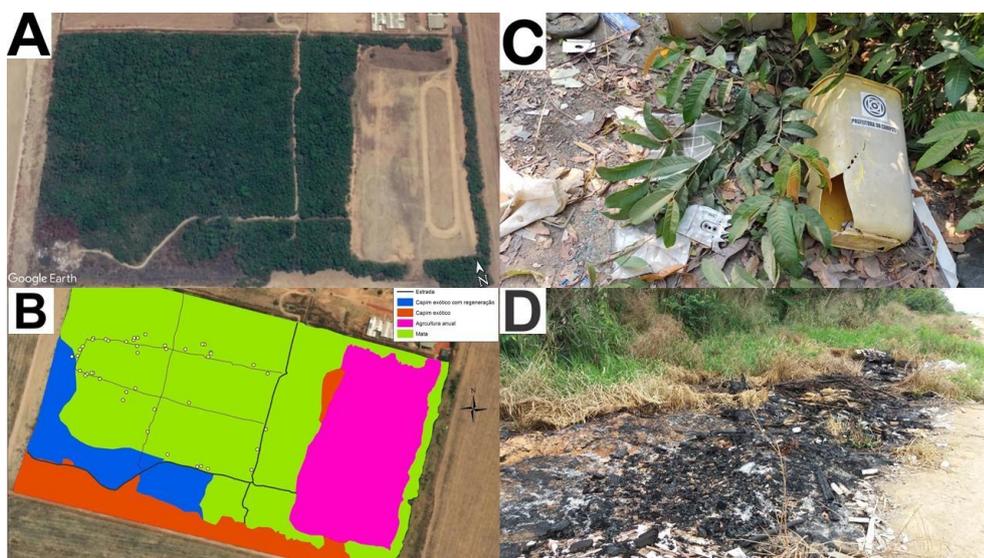


Imagem 11. A e B. Vista da Matinha de cima; C. Lixos depositados e vestígios de incêndio na borda da Matinha.



Imagem 12. A e B. Matinha (Dentro).



Imagem 13. Reunião entre membros e parceiros do Arborescer, junto à administração da UFMT – CUS.

Na entrevista realizada com o professor Juliano e com a professora Paula, a pergunta 13 era sobre como eles avaliavam a transição do local de atuação do Arborescer, migrando do Parque Florestal para a Matinha, sendo apresentados alguns trechos das respostas abaixo.

De acordo com a professora Paula, eles tomaram a decisão certa em agora “trabalhar dentro de casa”, palavras dela. Primeiro por se tratar de uma área que precisa ser conservada, além de ter um potencial uso para ensino, pesquisa e extensão. E tanto a professora Paula, quanto o professor Juliano, concordam que o uso da matinha contribuirá para a logística das aulas práticas, visto que antes as turmas precisavam se deslocar até o Parque Florestal ou ao Jardim Botânico, como é chamado o PNMJB, sendo necessário usar parte do tempo da aula para o trajeto até as respectivas UC’s. A professora Paula ainda cita a questão do bem-estar que uma vegetação preservada proporciona, mesmo sendo um fragmento florestal, como é a matinha, além do mais, ela abriga espécies de primatas que estão em extinção. Por fim, outro ponto relevante trazido por ela, é a possibilidade da construção de novos prédios no futuro, um assunto recorrente na universidade, e que segundo ela, talvez seja o momento de começar a pensar em verticalizar a universidade, e antes disso, realizar a manutenção nos prédios já existentes, para depois pensar na construção de novos prédios.

Enriquecendo a discussão, o professor Juliano levanta uma reflexão com base na conjuntura de Sinop e do estado do Mato Grosso como um todo, que segundo ele é um nome que remete à uma floresta grossa, porém muitas vezes essa floresta não é bem-vinda, especialmente no contexto do agronegócio e de cidades cortadas por BR’s (Rodovias Federais), que são características de Sinop e de outras cidades da região.

A partir dessa consideração, ele fala da importância em se trabalhar com as florestas do município, as chamadas florestas urbanas, e que no início do projeto eles encontraram abertura no Parque Florestal, que já tinha uma trilha, que era o mínimo que eles precisavam. E hoje, passado esse tempo, eles têm mais experiência e maturidade, para enxergar o que pode ser construído dentro da universidade.

Em relação ao Arborescer, o professor Juliano complementa dizendo que a mudança para a matinha significa a estruturação de um local de atuação dentro do *campus*, que trará benefícios para a própria universidade, como a economia

de recursos, mas que essa mudança em nada exclui a possibilidade de fazer atividades em outras áreas, como outros remanescentes de Sinop, por exemplo.

E ele ainda defende que a universidade deve ser mais atrativa para a comunidade, não apenas pelos serviços que ela já presta, mas também do espaço físico dela estar aberto para a sociedade. Segundo o professor Juliano é um sonho que as pessoas possam caminhar, e que parte do trajeto seja dentro do *campus*, à exemplo do que acontece em outras universidades, mas que para isso a universidade precisa estruturar-se, e ele continua dizendo que estruturar e despertar o uso da matinha como um espaço para atividades recreacionais, esportivas e educativas, já é iniciativa.

Como exemplo, o professor Juliano e a professora Paula destacam a corrida ecológica, imagem 14, realizada em 29 de setembro de 2022, na qual a parte ecológica foi o trajeto dentro da matinha, atingindo um público de 200 pessoas. E somando-se a isso, de acordo com a professora Paula até a data das entrevistas, 16 e 17 de novembro de 2022, o projeto havia recebido cerca de 650 pessoas, sendo que destas, 70% aproximadamente eram pessoas totalmente externas à UFMT, que foram especificamente para fazer trilhas, participar de atividades de EA e aprender sobre as florestas.



Imagem 14: A, B, C, D e E. Corrida ecológica na Matinha.

Cabe ressaltar que o número de pessoas assistidas pelo “Arborescer - Conhecer para conservar”, foi atualizado para mais 1696 pessoas, como será demonstrado a seguir.

Outro diferencial em 2022, foi a aprovação no edital 18/2021 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Mato Grosso (FAPEMAT), sendo muito significativo, pois possibilitou a aquisição de equipamentos, elaboração de um site, realização de atividades e eventos, aprimoramento das atividades já desenvolvidas na Matinha, contratação de profissionais, entre outros.

O projeto foi escrito e enviado ainda em 2021, e o Arborescer concorreu na categoria Preservação e Conservação da Biodiversidade Matogrossense.

Após a aprovação, o calendário de atividades precisou ser distribuído entre março de 2022 a julho de 2023, seguindo a proposta do edital.

Visto que muitas atividades realizadas na Matinha em 2022/2023, já terem sido desenvolvidas no Parque Florestal, como exemplo, a implantação das trilhas, para a descrição do Quadro 5, optou-se por destacar aquilo que o houve de diferente dos outros anos, sabendo também que essas experiências serão guias para os próximos anos, à exemplo dos anos anteriores.

Mais que isso, procurou-se evidenciar a importância desse tipo de estudo, por entender que todo conhecimento produzido sobre os ecossistemas e as florestas, favorece a manutenção desses, pois contribui para que o manejo das áreas protegidas e os projetos de recomposição de áreas degradadas sejam mais assertivos, além de disseminar esse tipo de conhecimento, tornando-o mais acessível ao maior número de pessoas possível, sendo essa uma das missões da EA.

Dessa forma, seguindo a metodologia utilizada para descrever as atividades dos anos anteriores, as atividades de 2022 foram agrupadas conforme as suas semelhanças, formando quatro grupos: 1. Estruturação da matinha e trabalhos de pesquisa; 2. Eventos; 3. Divulgação e 4. Atividades recreativas.

Quadro 5: Arborecer: Conhecer para conservar (2022)

Nº	Nome da Atividade	Descrição
Grupo 1 - Estruturação da Matinha e Trabalhos de Pesquisa		
1	Abertura de trilhas no Fragmento Florestal da UFMT - CUS (Matinha)	O planejamento e estruturação das trilhas foram realizados conforme procedimentos técnicos dos Planos de Manejo Florestal Sustentáveis, com abertura de acessos ortogonais, com 50m de distância entre si e que delimitam as Unidades de Trabalho. Para as trilhas foi estabelecida 1m de largura, havendo uma trilha com 1,5m de largura para acessibilidade de Pessoas com Deficiência (PcD's). Nas UT's são realizados estudos de levantamento e caracterização da flora e da fauna local.
2	Estruturação das trilhas interpretativas no Fragmento Florestal da UFMT - CUS (Matinha)	A estruturação das trilhas compreendeu atividades de preparo do solo, retirando uma pequena faixa da vegetação, compactação do solo, drenagem e implantação de cercas de segurança; Também foram fixadas placas de localização, com informações da fauna e flora, com escrita em braile, e QR CODE com acesso à mapas e cartilhas educativas.
3	Salas de aula ao ar livre (Natural classroom)	Os pontos selecionados para a implantação das Salas de aula ao ar livre, apresentam potencial ecológico, podendo ser utilizados como pontos de parada durante a visitação das trilhas, sendo que cada uma delas ocupa um raio de 5m ² , e a estrutura foi construída utilizando recursos manejados da própria matinha.
4	Caracterização e monitoramento da fauna e da flora	Para estudos da biodiversidade local foram implantadas parcelas fixas, seguindo metodologias disponíveis na literatura. Os dados levantados serviram como subsídio para elaboração de materiais educativos, capacitação de professores do ensino básico e fundamental de Sinop, além de serem utilizados nas aulas de graduação.
5	Produção e elaboração de mapas e placas	Os mapas e as placas abordaram informações sobre a flora e a fauna local, além de pontos de destaque por meio da tecnologia QR Code, que permite que as pessoas possam se localizar dentro da Matinha, e ainda acessar materiais informativos elaborados pelo Arborecer. Também serão utilizados pictogramas de sensibilização de meio ambiente e ecologia, seguindo as recomendações do Ministério do Meio Ambiente (MMA).
6	Elaboração e produção de guias e cartilhas	Será elaborado o guia de identificação da flora arbórea por meio de registros fotográficos realizados durante a coleta de dados para amostragem da flora. Além deste, será elaborado um guia de ações práticas em EA, por meio da sistematização das atividades aplicadas nas trilhas e na capacitação de professores.
7	Fenologia, coleta e armazenamento de sementes	A coleta de sementes é feita quinzenalmente nas UT's, após a maturação completa dos frutos. Após a coleta, as sementes são beneficiadas e germinadas, e no caso de espécies ainda não classificadas, são então categorizadas quanto à tolerância, processo de dessecação e armazenamento. Também é feito um cadastro das matrizes, que foram georreferenciadas, com informações das fenofases.

Grupo 2 - Eventos		
8	Curso / Formação de multiplicadores em Educação Ambiental	Entre os meses de julho e outubro ocorreu a Formação e atualização de multiplicadores em EA, com professores da rede pública de ensino de Sinop, com duas turmas de 30 pessoas cada e carga horária de 40h. Durante o curso houve atividades práticas realizadas nas trilhas e nas salas ao ar livre da Matinha, e também atividades teóricas realizadas de forma remota. Foi utilizado o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da UFMT para a realização de atividades assíncronas e síncronas.
9	Agenda verde de Educação Ambiental	Foi estabelecida uma agenda verde que incluía eventos de EA, sendo alguns desses construídos em parcerias com outros projetos: 1. "Recepção de calouros 2022/2023"; 2. Treinamento de Guias e Monitores"; 3. Bioblitz; 4. Semana do Meio Ambiente; 5. Palestra do Dia da Engenharia Florestal; 5. Corrida ecológica; 6. Recepção de Calouros da Geografia (UNEMAT)/2022; 7. Teatro de educação ambiental na Escola Leni Teresinha Beneditti; 8. Visita de estudantes do Ensino Médio de escolas públicas de Sinop e região; 9. Visita de vereadores mirins da Câmara Municipal de Sinop; 10. 1º Workshop em Educação Ambiental; 11. Arborescer na Escola; 12. Caminhão - Conhecendo as ODS.
Grupo 3 - Divulgação		
10	Comunicação e Divulgação do projeto Arborescer	Essa ação faz referência à confecção e divulgação de materiais informativos, e da divulgação das atividades realizadas pelo Arborescer ou por outras entidades nos perfis do projeto. Para ampliar o engajamento, procurou-se criar um link de acesso para o endereço eletrônico do site da UFMT, e também estabelecer parcerias com canais e programas televisivos, instituições, comunicadores científicos e influencers da área ambiental.
Grupo 4 - Atividades Recreativas		
11	Café na mata	O Café na Mata foi pensado para ser um momento de abstração e descanso para as pessoas que fazem parte do Arborescer, e também estimular o vínculo e a amizade entre elas. Esses momentos de ócio também fomentam novas discussões e novas ideias, o que é bastante relevante para o bom andamento do projeto.

Fonte: Relatório PROCEV-CODEX/Sinop 2022.

Em relação às atividades que envolvem a estruturação da matinha, ações 1, 2 e 3, e os primeiros trabalhos de pesquisa, ações 4, 5, 6 e 7, optou-se por colocá-las no Grupo 1, primeiro porque para a definição de quais árvores seriam removidas, demarcação das UT's (Unidade de Trabalho) e das Salas de aula ao ar livre, elaboração de mapas e placas, entre outras atividades que compõem a estruturação das trilhas, foram tomadas com base em critérios técnicos e discutidas entre toda equipe, docentes, discentes e pesquisadores.

Em consulta ao Plano de uso da Matinha, disponível no site do arborescer (<https://arborescer.com.br/cartilha/>) e também do MT Ciência

(<https://www.mtciencia.com.br/arborescer/>), encontram-se algumas características e descrições da Matinha. Ela está localizada em uma área de transição entre os biomas Amazônia e Cerrado, portanto são encontrados representantes da fauna e da flora desses dois biomas, e a vegetação predominante é classificada como Floresta Estacional Sempre Verde (OLIVEIRA et al., 2023, p. 22). Esse tipo de vegetação é caracterizada por espécies que perdem pouca folha no período de estiagem, o que garante pouco ou nenhum estresse hídrico durante esse período (IBGE, 2012; OLIVEIRA et al., 2023, p. 22)

Ainda de acordo com o Plano de Manejo da Matinha, foram estruturadas na Matinha trilhas para a realização de pesquisas sobre a fauna e a flora local (OLIVEIRA et al., 2023, p. 15). Já a trilha usada para as atividades de EA é um pouco mais larga e mais limpa, para garantir a segurança do público. (OLIVEIRA et al., 2023, p. 16). Inclusive, um propósito é estruturar parte desse trajeto para receber PcD (Pessoas com deficiência), que é algo que foi conversado pela equipe, no processo de escrita do projeto da FAPEMAT

De acordo com o Plano de manejo, inicialmente foram implantadas onze salas de aula ao ar livre, sendo esse número atualizado para doze salas, atualmente. Nesses espaços foi retirada parte da vegetação, para a implantação de uma estrutura que permita utilizar o local como espaço para as aulas práticas, sendo essa estrutura construída com materiais oriundos da própria matinha.

As salas de aula ao livre e as trilhas interpretativas, formam um roteiro de visita com pontos de paradas temáticas, sendo os pontos já consolidados: Ponto dos Artrópodes, do Cambará, da Peroba Mica, do Inventário Florestal e o das Formigas (OLIVEIRA et al., 2023, p. 18).. A ideia dos pontos temáticos é destacar e valorizar a importância ambiental e regional da flora e da fauna da Matinha, além das pesquisas realizadas na mesma, demonstrando a função ecológica dos insetos, artrópodes e das árvores (OLIVEIRA et al., 2023, p. 18).

E assim como foi feito no Parque Florestal, foram confeccionadas placas e mapas. Em relação aos mapas, eles foram elaborados com uma riqueza de detalhes bem maior que os do Parque Florestal, sendo utilizados para dividir as áreas da Matinha, para critérios de zoneamento, manejo, planos de trabalho, e sendo também apresentados em guias e trabalhos de pesquisa realizados pela equipe. Como um diferencial, as placas instaladas possuem mapas e tecnologia

QR Code, que permitem aos visitantes se localizarem dentro da Matinha, bem como acessar os materiais informativos durante as trilhas.

Quando as trilhas já estavam prontas, e as primeiras salas de aula ao ar livre estavam minimamente estabelecidas, teve início os primeiros levantamentos da biodiversidade da matinha, coletas de material vegetal e de insetos, além da observação da fauna. Dessa forma é possível perceber que as primeiras atividades voltadas a pesquisa, aconteceram simultaneamente às ações secundárias para a estruturação da matinha, mesmo que não correlacionadas.

No vídeo do Arborescer, <https://www.youtube.com/watch?v=oqY-4q538w&t=290s>, estão descritas as atividades realizadas em 2022, além de alguns resultados dos primeiros estudos e observações: 1. Vegetação: Marcação de mais da metade dos indivíduos arbóreos da matinha, totalizando 3500 árvores, de 96 espécies diferentes; 2. Entomofauna: Coleta de 121 indivíduos da ordem Coleoptera, entre as famílias estão, Cerambycidae, Cleridae, Curculionidae, Elateridae, Histeridae e Melyridae; 3. Mastofauna: Foram observados de 5 a 7 indivíduos da espécie *Ateles marginatus*, conhecido como Macaco-aranha-de-cara-branca, que atualmente está na lista do animais em perigo de extinção, além do *Chiropotes albinasus*, conhecido como Cuxiú, e 2 indivíduos da espécie *Plecturocebus vieirai*, conhecido como Sauá-de-Vieira, que de acordo com o GECAS (Grupo de Ecologia Aplicada) da UFMT - CUS, é uma espécie recém-descrita.

Providello (2021, p. 4) defende que devido sua abundância e diversidade, e por reagir rápido no que diz respeito às alterações ambientais, os insetos se mostram como bons bioindicadores, podendo ser avaliados em processos de restauração ecológica. Portanto no caso do Arborescer, o estudo da entomofauna associado ao estudo florístico, permite saber em que estágio de sucessão ecológica a matinha se enquadra, e, portanto, quais as técnicas de manejo a serem utilizadas para recuperação e conservação da área.

No caso da mastofauna, algumas questões encontradas no Plano de uso da matinha precisam ser destacadas. Primeiro que os animais encontrados na área se encontram em grupos bem pequenos, além de serem espécies ameaçadas de extinção (OLIVEIRA et al., 2023, p. 5). Além disso, a Matinha é um fragmento florestal totalmente isolado de outras áreas e não possui corpo hídrico, que sirva de fonte de água para esses animais (OLIVEIRA et al., 2023, p. 15).

Os animais representantes de um determinado bioma, quando ameaçados de extinção, são chamados de espécie bandeira, chamando a atenção para a preservação da espécie e da(s) floresta(s) na(s) qual ela vive. E no caso da Matinha, seria importante a construção de um corredor ecológico, ligando ela à APP do Rio Curupi, o fragmento mais próximo, o qual está conectado à mata ciliar do Rio Teles Pires, para garantir abrigo e alimento aos animais que vivem na Matinha (OLIVEIRA et al., 2023, p. 21).

Outro trabalho resultado das pesquisas desenvolvidas na Matinha, foi o TCC da graduanda Fiorella Burga da Silva, intitulado como "Florística, ecologia e enriquecimento de floresta secundária na transição Amazonia-Cerrado: subsídios para restauração e conservação", desenvolvido sob a orientação do professor Juliano de Paulo Santos.

O trabalho tinha como objetivo, caracterizar a estrutura e a diversidade da Matinha, e iniciar o processo de restauração (SILVA, 2023, p. 1, 6 e 7), sendo que os resultados foram apresentados em duas categorias: Florística e Restauração.

Em relação à Florística, os valores encontrados para diversidade e riqueza são considerados como baixos, entretanto, a autora defende que levando em conta o histórico de degradação da área, eles podem ser interpretados como medianos e positivos (SILVA, 2023, p. 59).

O estágio de sucessão da Matinha é classificado como secundário intermediário, porém há presença de lianas hiperhabundantes e bambus em algumas áreas, onde recomenda-se o manejo e o enriquecimento (SILVA, 2023, p. 59).

Entre as espécies mais encontradas, destacam-se as *Mabea fistulifera*, *Inga cylindrica* e *Cordia bicolor*, podendo ser recomendadas para projetos de restauração na região, como forma de acelerar a sucessão (SILVA, 2023, p. 59).

Para a restauração, foi avaliado o desempenho das espécies *Parkia multijulga* e da *Schizolobium parahyba* var. *amazonicum*, no processo de semeadura direta, que apresentaram 59,4% e 22,8% de sobrevivência, respectivamente (SILVA, 2023, p. 59).

Por fim, a autora defende que a continuidade deste estudo, bem como o acompanhamento contínuo da Matinha são relevantes, por trazerem resultados mais consistentes acerca do comportamento das espécies avaliadas, além de compreender melhor a dinâmica de fragmentos de florestas secundárias na

transição Amazônia - Cerrado, contribuindo para um conhecimento que poderá ser aplicado em projetos de conservação e restauração de fragmentos florestais (SILVA, 2023, p. 59).

Outro aspecto, é que o Arborescer adotou o tripé de funcionamento da universidade, ou seja, as atividades envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão, e dessa forma produz conhecimento, por meio dos projetos de pesquisa ao mesmo tempo que difunde o mesmo, internamente, por meio das atividades rotineiras, mas também com o público externo, através dos projetos de extensão, especialmente aquelas de EA e de divulgação dos guias e de outros materiais gerados.

A equipe do Arborescer trabalha de forma horizontal, então claro que os professores e pesquisadores possuem um acúmulo de conhecimento maior em relação aos graduandos, mas todas as atividades, desde a estruturação da Matinha, bem como o desenvolvimento das pesquisas, e também a produção dos guias, é construída de forma horizontal, fazendo com que todos esses processos, mesmo que às vezes mais voltado à pesquisa e/ou à extensão, fomentam o aprendizado de toda equipe, que por sua vez é compartilhado com o público externo durante as trilhas, ou em outras atividades de EA.

Além disso, a Matinha vem se consolidando como uma unidade integrada de ensino, pesquisa e extensão, na qual as pessoas aprendem um pouco mais sobre as florestas do Mato Grosso, pesquisas são conduzidas, e diversos estudantes desenvolvem atividades práticas em relação às disciplinas cursadas por eles. Dada a sua importância como ferramenta de ensino-aprendizagem, hoje ela integra os laboratórios multiusuários da UFMT - CUS, integrando a PNIFE (Plataforma Nacional e Infraestrutura de Pesquisa) - do MCTI (Ministério da Ciência e Tecnologia), sendo possível verificar essa informação pelo site do MCTI (<https://pnipe.mctic.gov.br/laboratory/16988>).

O projeto de pesquisa “da Matinha”, já está no seu terceiro ano, e ao longo desse período contemplou 15 planos de iniciação científica, todos com estudantes bolsistas financiados pelo PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Esses projetos foram coordenados pelos professores Arlindo de Paula Machado Neto, Dirceu Lucio Carneiro de Miranda, Juliano de Paulo dos Santos e Onice Teresinha Dall’Oglio, com temáticas que abordam levantamento florístico, volume das árvores e inventário florestal, estudo da entomofauna local e prevenção de incêndios e proteção das florestas. Cabe dizer

que esses estudos contribuem para a construção de um conhecimento mais preciso acerca da dinâmica e da importância da Matinha, e das florestas como um todo, e também dos serviços ecossistêmicos por elas prestados.

E outro destaque é o estudo fenológico, imagem 15, coordenado pela técnica Fabiele Pelissari, gestora de qualidade do LAS (Laboratório de Análise de Sementes) da UFMT – Sinop. E para mostrar o tamanho da importância dessa iniciativa, em sua entrevista, pergunta 5, a professora Paula contou que em 2022, a Fabiele e o professor Juliano participaram da 1ª Reunião Técnica Mato-grossense sobre Pesquisas em Sementes de Espécies Nativas, realizada na Embrapa Agrossilvipastoril, imagem 16, localizada em Sinop, e que o único projeto sobre sementes dentro da UFMT – CUS, é uma ação que existe dentro do Arborecer, que no caso é o estudo fenológico dos indivíduos arbóreos da matinha.



Imagem 15: A, B, C, D e E. Equipe do Arborecer – Observação e levantamento de dados para estudos fenológicos.



Imagem 16: A. Membros do Arborescer e da Embrapa Agrossilvipastoril; B. Participantes da reunião; C. Apresentação – Fabiele Pelissari; D. Reunião e E. Membras do Arborescer e da Embrapa.

Durante o estudo foram acompanhadas 10 matrizes, sendo possível formar 6 lotes de sementes coletadas, além do levantamento bibliográfico de 15 espécies, quanto ao armazenamento de sementes. Essas informações foram obtidas pelo vídeo do projeto, <https://www.youtube.com/watch?v=oqY-4q538w&t=122s>, disponível no canal dele.

Como resultado desse estudo, foi produzido um Guia Prático de Estudos Fenológicos, lançado em 16 de agosto de 2023, junto com outros materiais do projeto, pelo MT Ciência, <https://www.mtciencia.com.br/arborescer/>.

Ainda em 2023, além do Guia Prático de Estudos Fenológicos e do e-book sobre Prevenção de Incêndios Florestais, foram lançados outros três materiais: Plano de Uso da Matinha, Guia de Identificação de Espécies arbóreas da Matinha UFMT - Sinop, e o Guia de Educação Ambiental.

O Guia de Identificação de Espécies arbóreas, foi o resultado das pesquisas desenvolvidas na Matinha, financiadas pelo CNPQ, já citadas no corpo do trabalho, bem como os estudos fenológicos e o levantamento de dados para o TCC da Fiorella Burga da Silva, entendendo que qualquer estudo mais específico sobre a flora, tem como base o conhecimento do ecossistema que se estuda, bem como as espécies avaliadas.

Já o Plano de Uso da Matinha, traz todo histórico de degradação da Matinha, as características da vegetação, levando em conta aspectos locais e regionais, entendendo que a Matinha mesmo que isolada, compõe uma área maior, marcada por características do Bioma Amazônico e do Cerrado, e também os

impactos ambientais que acometem esses biomas. Mas traz também o Plano de estudos e recuperação da Matinha, além das inúmeras possibilidades que ela apresenta, como ferramenta para ensino, pesquisa e extensão, tanto é que esse guia foi utilizado como fonte de pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho.

Em se tratando do Grupo 2, a atividade 8 refere-se ao Curso de formação de multiplicadores em EA (imagem 17), que já era um sonho há bastante tempo, sendo possível realizá-lo em 2022, devido ao recurso disponibilizado pela FAPEMAT.



Imagem 17: A. Curso EA Julho/2023; B. Curso de EA Julho/2023; C. Curso de EA. Agosto/2023; D. Curso EA Setembro/2023, E. Curso EA Outubro/2023.

O curso foi realizado entre 26/07 e 05/11/2022, com encontros mensais, totalizando a carga horária de 48 horas, tendo como público, professores e professoras de escolas de Sinop e da região, com interesse em desenvolver atividades de EA nas escolas em que trabalham.

Esse evento foi desafiador, mas ao mesmo tempo abriu novos caminhos para o Arborecer, conectando o projeto a outras pessoas e instituições que trabalham com EA no Mato Grosso.

Como resultado do curso, foi realizado um Workshop, imagem 18, no qual foram apresentados projetos de EA pelos participantes, como requisito para finalização do curso.

Também no evento foram discutidos aspectos que facilitam e dificultam a ação na prática dos educadores ambientais nas escolas. Essa atividade resultou em uma carta com 10 (dez) compromissos, que se constituem em reiniciações e

empenhos que os envolvidos enxergam como barreiras ou oportunidades para o avanço e consolidação da EA transformadora, especialmente no Norte de Mato Grosso.



Imagem 18: Workshop – Encerramento do Curso de EA

E por fim, foi elaborado um e-book sobre Educação Ambiental, resultado do Curso de Formação e do Workshop, a partir da vivência de profissionais e instituições que estiverem presentes, bem como da experiência da professora Paula e do professor Juliano, que foram as pessoas que pensaram e coordenaram o curso, e também os editores da obra.

Na parte introdutória da Cartilha, estão textos escritos pelo professor Juliano, e pelas professoras Paula e Onice, abordando aspectos do Arborecer e da Educação Ambiental, de um modo geral. Em seguida cada participante do curso e do workshop escreveu um capítulo, apresentando o projeto elaborado por eles durante o curso, e por último está a Carta de Compromisso, citada anteriormente.

Sobre os projetos desenvolvidos pelos participantes, ele era um dos pré-requisitos para o recebimento do certificado de conclusão do curso, então a escolha de coloca-los na cartilha, foi uma forma de reconhecer o desempenho dessas pessoas, bem como divulgar experiências práticas de EA.

Ainda se tratando do Grupo 2, a atividade 9 denominada como Agenda Verde, refere-se ao conjunto de atividades desenvolvidas pelo Arborecer durante os anos de 2022 e 2023.

Para facilitar a discussão e o entendimento das atividades que compõem a Agenda Verde, elas serão apresentadas de acordo com o local onde foram realizadas.

Dessa forma, primeiramente serão descritas as atividades executadas na Manhã, que ocorreram entre abril/2022 à julho/2023, e que tiveram um público de 850 pessoas, conforme Quadro 6.

**Quadro 6: Agenda Verde
Atividades realizadas na Manhã**

Nº	PÚBLICO OU EVENTO	DATA	QTD	LOCAL
9.1	Recepção de calouros de Engenharia Florestal	13/04/2022	24	Manhã
9.2	Recepção de calouros de Agronomia	16/04/2022	18	Manhã
9.4	Treinamento de guias e monitores do Arborecer	30/04/2022	31	Manhã
9.5	Bioblitz	02/05/2022	19	Manhã
9.6	Comitiva Floresta Urbana	05/05/2022	6	Manhã
9.8	Semana do Meio Ambiente	01/06/2022 à 03/06/2022	240	Manhã
9.10	Recepção de calouros de Engenharia Florestal	26/08/2022	18	Manhã
9.11	Recepção de calouros de Zootecnia	22/08/2022	30	Manhã
9.12	Minicurso do III Simpósio de Ciências Ambientais do Norte de Mato Grosso - Via PPGCAM	17/09/2023	20	Manhã
9.13	Corrida ecológica	25/09/2022	200	Manhã
9.14	Recepção de calouros de Geografia (UNEMAT)	04/10/2022	30	Manhã
9.17	Visita de vereadores mirins da Câmara Municipal de Sinop	26/10/2022	20	Manhã
9.18	1º Workshop em Educação ambiental	05/11/2022	20	Manhã
9.20	Recepção de calouros	08/02/2023	89	Manhã
9.22	Visita Carbonext – Projeto Itaúba REDD+ (Escola Papa João Paulo II).	26/04/2023	30	Manhã
9.24	Workshop de Arborização Urbana	25/05/2023	21	Manhã
9.25	Recepção Calouros UFMT 06/23	06/07/2023	25	Manhã
9.27	Curso Bombeiros via SEDEC – Secretaria de Desenvolvimento Econômico.	21/07/2023	9	Manhã

Fonte: Arborecer – Conhecer para Conservar/2022

Entre as atividades destaca-se o Treinamento de guias e monitores do Arborecer, pois ela preparou os estudantes, para que a partir daquele momento eles pudessem guiar as trilhas da matinha com os visitantes, e/ou coordenar outras atividades.

Algumas atividades já vinham sendo desenvolvidas nos anos anteriores, como a Semana do Meio Ambiente e a Recepção de Calouros (Imagem 19). Em relação à Recepção de Calouros, dessa vez além de receber estudantes da Engenharia Florestal, o Arborecer recebeu estudantes de Agronomia e Zootecnia, e também do curso de Geografia, da UNEMAT – *Campus Sinop*.

Além dessas, houve outras atividades inéditas, à exemplo da Corrida Ecológica já citada, a Bioblitz (Imagem 20), a Visita dos vereadores mirins (Imagem 20), o Curso dos Bombeiros, viabilizado pela Secretaria de desenvolvimento Urbano (SEDEC) e 1º Workshop de EA, também já citado.



Imagem 19: Agenda Verde: A e B. Recepção de Calouros e C e D. Semana do Meio Ambiente.



Imagem 20: A e B. Bioblitz e C e D. Visita dos vereadores mirins.

A segunda categoria de atividades que compõem a Agenda Verde, refere-se às atividades realizadas no Laboratório de Anatomia e Dendrologia (Imagem 21 - Quadro 7). Cabe dizer que mesmo havendo essa separação, algumas visitas envolviam a Matinha e o laboratório, caso a equipe/monitores achassem importante.

Quadro 7: Agenda Verde

Atividades realizadas no Laboratório de Anatomia e Dendrologia

9.7	Comitiva Sindusmad	18/05/2022	10	Lab. Dendrologia
9.16	Visita de estudantes do Ensino Médio de escolas públicas de Sinop e região	07/10/2022	62	Lab. Dendrologia
9.23	Visita de estudantes do Ensino Médio de escolas públicas de Sinop e região (E. E Bromildo Lawisch – Itanhangá MT).	04/05/2023	50	Lab. Dendrologia
9.30	Visita de estudantes do Ensino Médio de escolas públicas de Sinop e região (Colégio Regina Pacis e Escola Rural Entre Rios)	31/08/2023	135	Lab. Dendrologia

Fonte: Arborecser – Conhecer para Conservar/2022

As visitas eram realizadas por empresas, mas principalmente por escolas, e nelas eram apresentados alguns exemplares da Carpoteca, bem como de materiais vegetais coletados em campo, além das explicações e informações, repassadas pelo professor Juliano e pelos monitores do projeto.

As vistas foram realizadas entre maio/2022 à agosto/2023, e tiveram um público de 257 pessoas.



Imagem 21: A e B. Equipe do Arborescer; C. Ornamentação do Laboratório; D e E. Visita das escolas e F. Visita de profissionais de Sinop.

E então, a terceira categoria diz respeito às atividades externas, ou seja, atividades realizadas fora da Matinha e fora do Laboratório, sendo essas realizadas entre abril/2022 à agosto/2023, assistindo 589 pessoas (Quadro 8).

Quadro 8: Agenda Verde Atividades externas

Nº	PÚBLICO OU EVENTO	DATA	QTD	LOCAL
9.3	Grupo de Escotismo Urubitinga	23/04/2022	25	Parque Natural Jardim Botânico em Sinop MT
9.9	Palestra do Dia da Engenharia Florestal	12/07/2022	44	ADUFMAT
9.15	Teatro de educação ambiental na Escola Leni Teresinha Benedetti	04/10/2022	120	Escola Leni Teresinha Benedetti
9.19	Arborescer na escola	11/11/2022	30	Escola Leni Teresinha Benedetti
9.21	Caminhão - Conhecendo as ODS	11/02/2023	45	Praça da Bíblia
9.26	Visita a biblioteca container	12/07/2023	35	Biblioteca container
9.28	Visita a Gleba Mercedes (E.E.Carlos Drummond de Andrade) – dia 1	17/08/2023	200	Gleba Mercedes
9.29	Visita a Gleba Mercedes (Escola Valmor Copati – anexa à Escola E.E.Carlos Drummond de Andrade) – dia 2	18/08/2023	90	Gleba Mercedes

Dentro desse grupo de atividades, está a Palestra do Dia do Engenheiro Florestal (Imagem 21), realizada na ADUFMAT, que fica nas dependências da UFMT – CUS. Participaram da palestra 44 pessoas, e nela foi apresentado o Plano de Uso da Matinha, bem como foi realizada uma dinâmica para elencar as ações prioritárias dentre os objetivos e atividades que compõem o Plano.

Também foi apresentado um teatro de EA às crianças da escola EMEB Professora Leni Teresinha Benedetti (Imagem 21), sendo essa atividade contou com o apoio da Olistika e Associação Floresta Urbana, e teve como objetivo se aproximar e apoiar de ações de EA em escolas parceiras. É válido dizer que essa atividade, é um resultado positivo da Formação de multiplicadores em EA, em decorrência das relações que foram criadas no mesmo.

O Arborescer apoiou e desenvolveu ações com parceiros e coletivos, por exemplo a atividade “Caminhão - conhecendo as ODS” (Imagem 21), na qual o projeto recebeu e realizou trilhas interpretativas na praça da Bíblia em Sinop junto com um diversificado conjunto de projetos e instituições que foram apresentados.

E outra ação que vale ser destacada, é a visita às escolas E.E.Carlos Drummond de Andrade e Escola Valmor Copati – anexa à Escola E.E.Carlos Drummond de Andrade (Imagem 21), sendo essa atividade desenvolvida em parceria com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).



Imagem 22: A. Visita às escolas E.E.Carlos Drummond de Andrade e Escola Valmor Copati – anexa à Escola E.E.Carlos Drummond de Andrade; B. Palestra em comemoração ao Dia do Engenheiro Floresta; C. Caminhão - conhecendo as ODS' e D. Teatro de EA na EMEB Professora Leni Teresinha Benedetti.

A pergunta 6 da entrevista, era sobre como o professor Juliano e a professora Paula enxergavam o reflexo do enfoque atual do Arborescer na matinha, tanto para o projeto, como para a universidade e a comunidade externa.

O professor Juliano comentou que até o momento eles atuavam em Sinop, e que por meio da Formação Multiplicadores em EA, o projeto começou fazer novas parcerias com educadores ambientais de outros municípios da região de Sinop. Eles tiveram contato, por exemplo, com o GPEA (Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte) na figura da professora Michele Sato (in memoriam), que se tornou uma parceira do projeto, com quem eles trocavam informações.

E ele continuou contando que se aproximaram de outras pessoas como a professora Solange Kimie Ikeda Castrillon, da UFMT *campus* de Barra dos Bugres, e que o projeto se consolidou enquanto UFMT – CUS, e também dentro do município de Sinop.

De acordo com o professor Juliano e com a professora Paula, essas novas relações devem contribuir para a criação de um Grupo de Pesquisa e Ação Ambiental do Norte do Mato Grosso, projeto para 2023. Sobre esse processo, o professor Juliano enxerga que está se formando um coletivo com pessoas de

Sinop e da região que atuam na/com EA na busca da construção de um espaço teórico, prático e político em torno dessa temática.

Demonstrando como essas novas relações foram importantes, a questão 8 da entrevista, perguntava como eles avaliavam o cumprimento das atividades propostas ao longo desses anos.

Em sua resposta, a professora Paula diz que o Arborescer cumpriu aquilo que se propunha fazer, e que especificamente a partir de 2021, eles começaram colocar objetivos e perceberam que precisavam expandir, ir um pouco além.

Um exemplo disso, é a Carta de Compromisso com a EA do Norte de Mato Grosso, escrita durante o Workshop como já explicado, com a intenção de encaminhá-la à classe política, por haver a compreensão que muitas negociações/resoluções se dão por vias políticas.

A professora Paula continua dizendo que eles compreenderam que ações de conscientização são sim importantes, mas que é necessário que haja mudanças nas diretrizes, para que algumas ações se realizem, especialmente em termos de preservação do meio ambiente.

Em se tratando do recurso disponibilizado pela FAPEMAT, na entrevista, a pergunta 4, era sobre quais as mudanças mais relevantes eles enxergavam no projeto, e em sua resposta, a professora Paula destacou como o recurso contribuiu positivamente para o projeto.

Segundo ela, é bastante difícil trabalhar com EA sem verba, e uma das possibilidades que esse recurso permitiu foi trabalhar na matinha, realizar nela as mesmas ações que antes eram realizadas no Parque Florestal, e além dos benefícios para o próprio Arborescer, perceber que outros professores estão utilizando a Matinha, e por fim, protegê-la.

O Grupo 3, diz respeito à divulgação das ações do projeto, atividade 11, realizada nos moldes dos anos anteriores, utilizando-se principalmente das redes sociais. Especialmente no perfil do Instagram, no qual houve um grande engajamento do projeto, exatamente por este ser um canal de maior interação com o público do projeto, e conseqüentemente, é onde são atualizadas as principais informações, atividades e novidades do Arborescer.

Foram feitas também algumas homenagens, como exemplo, no mês de março foi gravada uma série de vídeos

(<https://www.youtube.com/watch?v=k8EUR7HW3q4&list=PLr8ZRPuOHnIsEMTC-xFHsjXg21jtOg6Sk>), denominada Mulheres na Ciência, em menção ao Dia das Mulheres, comemorado em 8 de março. Esta série contou com a participação de professoras e pesquisadoras vinculadas ao Arborescer, e também houve postagens no perfil do Instagram homenageando as estudantes que faziam parte do projeto na época.

Em relação ao engajamento nas redes sociais, alguns dados foram levantados e podem ser confirmados no vídeo do projeto, disponível no YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=oqY-4q538w&t=122s>.

No caso do Instagram, até o momento da gravação do vídeo, o projeto havia alcançado 800 seguidores, sendo que esse número hoje foi atualizado para 918; 1400 contas alcançadas nos dias que antecederam a gravação dos vídeo e 49.059 visualizações em reels no ano.

Já no caso do canal no YouTube, foram 3.762 visualizações de janeiro de 2022, até a gravação do vídeo; 285 horas de exibição em 2022, 29.787 impressões e 229 inscritos, sendo esse número atualizado para 238 atualmente.

Também foi elaborado o site do Arborescer (<https://arborescer.com.br/>), o que foi possível devido ao financiamento da FAPEMAT, e nele é possível obter diversas informações acerca do histórico do projeto, além das atividades realizadas, fotos e materiais informativos elaborados pela equipe.

Por fim, o último grupo de atividades do ano de 2022, refere-se às atividades recreativas e/ou lúdicas realizadas entre as pessoas que fazem parte do projeto. De forma criativa, esses encontros são chamados de Café no Mato (Imagem 23), e o objetivo dele é aproximar as pessoas, criando um vínculo maior, que vai além do projeto, justamente por entender que muitos estudantes estão longe de suas famílias; além de proporcionar um momento de descontração, e reforçar a horizontalidade, que é uma das grandes marcas do Arborescer.



Imagem 22: A, B e C. Café no Mato.

5.6. Resultado do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP)

O Formulário foi respondido por 23 pessoas, dentre elas, 13% são professores, 4% técnicos, 9% pesquisadores vinculados à UFMT, 9% estudantes de pós-graduação e 65% estudantes da graduação (Figura 1).

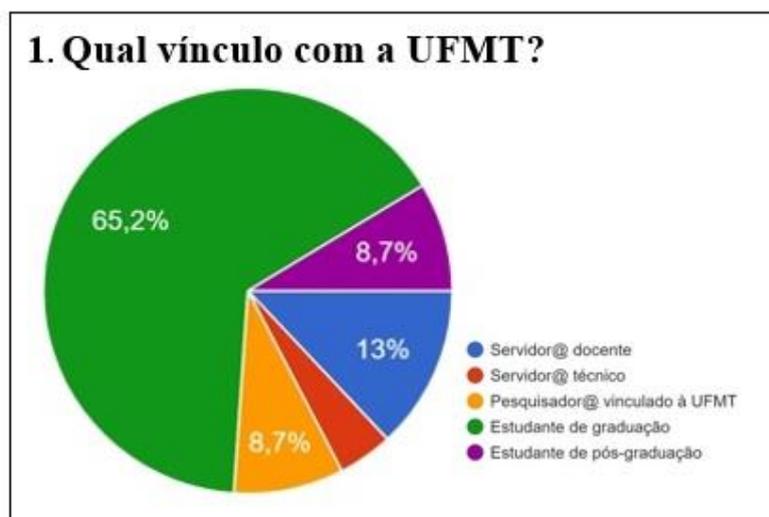


Figura 1: Respostas do DRP – Questão 1 (Qual seu vínculo com a UFMT, campus Sinop?)

Entre os estudantes, 72% são da Engenharia Florestal, 17% da Zootecnia, 6% estudante do PPGZOO - Programa de Pós-Graduação em Zoologia da UFMT – *Campus* de Cuiabá e 6% do PPGECM - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática (Figura 2). Entre os estudantes

da graduação, a maior parte deles era vinculado ao ICAA, 91% e 9% ao Instituto de Ciências da Saúde (ICS) (Figura 3).

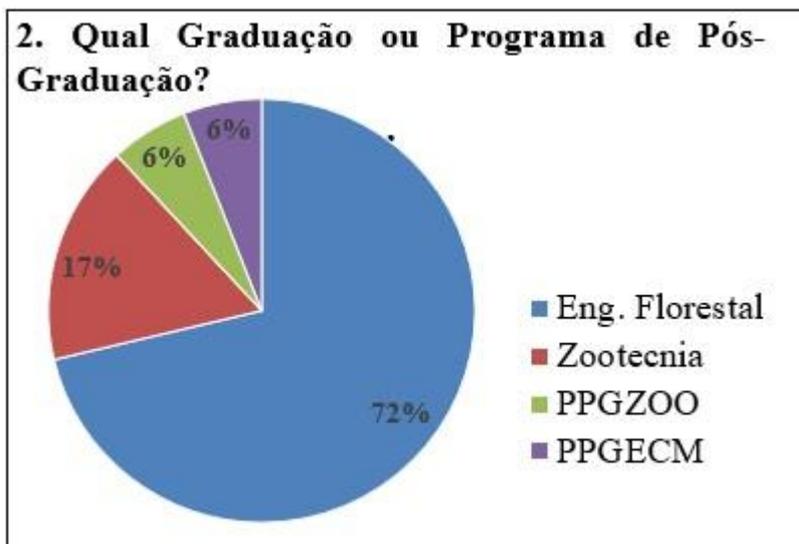


Figura 2: Respostas do DRP – Questão 2 (Para estudantes, qual o seu curso de graduação ou programa de pós-graduação? Se não for estudante, responda com "não se aplica"(NSA)).



Figura 3: Respostas do DRP – Questão 3 (Á qual instituto vocês está vinculado?)

A maior parte da equipe naquele momento era composta por pessoas que estavam há menos de 1 ano no projeto, e representam 69%, o que pode ser justificado por um resultado da Recepção de Calouros, mas também pela possibilidade de se trabalhar na Matinha (Figura 4).



Figura 4: Respostas do DRP – Questão 4 (Há quanto tempo você faz parte do Arborecer?)

Também foi perguntado em qual semestre os estudantes ingressaram no Arborecer, sendo que 19% ingressaram no 1º semestre e 19% no segundo, seguido por 13% e 19%, que ingressaram no 5º e no 6º semestre respectivamente. (Figura 5).

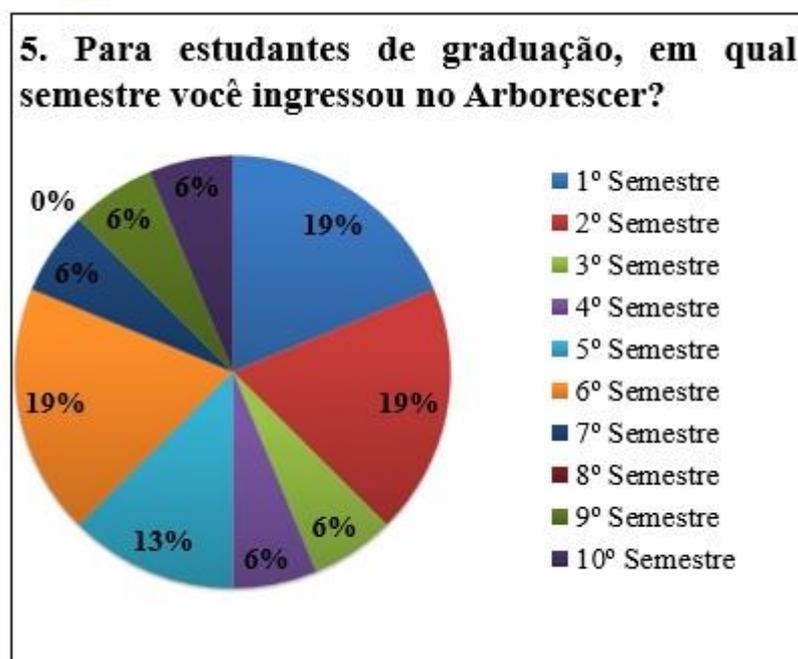


Figura 5: Respostas do DRP – Questão 5 (Para estudantes de graduação, em qual semestre você ingressou no Arborecer?)

Sobre como conheceram o Arborecer, 44% responderam que foi por convite de membros, seguido por 26% influenciados por amigos, 19% através da Recepção de Calouros e 7% pelas redes sociais (Figura 6).



Figura 6: Respostas do DRP – Questão 6 (Como conheceu o Arborecer?)

Já sobre o que os motivou participar do projeto, 28% respondeu sobre o interesse em adquirir conhecimento e 22% para compartilhar conhecimento, 18% tinham interesse em participar de atividades práticas, 13% precisavam adquirir horas complementares em extensão e 10% tinham interesse em participar de algum grupo. Ainda nesse quesito, uma resposta que se destaca, mesmo sendo citada por apenas 1 pessoa, é a vontade de fortalecer a EA em Sinop (Figura 7).

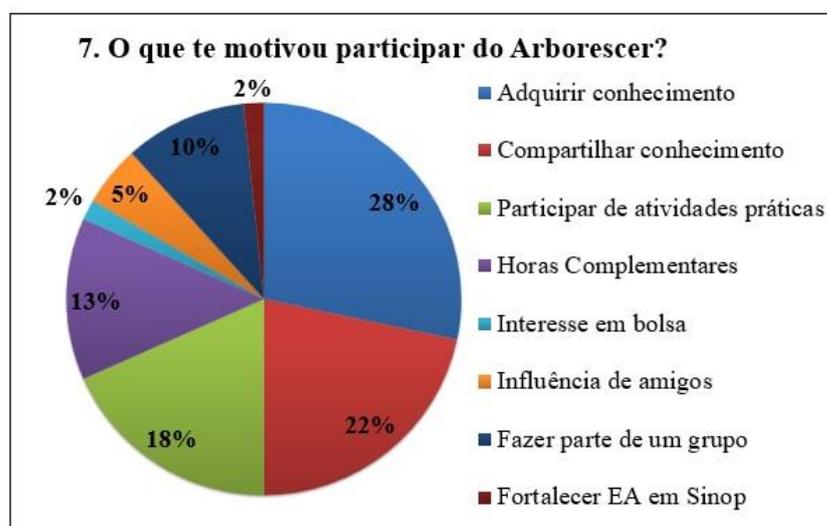


Figura 7: Respostas do DRP – Questão 7 (O que te motivou participar do Arborecer?)

Dentre as atividades, a que mais houve participação foi a realização de trilhas interpretativas, com 24%, seguida da Semana de Meio Ambiente com 13%, Recepção de calouros com 12%, Eventos em parcerias com outras entidades e Minicursos/Palestras obtiveram o mesmo valor, 11%, seguidos das Aulas ao ar livre com 10% e Atividades de Formação com 9% (Figura 8).

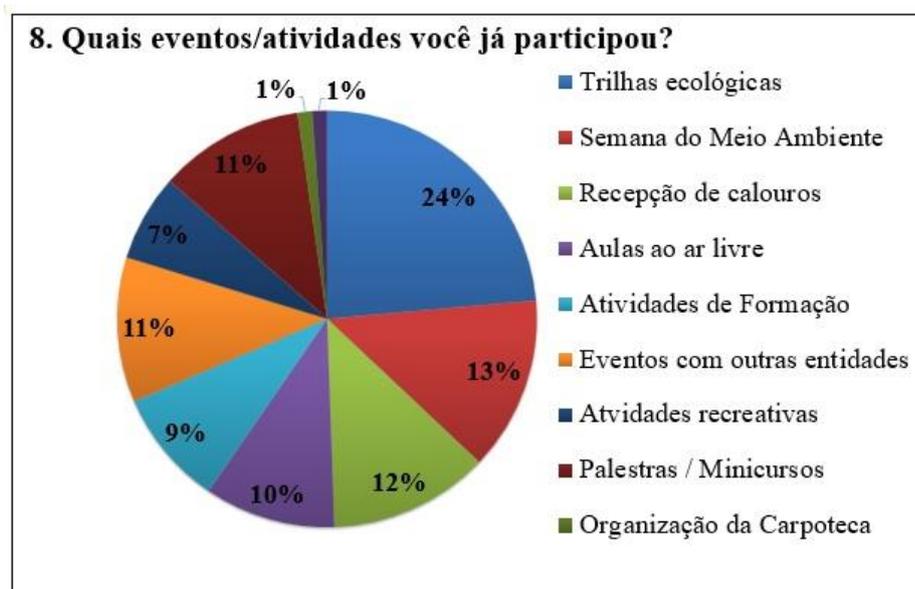


Figura 8: Respostas do DRP – Questão 8 (Quais eventos/atividades do Arborecer você já participou?)

Dentre as atividades desempenhadas, as pessoas gostaram mais de participar das Trilhas ecológicas, com 23%, seguida da Semana de Meio Ambiente com 10%, e Recepção de Calouros e atividades de formação, com 10%. Também houve respostas referindo-se às aulas no laboratório (3%), práticas na matinha (3%) e aulas ao ar livre (30%). E os outros 10% representados no gráfico, refere-se à respostas nulas (Figura 9).

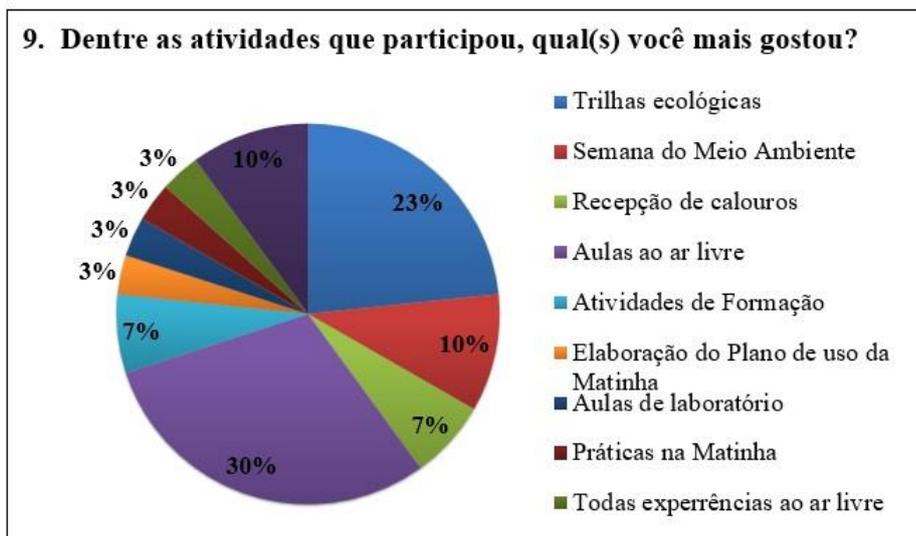


Figura 9: Respostas do DRP – Questão 9 (Dentre os eventos/atividades que participou, qual(s) você mais gostou? Por quê?)

Sobre as tarefas desempenhadas pela equipe, a Elaboração de materiais de uso do projeto foi a mais assinalada com 16%, Reuniões de Trabalho e Levantamento de dados na Matinha empataram com 14%, Formação interna e guiar as trilhas também empataram com 9%; assim como Administração de redes sociais, Coordenação de atividades e Estruturação das trilhas com 6% (Figura 10).



Figura 10: Respostas do DRP – Questão 10 (E quais tarefas você já desempenhou no Arborecer?)

Para 96% das pessoas, o Arborecer contribuiu para a vida pessoal e profissional, enquanto para 4%, contribuiu apenas para a vida pessoal (Figura 11).



Figura 11: Respostas do DRP – Questão 11 (Você percebe (se) o projeto contribui/contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?)

Em relação ao caráter das atividades, 15% preferem propor atividades, 11% preferem planejar as atividades propostas e 19% preferem executar as atividades propostas, enquanto 48% gostam de desempenhar as três tarefas. Além dessas, outra resposta adicionada, citava o fomento de parcerias (Figura 12).



Figura 12: Respostas do DRP – Questão 12 (Em que área você preferia ou prefere atuar no âmbito do projeto?)

No que se refere às dificuldades, 35% responderam que tiveram dificuldades em algum momento, enquanto 65% responderam que não tiveram. (Figura 13).



Figura 13: Respostas do DRP – Questão 13 (Você já teve DIFICULDADE em organizar, desempenhar e participar de alguma atividade?)

Ainda sobre as dificuldades, algumas respostas abordaram o fator tempo (21%), como falta de tempo para conciliar as demandas, e também o deslocamento (14%), por ser algo novo, a pessoa ainda não sabia como realizar determinadas atividades. Outras respostas se referiram aos colaboradores, tanto pela dificuldade de encontrar pessoas, como pela desistência (14%) (Figura 14).

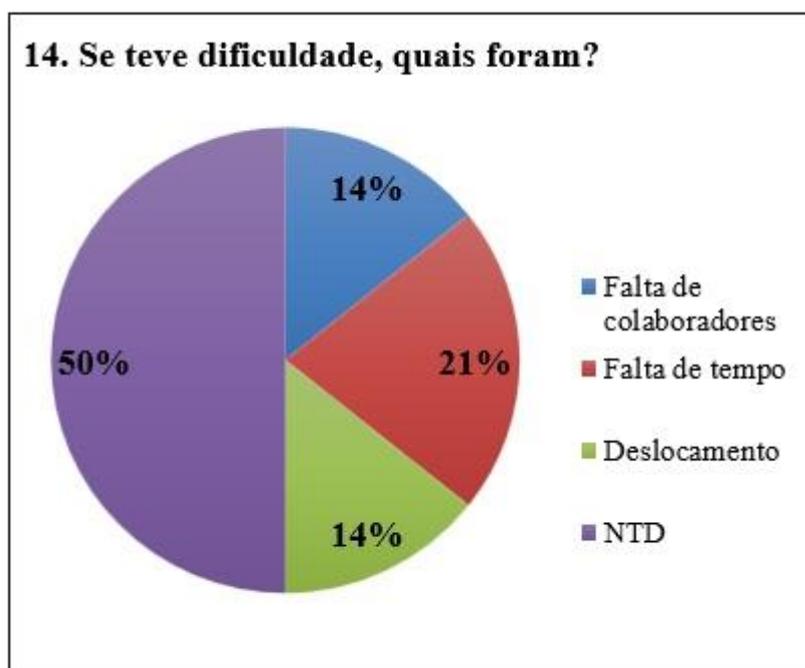


Figura 14: Respostas do DRP – Questão 13 (Se teve DIFICULDADE, por favor descreva sucintamente qual ou quais foram/são. Se não teve dificuldades, responda com "não teve dificuldades" (NTD))

Ainda sobre as dificuldades, 87% responderam que obtiveram ajuda e conseguiram resolver, 9% não conseguiram resolver, apesar de obter ajuda, e 4% conseguiram resolver e não obtiveram ajuda (Figura 15).

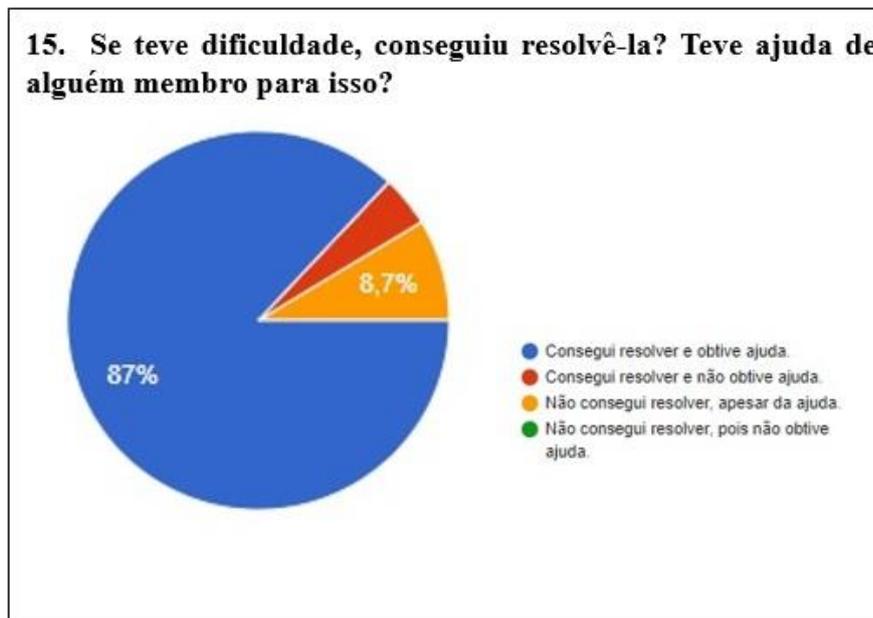


Figura 15: Respostas do DRP – Questão 14 (Se teve DIFICULDADE, conseguiu resolvê-la? Teve ajuda de algum membro para isso?).

A penúltima questão pedia para eles descreverem o que o Arborescer representa ou significa para eles.

Entre as respostas, a grande maioria refere-se ao aprendizado e obtenção de conhecimento, como:

1. “Uma grande oportunidade de obter conhecimento e contatos, além de relações interessantes”;
2. Aprendizado”;
3. Uma forma de ensinar educação ambiental”;
4. Conhecimento para preservação”;
5. Uma grande fonte de troca de saberes, todo dia um aprendizado novo”;
6. Porta de conhecimento de algumas áreas de atuação”.

Além dessas, outras respostas abordaram aspectos, como trabalhar com a temática ambiental, contato com a natureza, multidisciplinaridade, promoção da interação entre as pessoas e aproximação da comunidade externa.

1. “Significa pra mim ter uma outra visão além do que o meu curso de zootecnia oferece, conhecer a importância de pequenos insetos e também das árvores presente em uma propriedade”;

2. “Representa o esforço coletivo e a competência de docentes que resistem a um ambiente hostil à conservação da natureza”;
3. “O Arborecer pra mim é minha segunda família, o projeto tem me ajudado a superar meus desafios longe da minha Família. Essa convivência com a natureza é o que eu mais amo, posso dizer que conheci o projeto num momento em que eu mais precisava. Só tenho a agradecer a todos pelos momentos incríveis que tenho vivenciado”;
4. “O projeto arborecer foi/é uma experiência muito agregadora para minha trajetória na graduação. Foi um espaço que me proporcionou aprendizados profissionais/acadêmicos e me agregou muito pessoalmente e possibilitou laços e relações de amizade e parcerias entre os membros e voluntários. Vejo que os momentos que possibilitou essas experiências são importante para fortalecer ainda mais o significado e a missão do projeto”;
5. “Representa um elo muito forte entre a Universidade e a comunidade como um todo, e deve ser um grande motivo de orgulho para a UFMT, em especial o curso de Engenharia Florestal, mas também os outros cursos. Considerando que não existem muitos projetos de extensão, especialmente voltados à educação ambiental que levem informações sobre a biodiversidade regional”.

E a última questão do formulário, perguntava o que os membros enxergavam para o futuro do Arborecer, e também se eles tinham alguma sugestão para o projeto.

De modo geral, as pessoas tecem muito elogios ao Arborecer, vislumbrando um futuro próspero ao projeto:

1. “Um projeto magnífico, onde todos deveriam conhecer”;
2. “Um megaprojeto de atualização em educação ambiental”;
3. “Enorme potencial, principalmente com o que vem sendo construído nesses últimos tempos, pois terão maiores resultados a longo prazo, e isso irá tornar o projeto ainda maior”;
4. “Enxergo um projeto de destaque na UFMT e na cidade, e referência no levantamento e monitoramento da vegetação de remanescentes da região(...)”;
5. “Quero que este projeto aumente cada vez mais sua repercussão e que chegue a todos, pois é muito importante para o futuro da natureza e da humanidade”.

Outras respostas mais elaboradas, falam do(s) potencial(s) do Arborecer, em relação ao futuro, como:

1. “Acredito que o projeto possui um potencial imenso, de modo que possa impactar as atividades a nível municipal, e inspirar outras atividades para outras instituições”;
2. “Consolidar-se como iniciativa para mostrar a importância da floresta para o povo de Mato Grosso. Construir um centro de formação em educação ambiental no norte de Mato Grosso”;
3. “Eu consigo ver que o projeto vai crescer bastante e alcançar mais pessoas, tanto estudantes quanto pessoas de fora”.

Uma das respostas aponta uma dificuldade em relação ao recurso humano: “O Arborecer tem um futuro lindo. Mas para que isso ocorra é preciso de pessoas para tornar o projeto vivo e ativo. A falta de pessoas dificulta os processos e desenvolvimento”.

Já uma outra resposta, aponta uma expectativa em relação aos estudantes: “Que os alunos consigam enxergar uma oportunidade de serem acolhidos no curso através de atividades desenvolvidas para promoção do curso. E que o Arborecer seja um exemplo de projeto a ser seguido”.

E por fim as sugestões:

1. “Ampliar as ações para chegar mais longe trazendo mais pessoas para a conservação e uso consciente”;
2. “(...) Uma sugestão é a expansão das temáticas de cursos de formação, para além da educação ambiental, como de identificação de espécies, amostragem de fauna e flora etc., mas entendo que é um esforço que demanda tempo e pessoal, entretanto é uma sugestão para o futuro”.
3. “(...) O próximo remanescente poderia ser a mata que pode ser ligada à matinha no futuro (que pertence a religiosos). Minha sugestão é ter menos atividades diferentes em 1 ano, e 1 objetivo a ser desenvolvido trimestralmente, onde os esforços se concentram no cumprimento daquele objetivo. Por exemplo: visitas de estudantes nas trilhas concentrada em 3 meses. Assim, quando houver atividades e demandas de outros projetos o Arborecer também possa participar e se integrar”;
4. “Continuar atividades de EA e formação acadêmicas! Sugiro dar enfoque às espécies ameaçadas”;
5. “Ampliação da oferta de cursos de formação”;
6. “Desenvolver e aprimorar as atividades já realizadas”.

6. PERSPECTIVAS FUTURAS

O Projeto Arborecer evoluiu bastante ao longo desses anos, ampliou suas parcerias e diversificou sua área de atuação.

A partir de 2022 o projeto está atuando mais diretamente no *campus*, com atividades que abordam o tripé da universidade, Ensino, Pesquisa e Extensão, gerando materiais informativos e trabalhos científicos.

Sobre a sua atuação, percebe-se que no início, especialmente em 2010, o projeto trabalhava abordava mais a EA Tradicional, e ao longo do tempo foi migrando para a EA Crítica. E atualmente, muito por influência do curso de EA e das novas parcerias, ele está migrando para a EA Pós-crítica, havendo interesse inclusive no debate de políticas públicas que promovam a EA no Norte do Mato Grosso.

Entre os pontos fortes, destaca-se a diversidade e o acúmulo de conhecimento e experiências da equipe, além da horizontalidade na dinâmica de trabalho, e a resiliência diante dos desafios enfrentados durante a jornada.

Ficou claro que a questão financeira é um diferencial, visto que em 2022 e 2023, quando houve o recurso da FAPEMAT, o projeto adquiriu alguns materiais e ferramentas de trabalho, além de ampliar consideravelmente o número de atividades.

Uma grande dificuldade observada é no que tange o recurso humano, uma vez que o projeto possui uma alta demanda de atividades. Além do que os estudantes que entram/permanecem no projeto são majoritariamente do curso de Engenharia Florestal, visto que uma das bandeiras do projeto é a multidisciplinariedade. Desse modo é preciso repensar as estratégias para manter os estudantes no projeto, bem como atrair discentes de outros cursos. Para isso o DRP, se apresenta como uma ferramenta importante.

Contudo, é válido que algumas dificuldades irão existir, e que nem sempre estarão no nosso controle, como a estrutura universitária estar mais voltada para a pesquisa e o ensino, do que para a extensão; a dificuldade em se trabalhar com a questão ambiental, em uma região altamente conservadora e marcada pelo agronegócio, a transitoriedade de estudantes na universidade, entre outras.

Então é preciso portanto ter flexibilidade e resiliência, para aprender a lidar com questões que de algum modo fogem do nosso controle, e podem afetar o andamento das atividades.

Para trazer as últimas considerações apontadas pelos idealizadores do Arborescer, professor Juliano e professora Paula, a questão 3 da entrevista realizada com eles, perguntava qual é a missão do projeto para eles.

Para o professor Juliano, é mostrar a importância das florestas e do Meio Ambiente, os recursos e os serviços ecossistêmicos fundamentais à nossa existência, especialmente à população mato-grossense.

Já a professora Paula fala que a missão do Arborescer é despertar a consciência nas pessoas em relação ao meio ambiente, de uma forma mais abrangente. E comenta que considerando o contexto da região, onde o Agronegócio é muito presente, o Arborescer faz um caminho contrário ao da maioria, e que nesse sentido é muito importante ser resiliente.

E ainda sobre a entrevista, a última pergunta era sobre o que eles enxergavam para o Arborescer nos próximos dois anos.

Inicialmente o professor Juliano fala que é preciso aumentar e diversificar a equipe. Ele também comenta sobre a importância de discutir políticas públicas, para promoção de mudanças mais substanciais, que melhore as condições de trabalho do educador ambiental.

Em concordância com ele, a professora Paula cita a discussão de políticas públicas, porém ela levanta vários aspectos do estado do Mato Grosso, que mesmo sendo um estado tão rico, há muita desigualdade, além dos problemas ambientais, provenientes da agricultura extensiva. Nesse sentido, para ela é preciso discutir políticas públicas, como forma de discutir essas problemáticas.

7. CONCLUSÃO

Para o próximo ciclo de atividades, que deve ter início no próximo ano, 2024, a equipe do Arborecer já tem alguns planos e projetos, entre eles:

1. Elaborar e adotar um método de avaliar as atividades desenvolvidas, especialmente com o público externo;
2. Adotar de forma efetiva as políticas públicas, e para isso deverá fortalecer e criar laços com projetos e pessoas de Sinop e região, que atuam na área ambiental, especialmente com EA.
3. Desenvolver um projeto voltado à hortas pedagógicas na Escola Leni Teresinha Benedetti, por meio da construção das hortas em si, e também por oficinas mediadas por professores da UFMT.

Mas antes disso, os idealizadores, bem como a equipe deverá avaliar o Arborecer, estudar os aspectos que precisam ser melhorados, e ampliar aquilo que tem dado certo. Para isso, este trabalho será de grande utilidade.

Por fim, este trabalho tem grande relevância para o Arborecer, por ele ter levantado histórico do projeto, por meio das consultas aos relatórios, e dos relatos dos professores idealizadores, de estudantes que fizeram/fazem parte do projeto, e também de parceiros, o que permitiu enxergar o projeto por diferentes olhares ao mesmo tempo.

Dada a sua importância, este trabalho ficará será disponibilizado no site do Arborecer, junto aos outros materiais educativos elaborados pela equipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, A. P. et al. Composição da arborização urbana dos bairros Pompéia, Gonzaga e Boqueirão da cidade de Santos/Sp. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**. Curitiba, v. 16, n. 4, p.2, 2022.
- ALBERTON, J. G.; JACOBI, U. S. Planejamento de uma trilha interpretativa em um trecho de mata ciliar do rio Piratini, Cerrito (RS). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 15, n.2, p. 250, 2022.
- ALVES, V. E. L. Agronegócio, reestruturação produtiva e o avanço da urbanização na fronteira agrícola do Bioma Cerrados do Centro-Norte do Brasil. **Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana-XVI SIMPURB**, v. 1, p. 3677, 2019.
- BARRETO, L. C. M. S.; MARQUES, J. D. O. Guia de instrumentalização de trilhas interpretativas para o processo de ensino aprendizagem. Manaus: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, p, 80, 2018.
- BATISTA, Z.N; KERBAUY, M.T.M. A gênese da extensão universitária brasileira no contexto de formação do ensino superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 923 e 924, 2018.
- BENASSI, C. B. P. et al. Divulgação científica em educação ambiental: possibilidades e dificuldades. **Revista Pleiade**, v. 9, n. 18, p. 5, 2015.
- BRASIL. Decreto-lei nº9.605, de 27 de abril de 1988. Regulamento: Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providencias.
- BRASIL. Decreto-lei nº9.795, de fevereiro de 1999. Regulamento: Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências
- BONAMETTI, J. H. Arborização urbana. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*. Londrina, v. 19, n. 36, p. 52 e 53, 2020.
- BONZANINI, T. K.; NUNES, A. B. O uso de vídeos em trabalhos com educação ambiental na educação básica. **AmbientalMente Sustentable**, vol. 20, p. 1391 e 1394, 2015.
- BORTOLINI, M.H.Z; RISSI, M. VENDRÚSCOLO, J de B. G. Indicadores de extensão universitária. OLLADO, D.M.S; In: XIX Colóquio Internacional de Gestão Universitária, p. 2, 2019.
- CAMPOS, R. F; FÉLIX, L. A. G.; VASCONCELOS, F. C. W. Política ambiental brasileira: Histórico legal da criação de áreas protegidas. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, p. 13 e 14, 2011.
- CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, v. 10, n. 10, p. 23, 2007.

CARVALHO, M. F. DE. de. Análise do desmatamento na Amazônia Mato-Grossense e sua relação com o agronegócio no município de Sinop-MT. p. 9 e 17, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/659>. Acesso em: 17 set. 2023.

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária, **Em Extensão**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11 e 16, 2014.

COSTA, S. O. Bases florísticas para construção de trilha interpretativa e programas de educação ambiental na empresa Radio Hotel (Serra Negra, SP). **Revbea**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 209 e 210, 2017.

DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 6, 2013.

FARIAS, A. B. Contexto sócio-histórico e econômico no Norte de Mato Grosso (caso de Sinop): a expansão da fronteira agrícola. **Em Tempo de Histórias**, n. 31, p. 86-87, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14718>. Acesso em: 17 set. 2023.

FIGUEIREDO, R. S.; SOUZA, L. M. O uso das redes sociais na educação ambiental em tempos de isolamento social. **Revista Devir Educação**, Lavras, vol.5, n.1, p.27, 2021.

GIASSI, M. G. et al. Ambiente e cidadania: educação ambiental nas escolas. **Revista de Extensão**, Criciúma, v. 1, n. 1, p. 30 e 31, 2016.

GONÇALVES, M. D. P. N. **Política de Extensão Universitária Brasileira 1975- 1999**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 57. 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Manual técnico da vegetação brasileira. Série: Manuais técnicos em geociências, 2ª. ed. Rio de Janeiro, 2012. 271p.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, n. 118, p. 191 e 197, 2003.

JULIANI, S. DE F; FREIRE, L. O papel da extensão universitária na inserção curricular da educação ambiental: Uma experiência no curso de ciências biológicas da UFRJ. **Revista da SBEnBIO–Associação Brasileira de Ensino de Biologia**, [São Paulo], v. 7, p. 6732 2014.

JUSTINO, G. S. **Guia botânico de trilhas do Parque Estadual do Pau-Furado, Uberlândia, Minas Gerais**. Orientador: Jiki Naoki Nakajima. 2017. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 3, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20309>. Acesso em: 28 jun. 2023.

LACERDA, P. L. Políticas públicas, ocupação do espaço e desenvolvimento na região Norte Mato Grossense: Uma análise crítica dos municípios de Sinop e de Lucas do Rio Verde – MT. 2013. 185 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional), Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, p. 73, 74 e 75, 2013.

LAYRARGUES, P.P. Muito além da natureza: Educação ambiental e reprodução social. **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez. v. 1, n. 02, p. 6, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1876477/mod_folder/content/0/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental/MUITO%20AL%C3%89M%20DA%20NATUREZA-%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20AMBIENTAL%20E%20REPRODU%C3%87%C3%83O%20SOCIAL.pdf. Acesso em 19 out. 2023

LAZIER, J. de F. C. **Desenvolvimento do conceito de meio ambiente com as crianças por meio da “contação de histórias”**: Uma contribuição à **Educação Ambiental**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, p. 13 e 38, 2010.

LAZZARI, G. Trilha ecológica: um recurso pedagógico no ensino da botânica. **Scientia cum Industria**, Caxias do Sul, v. 5, n. 3, p. 165, 2017.

MENDONÇA, Rita. Educação ambiental vivencial. **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: **Ministério do Meio Ambiente**, v. 2, p. 120, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Dimas-Floriani/publication/236144823_Dialogo_de_Saberes/links/00b7d516573eb62535000000/Dialogo-de-Saberes.pdf#page=121. Acesso em: 17 set. 2023

MOREIRA, P. S. A. **Arborescer - Conhecer para conservar**. Sinop, 2023.

MOREIRA, P. S. A. **Arborescer - Enraizando o conhecimento: Educação Ambiental no Parque Florestal de Sinop**". Sinop, 2020.

MOREIRA, P. S. A. **Arborescer - Florescendo Ideias Verdes**". Sinop, 2021.

OLIVEIRA, A. R. M. F. et al. Educação ambiental: Ações e experiências em espaço educativo não-formal em tempos de pandemia. **Revista Macambira**, [Serrinha], v. 5, n.1, p. 3,4 e7, 2021.

OLIVEIRA, J. B. Guia didático colaborativo de trilha interpretativa. Tabatinga: Universidade Federal do Amazonas, Tabatinga, p. 8, 2018.

OLIVEIRA, J. R.; FREITAS JÚNIOR, J. A.; CARDOSO, O. Educação ambiental: O uso de redes sociais e aplicativos educacionais. **Revbea**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 230, 2023

OLIVEIRA, R. M. et al. Plano de uso da matinha. Fundação UNISELVA, p. 5, 15, 16, 18, 21 e 22, 2023. (Série Arborescer – MT Ciência.). Disponível em: https://mtciencia.com.br/editora/arborescer/plano_matinha/. Acesso em: 17 set. 2023.

PARRA, J. H. et al. Mídias sociais como estratégias de educação ambiental para a promoção da coleta seletiva. In: 2º Congresso Sul-Americano de Resíduos Sólidos e Sustentabilidade. Vol. 2. p. 6, 2019.

PEREIRA, J. C. et al. Educação ambiental através das práticas interdisciplinares. In: III Congresso Nacional de Educação. Campina Grande. Realize Editora, p. 4, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20745>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

PERETIATKO, J. et al. Contribuições da extensão universitária para a formação acadêmica a partir de um projeto de educação ambiental. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v.11, n. 3, p. 418, 2020.

PROVIDELLO, A. **Entomofauna em áreas em estágio inicial de restauração florestal sob diferentes tipos de controle de plantas indesejáveis e uso de fertilizantes**. Dissertação de Mestrado - Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de São Carlos, Araras, p. 4. 2021.

RAUBER, C. S. GUARIM NETO, G. Percepção ambiental e áreas verdes: O caso do Parque Municipal Jardim Botânico em Sinop/MT, Brasil. **Revista Uniara**, Araraquara, v.14, n.2, p. 22 e 32, 2011.

RIBEIRO, F. N. Educação ambiental e formação de professores/as e educadores/as ambientais a partir das vertentes: tradicional, crítica e pós-crítica. **Pró-Discente**, v. 15, n. 1, p. 67, 68, 69, 70, 71 e 72, 2009.

ROCHA, M. et al. O potencial das trilhas ecológicas como instrumento de sensibilização ambiental: O caso do Parque Nacional da Tijuca. **e- Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 90, 2017.

RODRIGUES, A. L. L. et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Aracajú, v.1, n.16, p. 141-148, p. 142, 2013.

RODRIGUES, L. F. **“O lago tá pra peixe” Proposta de educação ambiental e divulgação científica utilizando a rede social Instagram, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Orientador: Clarice Bernhardt Fialho. 2021. 69 f. TCC (Graduação) - Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 14, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/243227>. Acesso: 28 jun. 2023.

ROJAS, A. L. L. La extensión universitaria en América Latina desde sus orígenes a la actualidad. In: Memorias XIII Congreso Latinoamericano de Extensión Universitaria. La Habana, Cuba. p. 1, 2015.

SÁNCHEZ, L. E. **Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Oficina de textos, p. 20, 2020.

SANTOS, J. DE P. DOS. "Arborescer: Educação Ambiental no Parque Florestal de Sinop". Sinop, p. 3, 4 e 5, 2019.

SANTOS, J. DE P. DOS. Identificação de espécies arbóreas e educação ambiental em trilha interpretativa no parque florestal de Sinop - MT. **RELATÓRIO DE ATIVIDADE DE EXTENSÃO- SIGProj EDITAL PBEXT-2010**. Sinop, p. 2, 3, 4, 5 e 9, 2010.

SANTOS, M. M.; PADILHA, D. G. Dinâmicas de educação ambiental para valorização dos recursos florestais aplicadas ao ensino fundamental. **Revbea**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 362 e 363, 2021.

SATO, M. Debatendo os desafios da educação ambiental. Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental. In: **Congresso de educação ambiental pró-mar de dentro**. p. 20 e 21, 2001.

SELEM, S. L. O.; MOREIRA, A. L. O. R. Trilhas interpretativas como instrumento para educação ambiental: uma construção participativa com a comunidade do entorno de uma reserva florestal urbana. **Revista Ciências & Ideias**, v. 12, n. 1, p. 84, 2021.

SILVA, B. A. DA. **Florística, Ecologia e Enriquecimento de Floresta Secundária na transição Amazônia-Cerrado: Subsídios para restauração e conservação**. Sinop, Mato Grosso. Orientador: Juliano de Paulo dos Santos. 2013. 72 f. TCC (Graduação) - Engenharia Florestal, Universidade Federal de Mato Grosso, p. 1, 6, 7 e 59, 2023.

SILVA JÚNIOR, C. A. **Formação de grupos de estudos, uma proposta de educação ambiental para o ambiente universitário**. Orientadora: Maria Izabel Gallão. 2017. 56 f. TCC (Graduação) – Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará. p. 36, 37, 41 43, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/48181/1/2017_tcc_casilvajunior.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

SOARES, A. J. Uma concepção de meio ambiente. **Revista Direito e Liberdade**, v.8, n. 1. p. 4 e 5 , 2009.

SOUZA, G. S. et al. Educação ambiental como ferramenta para o manejo de resíduos sólidos no cotidiano escolar. **Revbea**, Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 128, 2013.

SOUZA, A.S.; BALDINI, K.B.L. Projeto “Monitor de Ecoturismo”: Uma proposta de formação continuada e sua relação com a conservação ambiental no município de Resende (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.8, n.4, p. 528, 2015.

TRAJBER, R.; SATO, M. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 70, 2010.

YOUNÉS, T.; GARAY, I. As dimensões humanas da biodiversidade: o imperativo das abordagens integrativas. **Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI**, p. 64, 2006.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

APÊNDICE

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

**APÊNDICE A – PERGUNTAS PARA CONDUÇÃO DAS
ENTREVISTAS COM A PROFESSORA PAULA E COM O PROFESSOR
JULIANO**

1. Conte um pouco da sua trajetória pessoal e profissional. O que despertou seu interesse na educação ambiental, e mais especificamente a idealização do Arborescer?
2. Houve uma pausa nas atividades entre os anos de 2011 até a retomada do projeto, já como Arborescer em 2019. Nesse período você atuou em projetos de educação ambiental? Conte um pouco.
3. Para você, qual a missão do Arborescer?
4. Quais mudanças mais relevantes você enxerga no projeto? Quais fatores você acredita que tenham contribuído para elas?
5. Quais são as principais limitações/dificuldades do Arborescer atualmente? São as mesmas de quando o projeto começou? Se não, o que você acredita que mudou de lá para cá?
6. O Arborescer (quase) sempre atuou fora dos limites da UFMT. Como você enxerga o enfoque atual do projeto na Matinha, para o projeto, para a universidade e para a comunidade externa?
7. O Arborescer atua especificamente em remanescentes florestais dentro do perímetro urbano. Como você enxerga a importância da atuação do Arborescer e de outros projetos parceiros, que se dedicam em proteger essa “natureza urbana”?
8. O projeto conseguiu cumprir o que ele se propôs ao longo desses anos? E em 2022?
9. Existe algo que você sempre desejou, ou mesmo houve planejamento para tal, mas ainda não aconteceu? Considere o ano de 2019 até o momento atual?

10. O que você enxerga para o projeto nos próximos dois anos?
11. O que você acha que precisa alcançar para isso?

APÊNDICE B – ENTRESISTA COM O PROFESOR JULIANO DOS SANTOS

1. Conte um pouco da sua trajetória pessoal e profissional. O que despertou seu interesse na educação ambiental, e mais especificamente a idealização do Arborescer?

Jessika, eu formei em Engenharia Florestal né, em Lavras em 2007, aí eu fiz mestrado e na sequência eu fiz um concurso e passei aqui para UFMT em Sinop. Quando eu cheguei aqui, eu cheguei para dar aula de RAD (Recuperação de Áreas Degradadas) e de SAF's (Sistemas Agroflorestais), que foi o que eu fiz concurso, e não tinha professor para dar aula de dendrologia, aí faltava professor, tinha sido aberto o concurso e isso não tinha sido preenchido sabe, eu cheguei e o coordenador do curso me ofereceu essa disciplina, me ofereceu não né, me incumbiu, me deu essa função de dar aula de dendrologia, era dendrologia ou manejo florestal, eu já identificava planta, achei mais fácil dar aula de dendrologia, era uma coisa provisória, naquele momento era provisório tá, aí o que que acontece, eu sabia um pouco de identificação de planta da Mata Atlântica, da região de Lavras e de Minas Gerais, uma das primeiras coisas que eu fiz quando eu descobri que ia dar aula dar aula disso, quando eu me vi professor de dendrologia, foi de tentar enxergar locais onde eu pudesse ministrar essa disciplina, na UFMT já tinha a “Matinha” naquela época, mas não tinha acesso, então eu não conseguia usar. E aí eu descobri a praça da Bíblia, ali em frente ao Aurora e em frente à colonizadora Sinop, elas têm nomes distintos, uma é praça da Bíblia e a outra é praça..., eu não me lembro o nome agora, mas elas têm nomes distintos sabe, cada coisinha daquela tem um nome, são três. Tem aquela coisinha redonda no meio, na frente do posto tem um nome, depois a do lado da colonizadora tem outro e a direita tem outro, e eu dava muitas aulas ali, e o que eu consegui também foi no Parque Florestal. Então eu enxerguei o Parque Florestal especialmente como um lugar bom para dar aula, um lugar agradável, tinha já várias trilhas, espécies da flora nativa, então eu olhei para aquilo como uma oportunidade de dar aulas, ao mesmo tempo que enquanto professor, eu preciso trabalhar com ensino, pesquisa e extensão, tenho que ocupar 40 horas semanais de encargos docentes né, daí então eu cheguei dessa trajetória para dar aula de dendrologia, eu não conhecia as plantas daqui, eu comecei conhecer elas na Praça da Bíblia e no Parque Florestal, olhei para o Parque Florestal e falei “opa” acho que eu consigo pelo menos dar uma aula um

pouco descente para os alunos, então foi uma ideia de olhar para aquela vegetação para isso, só que eu precisava aprender as plantas daquilo ali primeiro, porque eu não conhecia né, então o Angelim de saia é uma coisa marcante, mas eu não conhecia, nunca tinha visto um na frente, então precisava ver eles primeiro, e eu precisava ocupar e fazer 40 horas de trabalho, tinha que gerar trabalhos né, então eu olhei para aquilo do parque como oportunidade em que eu pudesse desenvolver um projeto de extensão, eu descobri que tinham editais de projeto de extensão que estavam abertos, eu cheguei aqui, como eu cheguei em janeiro e era um projeto regular, eu já cheguei com edital de bolsa de extensão, de bolsa de monitoria, e isso tudo estava abrindo e a universidade tinha muita bolsa naquela época, tipo eu cheguei a ter nessa época dois monitores de RAD, dois monitores de dendrologia remunerados, tinha tipo vinte bolsas para o curso, então tinha muita bolsa de projeto de extensão. Eu elaborei um projeto, que a ideia era identificar árvores no Parque Florestal, e fazer trilhas interpretativas para capacitar os alunos na disciplina e os alunos do projeto né, na disciplina de dendrologia e aqueles que participassem do projeto, e ao mesmo tempo receber a comunidade lá no Parque Florestal, então é esse o projeto lá naquele momento de Identificação de Espécies Florestais em Trilha Interpretativa e tal de EA, ele surge da necessidade minha de conhecer e de preencher uma carga horária semanal mínima né, e de conhecer para conseguir estruturar uma aula, especialmente uma abordagem prática para os alunos, então num primeiro momento ele surge para responder a disciplina de dendrologia, eu diria que é isso tá, eu começo a fazer esse tipo de projeto para aprender as espécies e dar um aula melhor.

2. Houve uma pausa nas atividades entre os anos de 2011 até a retomada do projeto, já como Arborecer em 2019. Nesse período você atuou em projetos de educação ambiental? Conte um pouco.

Então o primeiro projeto era esse da trilha, tá, identificar árvores e fazer EA que era no parque, terminado o ano, no próximo ano em 2011. A gente conseguiu fazer um bom projeto lá naquele primeiro ano, recebemos um monte de gente e tal, cumprimos o propósito, mas já enxergamos um monte de dificuldades ali naquele primeiro ano sabe, então é, e naquele segundo ano a UFMT estava começando o projeto de arborização dela aqui do *campus* sabe também, então eu parei de mexer no Parque Florestal, e continuei fazendo essa coisa de identificar espécie, mas ao invés de fazer isso no parque, eu fiz na Praça da

Bíblia e Praça das Bandeiras, que é essas três praças ali no centro Jessika. Então em determinado momento eu identifiquei as árvores todas ali nessa praça, então no segundo ano eu fiz um projeto, também com bolsa, igual lá no primeiro ano eu escrevi um projeto, aprovei ele, teve bolsista, teve participantes, e nós recebemos pessoas lá no Parque Florestal, no segundo ano em 2011, eu fiz isso, na Praça da Bíblia, na Praça das Bandeiras, e a praça, aquela bolinha do centro, e também recebemos pessoas lá na praça tá, desde a comunidade. Naquele momento em 2011, tinha uma parceria com o SINDUSMAD (Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso), então o SINDUSMAD era parceiro, tá ali na frente ali, nos apoiar com por exemplo, placas para colocar nas plantas de identificação, sabe, placas grandes informativas, e aí em 2011 o projeto ficou nisso. Terminou 2011 eu fiz um outro projeto de extensão, continuei fazendo projeto de extensão, mas aí agora era um projeto focado na UFMT, de 2011 para 2012 a gente começou pensar no planejamento da arborização do *campus*, já que estávamos arborizando o *campus*, e aí eu tinha um projeto com a ideia de organizar um pouco a arborização do *campus*, envolver os alunos, egressos e os ingressos, para que eles plantassem árvores dos seus cursos sabe, então tipo a pessoa acabou de entrar no curso de Engenharia Florestal, ali na semana do calouro, ele iria enquanto grupo participar de um plantio de uma árvore que simbolizasse a turma, e quando ele estivesse formando, ele também ia fazer isso, e ao longo do ano nós receberíamos pessoas para falar das árvores no *campus*, em 2012 foi isso, 2013 foi isso. Espera aí, 2010 foi Parque Florestal, 2011 foi Praça da Bíblia, Bandeira e redondo ali da Júlio Campos, depois 2012 foi UFMT, arborização, e 2013 e 2014 Jessika, eu não elaborei projeto de extensão, eu foquei mais na pesquisa, eu já estava me preparando para ir para o doutorado. Nesse intervalo eu ajudei em outros projetos de extensão, e aí nesses projetos eu falava da Engenharia Florestal e da árvore tá, por exemplo, tinha o “UFMT convida”, o “UFMT de Portas Abertas”, “Olá UFMT”, ou por exemplo, tinha um projeto chamado “Escola sempre verde”, que foi executado nas escolas municipais e estaduais de Sinop, plantou árvores nas escolas, eu fui visitar uma escola uma vez lá no Camping Club para ajudar eles a pensarem como é que eles iriam arborizar, que espécies eles poderiam trabalhar, então eu enquanto professor contribui com outros projetos de extensão, contribui também com projeto de extensão da professora Paula Moreira, ela começou entrar para uma outra linha da, enquanto eu focava na EA com planta, minha coisa é árvore né, mais

vegetação, a professora Paula sempre pegou o lado dos bichos, então eu ia com a planta, ela ia com o bicho, ela me ajudava de cá e eu ajudava ela de lá.

Tá antes de responder isso aí Jessika, aí só para deixar claro também depois né, ó então 2013 e 2014 eu colaborei em algum projeto de extensão, e aí EA fazia parte, nesse processo teve um ano, não me lembro direito Jessika, posso depois resgatar isso pra você, mas eu fui conselheiro do COMAM (Conselho Municipal do Meio Ambiente do Meio Ambiente) de Sinop, e aí lá eu tentava puxar também ações de EA, ou pelos menos discutir EA numa esfera mais política também né, como é que iríamos pensar nisso tá. Eu fui sucedido pela Paula no COMAM depois de mim foi ela como representante da UFMT. 2013 e 2014 eu foquei em pesquisa, aí 2015, 2016, 2017 e 2018 eu fiquei afastado da UFMT fazendo doutorado, e no início de 2019, em abril de 2019 é que eu volto.

3. Para você, qual a missão do Arborescer?

E aí a sua pergunta é sobre a missão do Arborescer né? No meu entendimento Jessika, eu vejo o Arborescer como, que a missão dele, o propósito dele é mostrar a importância das florestas e do meio ambiente que nos cerca, seja no meio rural ou no meio urbano, a importância dele para a sociedade mato-grossense, e aí nesse contexto de mostrar a importância, os serviços ambientais e ecossistêmicos que são necessários para a nossa sobrevivência, eu vejo que eu particularmente, eu ainda puxo o lado de mostrar mais a árvore, como é que essas árvores elas foram importantes para Sinop, para Mato Grosso, eu tenho olhado mais e buscado nas minhas mensagens do Arborescer de puxar esse lado, que estamos num estado que tem um nome de floresta grande, grossa, que as árvores foram importantes, e além de mostrar essas florestas, eu mostro esse histórico também sabe, que eu acho que isso é importante para as pessoas saberem

4. Quais mudanças mais relevantes você enxerga no projeto? Quais fatores você acredita que tenham contribuído para elas?

Eu acho que uma grande mudança dos últimos tempos tem sido um afastamento ou uma independência que nós criamos em relação por exemplo a Secretaria de Meio Ambiente do Município. A gente começou andar mais por conta própria sabe, acho que essa foi uma coisa, de uma mudança desses últimos tempos agora né, do tipo a gente sabe fazer, a gente tem recurso, a gente vai fazer, e aí se eles são parceiros ou não é só um detalhe, um detalhe importante, mas eu vejo isso

sabe, essa criação da independência. Outra mudança importante, eu acho que foi quando a gente começou a eleger bandeiras. Até então num primeiro momento, essa ideia de renovar ano após ano com um novo slogan né, uma nova perspectiva, isso não existia até então, me parece que quando eu troco né esse chavão de “Enraizando o conhecimento”, “Despertar da consciência”, “Conhecer para conservar”, é como se eu renovasse um pouco as energias para mim poder seguir num próximo ano, e aí pra renovar eu preciso também mudar de foco, então acho que isso foi bacana sabe, essa mudança, possibilidade, criar esse projeto mutante, que ele tem uma linha mestre, mas ele vai elegendo novas prioridades, novas atividades, ao longo desse processo de maturação e evolução, acho que isso é uma coisa também marcante. Acho que outra coisa que eu colocaria, nem sempre é tudo para o positivo, eu vejo que hoje a gente tá cada vez mais sobrecarregados, do tipo falta pessoas, falta alunos engajados, não sei, tem hora que eu vejo que a gente está fazendo com o que tem, e a gente tem que fazer com o que tem também, eu acho que é isso mesmo, mas talvez anteriormente nós tivéssemos mais alunos, e conseqüentemente a gente conseguiria alcançar alunos que realmente tinham mais engajamento, mais dimensão sabe Jessika, não sei, comecei enxergar agora, cada vez mais que a EA, ela está à esquerda num aspecto político de uma democracia como a nossa sabe, então não dá pra ser educador ambiental de direita, por exemplo. Estou com essa coisa na cabeça, e aí eu vejo que às vezes a gente até tem uma coisa assim no projeto, sabe com pessoas mesmo e que está relacionado com o fato da gente não ter mais pessoas. Talvez pudéssemos ter pessoas mais alinhadas, sabe, com o ideal do projeto mesmo, mas aí a gente não tem, porque não tem aluno, enfim, acho que recursos humanos também foi uma mudança muito drástica sim.

Jessika: Á essa independência da Secretaria de Meio Ambiente, o que você acha que contribuiu para isso? Foi acontecendo, ou teve algum fator que você acha que levou vocês/ a gente a ter essa independência?

Juliano: Eu vejo um apoio deficitário da Secretaria de Meio Ambiente mesmo em relação a UFMT, e ao nosso grupo especificamente. Eles nos chamavam para apagar fogo, então quando chegava a Semana do Meio Ambiente, eles lembravam muito bem da gente, o resto do ano, parece que a gente não funcionava muito bem, quando precisava pinçavam da gente sabe, e aí a gente foi ficando desgostoso sabe, porque é um propósito que a gente sempre quis fazer, a gente sempre pensou que conseguiríamos ter alunos e guias treinados para receber as pessoas no parque, isso sempre foi um sonho, e nenhum aluno,

nenhum guia vai ficar no parque de sábado e domingo sem receber um pró-labore justo sabe, e essa era uma coisa que a gente sempre buscou com a Secretaria de Meio Ambiente, e a gente nunca conseguiu realizar isso, então eu acho que a gente foi tendo uma série de insucessos. É claro que eles têm dificuldades, eu entendo isso, que há dificuldades, igual a gente tem, mas se no processo da gente não houver avanço, no final a gente cansa né, então acho que foi isso.

Jessika: Em relação às bandeiras, que até então pelo que você disse era uma coisa que não se tinha, essa ideia de a cada ano ir elegendo uma nova bandeira ou um novo slogan. Como que você o surgimento, sei lá, a chavinha que virou para essa nova ideia?

Juliano: Quando nós retomamos esse projeto, eu sempre falo que ele começou em 2010 porque a gente faz as mesmas coisas Jessika, não mudou das coisas sabe, de receber pessoas em trilha, seja aqui na matinha da UFMT ou lá no parque, é receber pessoas em trilhas, crianças, adultos, a atividade é a mesma, com dificuldades também muito parecidas sabe, o que eu vejo que foi um diferencial, pra gente conseguir chegar nisso, em que a gente consegue renovar perspectivas do projeto de tempo em tempo, foi quando a gente inclusive pensou nesse projeto com um nome diferente, com um nome curto que pegasse sabe, eu acho que quando a gente voltou para redesenhar o projeto, a gente já não voltou como se estivesse começando em 2010, a gente voltou com aquilo que tinha aprendido. Então vamos fazer um projeto, mas vamos fazer um negócio que é bacana, e vamos fazer um negócio que vai para a frente, então acho que começou ali na idealização do nome. Quando a gente escolhe esse nome curto, mas potente, eu acho que ele já abriu menção para que a gente construísse ao longo dessa evolução essa renovação da identidade porque o Arborescer sozinho parecia um nome bacana, mas curto, então sabe como se faltasse a cereja no fim do bolo. Então eu tenho o bolo, e aí eu mudo a cobertura, a cobertura agora é de sei lá tal doce e no ano que vem eu mudo o doce, a essência é a mesma, eu mudo a cobertura, eu mudo a cara do doce quando eu mudo a cobertura né, eu vejo isso, que a escolha do nome levou para essa perspectiva de mudar temáticas, renovar ações e também renovar pessoas sabe, uma coisa que eu também aprendi com isso sabe. Que ano após ano quando a gente muda temática, eu também mudo pessoas, o projeto se renova sabe, de pessoas que às vezes tão, podem até continuar no projeto, mas não estão tão ativas, aí surgem outras que vem com outras ideias, então durante um tempo do processo é preciso criar engajamento

e envolvimento para a pessoa conseguir entender como ela pode se integrar e como é que ela pode somar mais.

Jessika: Eu estou vendo que a dificuldade maior, tanto a dificuldade de caminhada, quanto as grandes mudanças, vem sempre das pessoas né, se tem/se não tem, se o grupo está pequeno/está grande, se entrou/se saiu gente.

Juliano: Sim, eu começo a olhar cada vez mais que na extensão a chave são pessoas, se você tem pessoas, você tem o projeto, e se as pessoas participam, o projeto faz acontecer, se as pessoas não participam o projeto só existe, e não necessariamente pode ser marcante sabe. Então a gente tem observado essa coisa de que é preciso engajar pessoas, daí veio a estratégia de “Café no mato”, a gente tendo por exemplo uma coisa mais horizontal possível, envolver as pessoas, mas eu vejo isso, as pessoas são o calcanhar de Aquiles num projeto de extensão. Talvez com a curricularização da extensão e conseqüentemente com a obrigatoriedade de que uma proporção do currículo seja destinado ou ocupado com ações de extensão a gente vai ter um maior engajamento, não necessariamente vai ser pela afinidade ou maior ligação sabe, maior aderência com a temática, mas a gente vai ter pessoas porque elas vão ter que fazer isso para cursarem, e no final ganharem seus diplomas de bacharel, no então acho que talvez essa coisa de pessoas possa ser arrefecida agora com essa coisa da curricularização, mas não necessariamente enxergo que isso pode trazer com que as pessoas vão estar mais alinhadas né. Esse alinhamento ideológico eu acho que ele não se constrói necessariamente só porque a pessoa está participando do projeto, ela pode estar participando porque ela tem que cumprir horas.

Jessika: É, pensando agora, eu acho que a resposta da curricularização da extensão nessa questão mais ideológica da pessoa se identificar com a causa, eu acho que ela vai vir à longo prazo, 5, 10 anos que isso estiver caminhando sabe, agora ainda mais que está acontecendo a transição, vai ter pessoa que vai torcer o nariz, “ah eu não gosto disso”, “eu não queria fazer”, e professores também né, que vão torcer um pouquinho o nariz.

Juliano: Sim, eu acho que haverá resistências em ambos os lados né, inclusive também de gestão né, é preciso que a gestão se equipare, ela tem que se equipar pra isso né. Quando eu cheguei aqui era mais fácil ter projeto de extensão, porque tinha bolsa, mais de uma bolsa. Por exemplo, como que você faz extensão sem ter recurso né? , e como você faz extensão sem recurso né?

Jessika: Não faz né, definitivamente não faz.

Juliano: É

5. Quais são as principais limitações/dificuldades do Arborescer atualmente? São as mesmas de quando o projeto começou? Se não, o que você acredita que mudou de lá para cá?

Ó, a grande dificuldade que você deve pontuar na minha opinião é de pessoas, que a gente até já conversou sobre isso, o que também já seria esperado, afinal de contas a gente tem um público que é transitório, a universidade se renova né. Apesar que eu estou aqui já tem 12 anos, mas já passou tantos alunos por mim, e eu tenho que entender isso, que os alunos se renovam, é, eu e mais um grupo de pessoas teremos um tempo maior de prateleira né enquanto alguns outros vão passar mais rápido, e aí é preciso entender isso para saber assim ó, fulano não vai ficar de adi eterno mesmo, então pronto isso é fato, acho que isso é uma coisa. Mas atualmente, a gente está tendo muito pouco pessoal, e aí uma outra coisa que eu tenho observado, uma dificuldade nessa etapa do Arborescer de 2022 né, é que a gente tem uma proposta que o Arborescer, ele trabalhe com a matinha como plano de fundo, a gente que ações na prática que deixem um rastro do projeto lá na matinha, na perspectiva, eu tenho falado muito isso, e eu vou repetir aqui pra ficar gravado, que é a ideia de mijar no poste sabe, marcar o território lá, a gente enxerga que a plaquinha para a árvore que foi marcada no censo, no inventário, amostra de solo que tirou de lá, amostra de planta que gerou, amostra de inseto que colocou, armadilha do inseto que tirou, que está lá, tudo isso é importante pra gente gerar né ou realmente fazer com que esse uso para o ensino, pesquisa e extensão se consolide lá. E o que eu vejo, é que é que além de faltar pessoas, faltam pessoas que vão na mata, a mata não, sabe, nada de lá cai sair enquanto informação pra gente divulgar, e aí eu vejo enquanto arborescer fazendo divulgação científica num viés ambiental, de EA, mas isso não vai sair de lá, se essa coisa de ir na matinha não acontecer na prática, então, acho que essa é uma dificuldade né. Pessoas, um item; pessoas que vão para a prática, aí a gente tentou fazer engajamento, faz cronograma de trabalho, tenta fazer o possível né para que as coisas caminhem, é, isso é uma coisa. Outra limitação, você perguntou sobre limitação ou sobre perspectiva de mudança também de temática, né?

Jessika: Se as dificuldades, se elas mudaram assim, digamos que no início eram pessoas, e hoje é uma outra dificuldade.

Juliano: Tá, outra dificuldade que a gente tinha Jessika, então pessoas sempre foi uma coisa, aí uma outra coisa na minha perspectiva tá, como eu trabalho mais com planta e identificação, e isso estava no plano de fundo das áreas que a gente

trabalhava com educação, nos fragmentos de vegetação nativa. Antigamente eu não sabia identificar isso daqui, quando eu cheguei em 2010, hoje eu sei, então acho que isso foi um avanço de uma limitação que a gente tinha, e hoje a gente não tem mais essa limitação. Agora uma outra coisa que surgiu, é que eu tenho observado, e de novo né, a EA como um ato político, a gente foi se envolvendo em criar condições para dialogar políticas públicas para a EA, eu acho que isso do workshop agora ficou bem implícito isso sabe, é, e agora eu vejo que como é que a gente vai dar sustentação para isso em médio e longo prazo sabe, é, no ano que vem, como é que eu vou fazer isso, e como é que é isso que foi semeado do Arborescer agora com recurso vai perenizar? E quando acabar o recurso, a gente vai fazer o que? Vai chorar da época que teve o recurso? Entendeu, então essa é uma coisa que eu tenho pensado agora, como é que a gente vai continuar alimentando esse sistema para criar um círculo virtuoso.

Acho que uma outra limitação Jessika, até mandei um outro áudio para complementar, eu vejo que falta tempo também sabe. A gente, com a evolução do nosso trabalho, a gente foi se envolvendo cada vez mais em outras coisas né, então outros projetos de extensão para além do Arborescer, tem que lembrar que a gente tem um conjunto de atividades que a gente faz além do Arborescer né, tem hora que parece que eu só faço isso da vida, e na verdade isso é uma faceta da minha vida, e aí as demais coisas também vão demandando, vão crescendo, vão evoluindo, e aí tem hora que parece que falta tempo para o Arborescer, ou que o Arborescer consome tempo demais e falta tempo para as outras coisas sabe. Então tempo também eu acho que é uma limitação, tanto pra mim enquanto professor né, bem como eu acho que para os discentes também sabe, está todo mundo atolado de coisa, e parece que cada vez mais a gente está se envolvendo em mais coisas, então eu tenho uma sensação de que estamos abarrotados.

Sobre a questão do tempo, e conciliar diferentes atividades/demandas

Jessika: Passar assim o estresse, ou mesmo conciliar né alguma coisa da vida pessoal com essa correria, e aí vocês dão aula, preparam aula ou corrigem prova, esse tipo de coisa, se tem alguma. Eu estou perguntando isso, muito mais pensando nos estudantes, que talvez nessa interferência eles não consigam administrar e é onde saem, do que estou pensando em vocês mesmo.

Juliano: Eu acho que isso é um tipo de pergunta que você também deve fazer para a Paula tá. Sim, isso interfere na minha vida pessoal sim. Por exemplo, agora nessa última versão do Arborescer que a gente está com recurso, a gente

trabalhou sábados todos assim sabe, aí quando chega, eu trabalhei a semana inteira e ainda tenho que trabalhar no sábado, e aí eu estou exausto, aí eu brigo em casa, ou aí quando chega em casa está tudo uma zona porque eu não tive tempo de conseguir organizar a minha vida também em casa. Então sim, atrapalha, é uma limitação que vai e reflete também em como que né eu desenvolvo minha vida pessoal e minha saúde mental vai para o saco junto com isso.

Jessika: Essa questão ambiental é uma lacuna tão grande, ainda mais no contexto do Mato Grosso, que o projeto, ele está tomando uma dimensão muito grande né, então acho que o pessoal de fora fala “Ah, eu preciso de tal coisa, o arborescer, o arborescer”, e aí eu acho que como são poucas pessoas ou poucos grupos que trabalham com isso, os que trabalham, tem que trabalhar por eles e pelo resto. Eu lembro um pouco disso na época do movimento estudantil, você vai pela causa assim, mas você apanha né.

Juliano: Ela pesa né

Jessika: Pesa.

6. O Arborescer (quase) sempre atuou fora dos limites da UFMT. Como você enxerga o enfoque atual do projeto na Matinha, para o projeto, para a universidade e para a comunidade externa?

Jessika: A gente atuou fora porque até então não tinha muita abertura pra gente atuar dentro, então eu vejo que igual na cidade, aqui em Sinop é uma cidade, e o estado de Mato Grosso, que apesar de ser um estado com um nome que remete à floresta grossa né, um “Mato Grosso”, mas o mato ele não é bem-vindo, ele não é bem-vindo na cidade, hoje ele não é bem-vindo no campo tá, eu não estou falando que ele não é bem-vindo pra todo mundo e não é bem vindo em todo lugar, mas pelo menos nesse eixo da BR163, nessa configuração mais do agro, commodities e tal né, especialmente dessas lincadas aí com as temáticas, e o que se vive para uma cidade de beira de BR, especialmente uma BR como a 163, essa coisa de trabalhar com as florestas do município a gente enxergo como sendo muito necessária em função de todo esse contexto, da onde nós estamos, onde eu estou, a dificuldade maior disso. E como esse já é um trabalho que a gente faz né, que a gente gosta, uma bandeira ideológica também que a gente levanta, então era necessário falar dela, e aí a gente não encontrava essa abertura aqui dentro da UFMT, e ela tinha pelo menos enquanto acesso nos parques, e o Parque Florestal sempre teve trilha, desde quando eu cheguei lá já tinha trilha, a

gente precisava pelo menos de uma trilha né, então o nosso olhar para fora da UFMT, ele veio em função inclusive das condições que a gente tinha pra trabalhar. Acho que agora a gente começa criar também uma maturidade maior, não sei se a gente consegue falar em maturidade maior né, se eu estou mais maturo, eu já estou qualificando isso né, é um pleonasmo eu diria quase né, uma maturidade aumentada, mas nesse processo de maturidade, eu acho que a gente sim consegue enxergar melhor como é que a gente consegue fazer esse trabalho aqui dentro tá, então eu avalio como super importante Jessika, até porque todos nós não ficaremos né, a gente já sente o efeito do tempo, eu sinto, o que eu poderia fazer, o que eu fazia antes, do que eu consigo fazer agora, e aí penso daqui pro futuro, eu quando tiver 50, 60 anos, se eu estiver dando aula aqui, eu não quero ficar fazendo um negócio que eu vou lá longe, e eu tenho que ficar saindo fora, e andar 50 k, 20 km, ou pegar esse trânsito daqui da UFMT, que por exemplo, pra eu sair daqui e ir no parque florestal hoje, aí eu vou pegar ele no horário da aula, é 7:30, eu vou gastar no mínimo meia hora para chegar no Parque Florestal, isso se eu não gastar mais, porque atualmente tem um engarrafamento enorme para poder passar de uma lado para o outro da BR né, e aí se eu fosse no parque de novo, então vou gastar meia hora no mínimo para poder chegar lá, depois eu tenho que pensar que os alunos tem que chegar aqui por exemplo pra quem vai ter aula depois 9:30, então a gente que sair de lá meia horas antes, então eu perco no mínimo uma hora de aula em deslocamento, então eu vejo que esse olhar para a matinha, para a estruturação dela enquanto espaço didático, que a gente realiza as nossas atividades laborais, tanto minha enquanto professor, quanto dos meus diferentes discentes que já passaram aqui, que vão passar aqui ainda, eu acho que vão facilitar e muito o nosso trabalho né, vai ser muito mais fácil, não exclui, o fato de trabalhar na matinha hoje, não exclui a possibilidade de continuar, de fazer trabalhos fora da matinha, em outros remanescentes de vegetação na área urbana, periurbana e na área rural, só significa estruturar um espaço de trabalho mais adequado dentro da instituição e que vai trazer, a gente acredita, benefícios tanto na prática em si, quanto na economia de recursos que são necessárias né, então eu vejo como muito positiva.

Jessika: Você enxerga alguma, ou para a própria universidade, se você enxerga algo de melhoria ou de benefício, digamos, nessa transição do parque para a matinha?

Juliano: Ah eu enxergo total, por exemplo, em setembro teve uma corrida ecológica aqui em Sinop. Tem várias pessoas que gostam de praticar esporte né,

desde esporte com bike, caminhada, corrida, tem uma galera agora da corrida aqui, e aí teve uma corrida que ela foi ecológica, e o lado ecológico dela foi que eles colocaram no trajeto dela na matinha da UFMT, então acho que essa coisa já está acontecendo né, essa aproximação da sociedade para usar aquilo ali. Agora além disso nós estamos trazendo pessoas pra cá, nós já recebemos algo em torno de 650 pessoas aqui na matinha esse ano, e dessas 650 pessoas, uns 70% é de público externo, totalmente externo, pessoas que não utilizam as dependências da universidade, que não tem um RGA (Registro Geral Acadêmico), ou um CEAPE, uma ligação, e são pessoas que vieram necessariamente pra fazer alguma trilha, alguma atividade de EA e para aprender sobre as florestas, então eu vejo que a gente tem a potencialidade de estruturar e despertar o uso de um espaço tanto para atividades recreacionais, esportivas e educativas na matinha, eu acho que é um ponta pé inicial.

Juliano: (...) Esse é um sonho que eu vejo sabe Jessika, eu acho que a universidade, ela precisa ser atrativa para a comunidade, e essa atrativa não é necessariamente só nos serviços que ela presta não, mas no espaço sabe, de ela estar aberta para a sociedade vir aqui, tanto para os serviços que a universidade pode prestar, bem como para o espaço ser utilizado então é um sonho que as pessoas possam caminhar e que parte dessa caminhada por exemplo, elas possam transitar nas dependências da UFMT, isso é muito comum em outras universidades e na UFMT, isso não existe porque a gente não tem estrutura para isso ainda né.

Jessika: Sim, e professor, essa melhoria, essa mudança do parque para a matinha, você enxerga alguma melhoria para a universidade?

Juliano: Total, desde melhoria no espaço mesmo na matinha, depois disso começou ter trilhas, hoje de manhã por exemplo eu fui mostrar a matinha para o professor de topografia, porque agora ele vai ensinar os alunos lá na mata. O povo da Engenharia Florestal precisa medir área de floresta, é diferente de ficar fazendo prática de topografia em área construída né, não vai ser esse o ambiente que ele vai trabalhar, ele precisa trabalhar num ambiente de floresta né, então eu vejo que a melhoria para UFMT primeiro vem na perspectiva de ter práticas de ensino e aprendizagem mais proveitosas, então nós vamos dar aula melhores, vamos ter alunos que vão aprender mais e conseqüentemente vamos formar melhores profissionais, eu acho que esse é um ganho na atividade fim da UFMT, imensurável. O outro ganho é na perspectiva de diminuição de custo na mudança de um território, de um espaço que antes era marginal, usado para diferentes

práticas que a gente não acha como adequadas, no sentido da evolução da pessoa né, tanto para uso de drogas ilícitas, tráfico, prostituição, para cometer danos ambientais propriamente ditos, para provocar incêndios tá, a matinha tinha isso tudo nela acontecendo e agora na perspectiva de que estamos usando, essas coisas vão diminuindo. É claro que ainda tem pessoas que vão lá usar para diferentes fins, não necessariamente aqueles de ensino, pesquisa e extensão, mas a gente já vê que há uma diminuição nessa pressão de uso tá. O que mais que a gente pode apontar de melhoria para UFMT. Ah eu acho que a UFMT também é conhecida, passa a ser conhecida pela sociedade, o projeto atualmente ele foi se especializando em trabalhar com redes sociais, e ele recebe as pessoas de fora mesmo, então assim, a gente quando vai para fora, a gente está levando a cara da universidade, seja quando eu mostro a matinha para outra pessoa que vem nos visitar, ou quando alguém lá em São Paulo clica numa publicação do Arborecer, seja no Instagram, no Youtube e ele acaba conhecendo um pouco mais do projeto, das florestas do Mato Grosso, das problemáticas ambientais que a gente tem aqui, e isso tudo acontece em função do projeto, você está levando o nome do Arborecer, acho que isso também é muito importante.

Jessika: Como que está essa relação, seja por um contato mais pessoal, ou mesmo de aumento de público com pessoas de fora, seja de fora da cidade de Sinop ou mesmo fora do estado assim, se aumentou, se há um engajamento maior de pessoas de fora, de São Paulo, Rio, Minas, ou de onde for, se as pessoas procuram, curtem, comentam, sei lá, alguma resposta positiva pra vocês, se isso está acontecendo?

Juliano: Jessika, sim de maneira geral a gente é procurado e aí essa interação de pessoas de outros estados também, em relação muito às publicações, mas em relação à nossa área de atuação, a gente atuava basicamente em Sinop né, e agora com esse curso de formação né, e atualização de multiplicadores em EA que o Arborecer nessa versão de 2022 acabou de finalizar, a gente começou fazer parcerias com outros educadores ambientais dos municípios aqui da região, e aí eu vejo que a gente começou interdialogar com por exemplo o grupo forte da EA que tem em Cuiabá, na figura da professora Michele Sato, que é uma parceira agora do projeto né, elas nos conhece, sabe do nosso trabalho, envia coisas pra nós, “oh, vai ter tal coisa”, ela compartilha informação conosco e a gente compartilha com ela. Também começamos nos aproximar um pouco mais da Solange Ikeda, nos aproximamos e consolidamos eu acho que um pouco mais em termos de UFMT e de cidade também, tanto que eu vejo que agora, e a gente

lançou isso como uma demanda, a gente deve se organizar para os próximos dias aí, talvez para o ano que vem estar pronto, mas se organizar como um grupo de pesquisa e ação em Educação Ambiental do Norte do Mato Grosso, que é um, eu vejo que a gente está se organizando, como um fruto desse diálogo, desse espaço de construção né, teórico, prático e político, eu vejo que a gente conseguiu juntar pessoas e agora criar um coletivo, então estamos sim nos organizando, talvez não tanto com de outros estados, mas eu acho que agora especificamente com de outras unidades educacionais de Sinop e dos municípios da região.

Jessika: (...), em pouquinho tempo ele tá indo longe.

Juliano: Essa...eu vejo que de novo, pessoas é o nosso ponto forte e pessoas são o nosso ponto fraco, e enquanto a gente não se organizar enquanto coletivo, a gente vai ser sempre ponto fraco porque eu vou ficando exaurido né, eu vou ficando cansado porque eu estou sozinho tentando conduzir várias atividades né, a gente não faz só isso, então a gente precisa se organizar enquanto coletivo, eu vejo isso, e aí eu tenho enxergado agora, e enxerguei isso depois do curso tá, com o curso, de que a gente tem problemas comuns sabe, enquanto instituição de ensino eu tenho os mesmos problemas que a UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), aqui tem UNEMAT, em Colíder tem, Alta Floresta, ou na UFMT em Cuiabá né, ou inclusive até outras universidades particulares, eu acho que a gente deve conversar um pouco mais com elas, se eles abrirem as portas porque não né, o não a gente já tem, eu acho que é uma oportunidade, então isso do coletivo é possivelmente uma temática para o próximo ano, ou para os próximos anos, Arborecer, engrossando caldo, é meio nessa temática.

7. O Arborecer atua especificamente em remanescentes florestais dentro do perímetro urbano. Como você enxerga a importância da atuação do Arborecer e de outros projetos parceiros, que se dedicam em proteger essa “natureza urbana”?

Juliano: Tá, eu acho que a gente precisa fazer uma correção aí na pergunta. A gente atua com os remanescentes urbanos, mas a gente atua com o meio ambiente, e com as árvores, naquela visão que eu sempre digo que eu puxo mais para o lado das árvores, porque a gente tem árvore na cidade, na arborização urbana, a gente tem árvore no quintal, então não necessariamente a gente se limita aos remanescentes de vegetação somente né, ele é o foco, o grande foco.

A pergunta é, como é que eu vejo que o Arborescer se associa com isso, não entendi a pergunta direito agora.

Jessika: Como que você enxerga a importância desse tipo de trabalho, que de certa forma ele protege essa natureza urbana, aqui foi um nome bonitinho que eu dei, mas é da conscientização em cuidar das áreas verdes que estão dentro das cidades. Só um comentário, tem uma coisa que eu vejo muito, falam muito de Amazônia, Amazônia, Amazônia, mas eu vejo uma certa cegueira para os outros biomas, que nem o Cerrado e Caatinga, e para a falta de natureza ou para a natureza que tem nos municípios, se corta árvores com muita facilidade, se cimenta tudo, taca fogo numa matinha e ninguém faz algo para evitar para que isso aconteça de novo. Então é nesse sentido que eu pensei nessa pergunta.

Juliano: Tá, eu acho que o projeto Jessika, ele tem lá da sua missão isso de mostrar essa floresta, os recursos e serviços que a floresta presta para a sociedade, a importância dele, para a nossa sociedade hoje e do futuro, ele se desdobra em ter que falar disso na cidade, a gente tem que trazer a floresta para a cidade, seja ela com uma árvore que eu planto na frente da minha casa, ou com um quintal que eu conduzo, uma forma de produzir alimento que eu também consigo pensar dentro do meu quintal sabe, é possível ter Sistemas Agroflorestais (SAF's) urbanos, hortas urbanas, a gente precisa enxergar que a cidade, ela não é inimiga do verde e da fauna tá, resumindo aí flora e fauna, e consequentemente quando eu junto os dois têm processos ecológicos junto né, temperatura, infiltração, tudo isso vai vir junto, não é porque é cidade, que ela é inimiga do verde. Agora a cidade, eu vejo que a cidade precisa, precisa estar claro nela o que que ela valoriza, eu acho que uma colaboração que o Arborescer deve dar, deve trazer mais é realmente instigar essas pessoas sobre o que elas querem, qual que é a pretensão de cidade que ela quer morar, que ela quer viver, que ela quer deixar pra si e para os seus filhos, e para os seus netos enquanto geração, que cidade nós queremos ser, acho que essa é uma contribuição que o Arborescer deve puxar mais ao longo do tempo, ele já faz isso né, a gente tem feito isso, é, e a gente deve pautar mais isso né, para falar, para puxar ai desde árvores urbanas, impermeabilização de superfícies, zonas de calor, ilhas de calor né, então, além disso o efeito de queimadas, ainda mais aqui, cara será que algum dia, e eu tenho me feito essa pergunta, e eu falei isso para a Ivete, secretária de Meio Ambiente quando estava lá no workshop, eu mesmo quando cheguei em 2010, e o município de Marcelândia pegou fogo, quando ele pegou fogo, desceu

uma nuvem de fumaça aqui para Sinop que o Sol era uma bola laranja no céu, essa era a minha do sol, não via o sol direito, era uma bola laranja escura como se tivesse tampado né por uma superfície, e isso aconteceu em agosto, mas na verdade o clima já estava ficando ruim naquela época, esse foi meu primeiro ano aqui, e depois eu entendi que ano após ano, todo ano tem fogo, todo ano tem fumaça, será que algum dia a gente vai conseguir chegar numa seca aqui em Sinop, e aí a gente não vai reclamar que as pessoas estão botando fogo, que está tendo fumaça, sabe, não sei isso é utópico, será que isso é muito utópico, que as pessoas consigam entender que quando elas põem fogo numa época que já é quente e seca, elas estão estragando a qualidade ambiental de onde elas estão vivendo, então eu acho que essa é uma grande preocupação, é uma grande colaboração que gente deve enquanto projeto de extensão, o Arborecer, seja o Arborecer, o Troca de Saberes, o GAIA, o Olá UFMT, eu vejo que a gente tem que falar sobre isso ou nós vamos normalizar isso, se a gente tiver ciente então que vamos normalizar isso, aí tudo bem eu engulo, não engulo né e nem aceito, mas aí eu vou entender que você está argumentando isso, eu aceito isso, eu sei que é assim, e não vejo pretensão que muda, eu quero mudar, então pensando que eu quero mudar, eu acho que a gente uma hora tem pensar e fazer diferente.

8. O projeto conseguiu cumprir o que ele se propôs ao longo desses anos? E em 2022?

Juliano: Só sintetizando a pergunta, é se o projeto conseguiu cumprir o que ele se propôs nesses diferentes anos, juntando desde o início até agora 2022.

Jessika: Isso...

Juliano: Sim, eu acho que sim, o projeto conseguiu cumprir muito bem. Uma marca que eu vejo no nosso projeto, é que a gente sempre cumpri mais do que aquilo que a gente se propôs, eu diria que não sei se porque a gente é meio virado no 13, mas a gente sempre entrega mais produtos do que a gente se propôs, talvez, não sei, se por uma coisa de projeto também e por pessoas né, pensando nas limitações, é que a gente também enxerga que algumas que a gente gostaria de fazer, não necessariamente a gente consegue fazer, já imaginando que eu vou ser deficiente em alguma coisa ali na frente, eu tenho como tendência incrementar em outras coisas como se uma compensasse a outra. Eu tenho isso na minha vida, não sei se eu trago isso para o projeto, talvez pode ser, não sei se é isso é salutar para um projeto de extensão, mas eu observo isso tá, essa ideia

de sim cumprimos com o que nos propusemos, às vezes nem tudo a gente fez como gostaríamos, mas eu vejo que sim cumprimos e muitas vezes fizemos mais do que havíamos nos comprometido.

9. Existe algo que você sempre desejou, ou mesmo houve planejamento para tal, mas ainda não aconteceu? Considere o ano de 2019 até o momento atual?

Eu acho que essa coisa de conseguir trabalhar com o parque, para que realmente as pessoas tenham experiências marcantes quando visitem aquela Unidade de Conservação (UC), que elas saiam de lá informadas, desde a UC em si, à importância da árvore na frente da sua casa né, do seu quintal, das queimadas, eu vejo que a gente tem um potencial, mas que não utiliza. Essa é uma coisa que eu gostaria de fazer, não consegui fazer ainda, parece que a secretaria e a Secretária de Meio Ambiente né, a Ivete e a Secretária de Meio Ambiente com o corpo dela está organizando isso agora juntamente com o apoio do professor Gustavo, e eu espero que isso realmente em algum momento isso aconteça sabe, essa é uma coisa que eu sempre quis ver ou fazer, e ainda não consegui fazer.

Então é essa ideia mesmo, de pessoas lá que seriam guias né, pessoas que iriam conduzir visitantes para terem experiências para além de chegar lá no parque com sei lá, um tanto de gente, às vezes até não adequadamente vestida, e que no final das contas elas se sentam por lá, ficam olhando os macacos, dão comida pra eles e não entendem nada, sabe, essa experiência poderia ser muito melhor, especialmente poderia ser mais informativa. Agora quando você fale em guias, está falando de pessoas né, porque uma outra coisa que a gente já imaginou que eram de guias de identificação que as pessoas poderiam acessar para aprender das árvores também lá, e dos bichos, etc, essas coisas a gente está tentando, eu acho que vamos conseguir fazer via Arborecer, da matinha, e até se já tivemos do parque, estamos usando na matinha, então isso aí eu acho que a gente pode conseguir sim.

10. O que você enxerga para o projeto nos próximos dois anos? O que você acha que precisa alcançar para isso?

Juliano: Olha, eu acho que nos próximos dois anos a gente precisaria engrossar o caldo, enquanto pessoas, enquanto coletivo tá, diversificado inclusive, eu acho que essa é uma coisa. A outra, e como um fio condutor, que uma coisa leva à outra, engrossando o caldo, eu acho que a gente precisa discutir, debater e ajudar a construir políticas públicas. Eu enxerguei agora nesse curso Jessika, e eu vi isso na minha vida tá, enquanto EA, desde quando eu comecei lá em 2010, para

começar fazer EA na prática, e eu não era educador ambiental, vamos pensar com formação tá. Eu fiz EA, e isso é uma coisa que eu observei também, tem muita gente que faz EA, mas não necessariamente a pessoa entende o que que é EA e o que ele enquanto educador ambiental deveria se questionar e pensar enquanto propósito mesmo, às vezes a gente sai fazendo, mas não entende o que que a gente quer fazer tá. E aí, mesmo depois que você sabe o que que você quer fazer, e se é um educador ambiental capacitado, mas te falta recurso cara. Eu vi lá em 2010 eu levando coisas de casa para fazer projeto de EA, lá no parque, lá na área pública, eu até hoje levo recurso da minha casa para fazer coisa de EA na matinha ou aqui no laboratório, então, eu acho que a gente precisa engrossar o caldo para discutir política pública, e aí conseguir fazer mudanças mais substanciais na prática, e aí essas mudanças, eram o sentido de que criar um ambiente para que o professor/educador ambiental consiga mostrar e fazer o trabalho dele mais efetivo, com mais qualidade e menos trabalho, eu penso nisso, a gente precisa facilitar nossa vida, enfim é isso sabe.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM A PROFESSORA PAULA MOREIRA

1. Conte um pouco da sua trajetória pessoal e profissional. O que despertou seu interesse na Educação ambiental, e mais especificamente a idealização do Arborecer.

Bom, a minha formação eu fiz zootecnia, mas eu sou uma pessoa que sempre gostou muito, muito de animais, sempre fui muito ligada a natureza, ao meio ambiente, meu pai sempre teve sítio, então sempre ligada muito a terra né, e sempre tive assim uma muito intensa com os animais. Quando eu fiz zootecnia em São Paulo né, na UNESP, eu nem imaginava que eu iria trabalhar um dia assim com a parte de EA. Quando eu cheguei em Sinop em 2009, eu comecei a ver que a gente tinha, que Sinop tinha um sério problema com relação, principalmente com a recepção de animais a recepção de animais silvestres, como encaminhar esses animais, porque a gente não tem CETAS (Centro de Triagem de Animais Silvestres) aqui, a gente não tem, não tinha como receber esses animais, e eu acabei me envolvendo muito né, a respeito dos animais silvestres e tal, chegando até montar um grupo de estudo que era o GEAS (Grupo de Estudos de Animais Silvestres) né, primeiramente na universidade. Então eu vi que tinha também interesse de outras pessoas, onde a gente discutia várias coisas a respeito do meio ambiente, a gente falava sobre animais em extinção, animais em ameaça de extinção, de vários cursos né, até que eu montei uma associação que é o ARRAS (Associação de Reabilitação e Reintrodução de Animais Silvestres), mais ou menos na mesma época. E nós pegamos um terreno ali emprestado numa madeireira, e começamos a fazer um recinto que foi assim, era um recinto bem rústico né, mas a gente conseguiu atender vários animais passaram mais de, passaram centenas de animais na verdade durante essa época. Então assim, muito psitacídeos, muitos primatas, assim animais que eu na verdade nunca imaginei que a gente tivesse tanto problema né, se a gente for pensar que sei lá, de cada 100 né, animais, 1 a gente consegue salvar, então assim, era muito animal atropelado, animal na verdade que às vezes a gente não sabia, mas a grande maioria, o maior problema que a gente viu era a falta, derrubar florestas e os animais vão pra pista, os animais vão pra BR, os animais vão pra cidade, e acabava acontecendo isso.

E aí o que aconteceu, eu recebi um animal silvestre na época né, que foi assim que começou essa história do recinto, e aí eu comecei trabalhar junto com

professor Juliano num projeto de extensão lá no Parque Florestal em 2010, e na verdade eu já trabalhava com EA e nem sabia. Desde que eu cheguei aqui, eu já estava dentro, mas é aquela história, a gente não se liga o que está fazendo ainda né, e aí a gente, o Juliano me convidou, que eu dava já de Etologia né, comportamento animal, e eu levava os alunos até lá com as trilhas interpretativas, isso tudo foi em 2010 que na verdade foi a primeira vez que a gente, vamos dizer transformou isso num projeto de extensão, e dali para frente a gente continuou fazendo a trajetória até então. Só em 2019 é que ele virou Arborescer, 2018 desculpa, é que ele virou o nome Arborescer. Então na verdade ele já começou lá em 2010, e é assim para mim é um, eu acho que é um caminho, que não é ferramenta né, a educação ambiental é uma filosofia mesmo de vida né, acho que todo mundo tem que estar inserido e para mim assim foi uma descoberta muito grande, que é uma coisa que eu sempre gostei de fazer, eu fazia mas eu não sabia que eu fazia.

2. Houve uma pausa nas atividades entre os anos de 2011 até a retomada do projeto, já como Arborescer em 2019. Nesse período você atuou em projetos de Educação ambiental? Conte um pouco. /

Nessa época então de 2010, de 2010 até 2018/2019, eu e o Juliano todos os anos, e outros professores da UFMT, nós os éramos chamados na Semana do Meio Ambiente para trabalhar junto com a Secretaria do Meio Ambiente né, e junto com a Secretaria de Educação para mostrar, falar sobre diversidade e tal, então a gente continuou esse trabalho, esse tempo todo fazendo isso né, mas aí a gente só teve a sacada de transformar isso no projeto Arborescer lá em 2018/19, mas na verdade a gente não deixou nunca de fazer isso, e sempre assim o palco era o Parque Florestal, e a gente ia até as escolas, a gente trabalhava com tema, as escolas vinham até nós no parque, sempre/geralmente era na Semana do Meio Ambiente ou às vezes no Dia da Árvore, e algum evento assim ligado ao meio ambiente.

Quando a gente monta uma associação né, acho que como tudo, isso faz parte de um projeto, de um grupo de pesquisa, de um grupo de estudo, a gente no início tem sempre assim, bastante gente né, então vários colaboradores e tal. Aí conforme vai passando o tempo isso vai começando a ficar mais escasso, então geralmente a gente tem o quê uma diminuição das pessoas, no caso do grupo de estudo é, chegou um ponto que a gente acabou extinguindo ele. No caso do

ARRAS, da associação, o que aconteceu, a gente precisava muito de pessoas mesmo para trabalhar né, não era fácil porque era todos os dias segunda a segunda tinha que cuidar dos animais, era cerca que caia, era animal que fugia, era animal que chegava, era animal que ficava doente, então assim, o que que aconteceu, o que que foi me desanimando muito, chegou no final eu estava levando a associação praticamente sozinha, e o que acontece, a gente também não recebia dinheiro de nada, nem de ninguém, então, o tempo todo eu banquei né, então alimentação, porque quando a gente fala assim ah eu quero cuidar de animais e tal, você não imagina o quão caro é uma manutenção né, porque esses animais precisam de medicamentos, precisam de cuidado, precisam de alimento, e nem sempre você vai receber isso, embora eu tenha recebido muitas vezes no supermercado doação, tinha dias que não tinha nada e eles tinham que comer, então começou a ficar super oneroso também. E até que um dia também a pessoa que cedeu pra gente ali o terreno para construir, ele pediu de volta né, ele queria, acho que na verdade ele se cansou da gente e ele queria fechar sabe, e aí eu já estava realmente muito cansada fisicamente, eu estava muito desgastada também, e economicamente também porque eu estava bancando aquilo basicamente sozinha né. Então assim, é um pouco desanimador né se você for pensar assim, nesse ponto assim é um pouco desanimador, mas o que sempre dava força era ver os animais ali né bem, quando a gente fazia a soltura do animal, tudo valia a pena sabe, mas foi isso basicamente

3. Para você, qual é a missão do Arborescer?

Ah claramente a missão do Arborescer pra mim é a gente trabalhar a consciência, o despertar da consciência das pessoas em relação ao meio ambiente, à preservação do meio ambiente, de uma forma bem geral, bem ampla mesmo né, então desde o lixo, desde o consumo de água, desde derrubar a floresta, desde a gente poder produzir animais com Floresta, produzir alimento com florestas, então a gente tem aí o ILPF (Integração Lavoura Pecuária Floresta), tem aí a Agroecologia, que está aí para mostrar. É, eu acho que o Arborescer, ele veio com essa pegada né desde sempre, e por incrível que pareça na universidade são poucos projetos que tomam essa frente né, uma vez que nós estamos aqui no norte do Mato Grosso aonde nós temos aí uma bancada ruralista extremamente forte, nós temos ainda aquela coisa do veneno, do agrotóxico, então a gente meio que rema contra a maré né, mas resiliência também faz parte, então vamos que vamos, a bandeira é essa, e eu tenho muito sabe, muito orgulho e muito prazer

em fazer o que eu faço dentro do Arborecer, de todo né, o Arborecer como um projeto, com todas as pessoas, as pessoas são né, o projeto é feito de pessoas, e eu acho que essa é a nossa missão sem sombra de dúvidas.

4. Quais mudanças mais relevantes você enxerga no projeto? Quais fatores você acredita que tenham contribuído para elas?

Bom com relação às mudanças o que eu acho assim, uma coisa que é bacana quando a gente fala em EA ela é multidisciplinar, então o professor de matemática, o professor de história, o professor de geografia, todas, todas as disciplinas elas podem fazer o uso né da EA de uma forma super coerente. Mas para mim acho que o que mais, foi mais impactante, foi o ano, esse ano né, que foi o Arborecer agora de 2022 e 2023, porque a gente conseguiu verba e realmente é muito difícil a gente fazer EA, fazer acontecer sem dinheiro né, então isso é fundamental. Então a gente pode, por exemplo, uma coisa que a gente sempre quis, trabalhar em casa, trabalhar na universidade né, quer dizer, fazer a matinha, aquilo que a gente fazia no parque, poder fazer dentro de casa, dentro da universidade. E além de ter essa pegada da proteção da Matinha, que para a gente também é fundamental e sem recurso financeiro é quase que impossível, então mesmo que não tenha sido tanto ajudou muito, a gente vê que a coisa caminhou, que os outros professores estão usando para ensino, para pesquisa, para extensão, então a ideia ela foi implantada e ela tá acontecendo, foi executada, então assim, eu acho que atingiu muito todos os objetivos que a gente fez as ações que a gente montou né, por conta de ter o recurso financeiro, então realmente faz toda a diferença.

**Sobre a questão do tempo, e conciliar diferentes atividades/demandas/
Impacto na vida pessoal / Não estava no roteiro /**

Na verdade, quando a gente vai, é aquela coisa né, o projeto tem um pouco do filho sabe, que a gente faz, então eu falo que eu sou a mãe e o Juliano é o pai né, que a gente fala né, que a gente idealizou. E muitas vezes, principalmente para essa demanda da capacitação era sábado e domingo, então a gente começava a planejar isso já uma semana antes, aí a gente trabalhava no sábado, a gente encerrava no domingo e ia passando, então assim, a gente via que emendava a semana e você nem parava, e isso é um pouco desgastante, às vezes uma semana, duas não, mas quando você depois, você não ter às vezes um descanso, é fogo porque assim, você vai, aquilo que você deveria ter feito mesmo na vida pessoal, quanto na vida muitas vezes profissional, a parte né, prova que ficou para trás,

trabalho que você tinha que corrigir, você acaba adiantando umas demandas e atrasando outras, acontece que quem vai gerir isso é você mesma, então você vai ter que fazer isso uma hora ou outra. Então nesse sentido assim, acho que muitas vezes a gente se envolve tanto, que você quer tanto que dê certo, que você as vezes, não é que interfere na vida pessoal, mas você faz algumas escolhas, que às vezes você tem que depois correr atrás daquilo que você deixou para trás né, se é que deu para entender né, então você adianta algumas coisas, algumas ações e outras, às vezes de cunho pessoal, às vezes de cunho mesmo profissional, você atrasa porque você tem que dar prioridade para a coisa acontecer sabe, tem prazo, tem pessoas envolvidas, mas é, eu acho que a mais, a ação mais complicada foi mesmo essa dos professores, porque era uma coisa que a gente não sabia ainda a forma de fazer né, mas enfim, deu tudo certo.

5. Quais são as principais limitações/dificuldades do Arborecer atualmente? / São as mesmas de quando o projeto começou? / Se não, o que você acredita que mudou de lá para cá?

Aí eu acho Jessika que sempre é a questão mesmo de, é Recursos Humanos vamos chamar assim né, são as pessoas mesmo, porque, é claro que cada um tem a, por exemplo os alunos, “ai prof a gente tem prova, a gente tem trabalho”, e você acaba priorizando, e o projeto acaba meio que ficando, mas para quem é o gestor, ele não pode pensar assim. Então o que eu vejo, uma coisa bem legal, que eu acho, que eu notei bastante diferença Jessika, é que antigamente, eu sentia um pouco que usavam o projeto sabe, algumas pessoas para ganhar os louros, enquanto que hoje a gente parou com isso, então hoje a gente vai se a gente quiser, a gente é convidado para a gente mostrar o projeto, então o Arborecer começou a mostrar muito mais a sua cara do que antes, porque a própria mudança de postura nossa, a gente começou também a valorizar o que a gente faz, por exemplo, só para você ter uma ideia, o Juliano foi numa reunião da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) com a Fabi que é técnica na UFMT, é a única, é, o único projeto que tem de semente na UFMT é do projeto Arborecer, é uma ação que é dentro do projeto Arborecer, então assim, é coisas que a gente acaba não enaltecendo e deveria né, então se a gente não valoriza aquilo que a gente faz, o outro não vai fazer, então agora a gente entrou nessa sabe assim, não só pelo site ou pelas mídias sociais para mostrar o que a gente faz, mas também a gente começou valorizar quem está fazendo, como está fazendo, quem está participando, porque a gente sabe que o recurso humano

vai começando ficar escasso, mas é legal a gente mostrar que a gente tem feito coisas muito bacanas, ações que as vezes são únicas, como por exemplo essa da fenologia né.

6. O Arborescer (quase) sempre atuou fora dos limites da UFMT. Como você enxerga o enfoque atual do projeto na Matinha, para o projeto, para a universidade e para a comunidade externa?

Ah eu acho que a gente tomou a decisão super certa de agora trabalhar dentro de casa né, trabalhar na universidade, primeiro porque é uma área que assim é, tem que ser preservada a qualquer custo né, e é uma área que é extremamente importante para pesquisa, para ensino e para extensão. Então por que que a gente tem que ir lá no Parque Municipal, ou depois lá no Jardim Botânico se a gente tem isso lá, então pensa para logística né, para os professores é tudo muito mais na mão, e além de ter a possibilidade de com isso a gente fazer com que preservem né essa área, que não seja desmatada de forma alguma para construir qualquer coisa, porque a gente sabe a diferença que existe no bem estar quando a gente tem uma área preservada, quando a gente tem uma floresta né, mesmo que seja um fragmento de floresta, ele abriga animais, ele abriga espécies que estão em extinção de primatas, é um lugar que todo mundo gosta de ir porque o clima é outro, e é bonito, é agradável, acho que floresta, a gente tem que valorar ela em pé, em pé, a gente sabe que ela vale muito mais em pé, do que de qualquer outra forma. Então para a gente, para o Arborescer, eu acho que o foco de usar a matinha é principalmente assim, o principal objetivo é que jamais ela seja suprimida, porque a gente quer, porque a ideia era que “ai, mas precisa construir”, gente a universidade não tem dinheiro nem para pagar a luz, vamos combinar, vai construir o que? Tem laboratórios lá que estão há quatro anos sendo construídos, e estão pensando em que, “ah, nós temos que expandir”, gente, começa fazer o que? Verticalizar a universidade então né, quem sabe arrumar as salas que estão estragadas há tanto tempo né, porque a ideia de sucatear é um projeto que vem dando certo, então a gente tem que pensar, não, então não vai fazer isso com a matinha não, a matinha vai continuar em pé se Deus quiser.

7. O Arborescer atua especificamente em remanescentes florestais dentro do perímetro urbano. Como você enxerga a importância da atuação do Arborescer e de outros projetos parceiros, que se dedicam em proteger essa “natureza urbana”?

8. O que foi muito legal é que a gente começou agora a receber alunos por exemplo da UNEMAT, é as escolas vindo conhecer, foi muito bacana, então assim, eles querem isso, eles procuram isso. E para a comunidade a coisa mais bacana que a gente vê, é a gente conseguir com o projeto de extensão trazer a comunidade até a universidade, então essa via aí de mão dupla, ela aproxima e faz com que por exemplo desperte né, muitas vezes em estudantes de querer fazer um curso na universidade, desperte à comunidade para saber o que que nós estamos desenvolvendo lá dentro, então o Arborecer, as vezes ele pode ser só uma porta de entrada para a comunidade, para fazer um curso, para conhecer o que está acontecendo e conhecer a universidade, conhecer o que que é uma universidade federal, que as pessoas muitas acham que né, confundem FASIPE (Faculdade de Sinop), com UNEMAT, com UFMT, e eles acham que é tudo a mesma coisa, então a gente começou a ver que agora as pessoas estão conseguindo ter essa definição, o que é a universidade, que cursos que tem, e a gente por exemplo, mesmo que a, independente da recepção de calouros que a gente faz né, a gente tem recebido de outras comunidades, escolas e tal, teve uma corrida lá dentro, então assim é muito legal né, para a gente começar divulgar também o nosso projeto, mas também levar mais para perto da comunidade a universidade.

9. O projeto conseguiu cumprir o que ele se propôs ao longo desses anos? E em 2022?

Ah Jessika eu acho assim é, o projeto ele, na verdade eu posso te dizer assim, nós começamos a colocar objetivos, é a partir acho que 2021 sabe, a gente começou no projeto a colocar objetivos e entender que a gente tinha que expandir, tinha que ir um pouco mais além. Uma coisa que foi muito legal esse ano, a gente pegou por exemplo né, nós fizemos, elaboramos um documento, aonde uma carta de compromisso com relação à Educação Ambiental do Norte do Mato Grosso para a gente colocar isso para os políticos, porque já que tudo tem que ser via política para acontecer, para se concretizar, a gente começou a procurar pessoas que também tem afinidade com isso, ou que possam nos ajudar a levar isso a frente. Então é uma coisa que a gente começou a ver assim, ações são importantes? São. O despertar da consciência é importante? Sim. Mas se a gente conseguir mudar nas diretrizes, a coisa vamos dizer assim, ela pode ser muito mais facilmente realizada né, quando a gente fala, mesmo com relação a biodiversidade, com relação a manter floresta em pé, é preservação de uma

forma assim geral, então isso foi uma sacada muito legal que também rolou a gente fazendo curso, daí a gente falou, poxa a gente podia ir um pouco mais além né, do que só fazer multiplicadores, é bacana? É ótimo, mas a gente começou a ver que por exemplo os professores dentro das escolas municipais e estaduais, quais eram as dificuldades deles, por exemplo para fazer, para EA, e a gente começou a ver, e são coisas que para o município e para o estado, ah Jessika, é dinheiro de pinga, vamos combinar assim sabe, o que não tem mesmo é boa vontade, por quê? Porque a gente sabe que tem aquela coisa que tem que ter a parte política, as vezes até mexer até com a parte de políticas públicas, e é isso que a gente queria, quer chegar lá, a gente gostaria de chegar lá, então a gente está galgando, isso foi uma coisa muito bacana que surgiu só nesse ano.

Sobre redes sociais / Não estava no roteiro /

Olha Jessika, a gente não tem muita ideia assim, a gente sabe que as mídias sociais elas agem, que é uma loucura, mas a gente não tinha ideia. Para você ter uma ideia, olha que bacana, em um aluno de Engenharia Florestal que ele veio para Sinop, ele é de São Paulo, ele veio para cá por causa do projeto, ele viu, ele gostou, ele curtiu e ele veio, veio fazer Engenharia Florestal em Sinop por conta do projeto.

Jessika: Caraca! Eu acho que eu sei quem é o menino, eu vi ele comentando, mas eu não sabia que era por isso.

Paula: É o Kodi. E aí assim, é uma coisa que para a gente, falei poxa né, é uma puta felicidade, você fala, cara que massa, você está fazendo isso de uma forma positiva né, pra caramba na vida das pessoas. Então eu vejo assim, a gente tendo oportunidade de chegar mais perto, conviver mais com esses grupos de pesquisa e grupos de estudo, por exemplo, de EA, os caras são muito fera. Um exemplo é a Michele, meu Deus, a mulher é super engajada né Jessika, então para a gente assim, que a gente está engatinhando, você fica até assim tímida sabe, porque a mulher é um estouro, a mulher assim é uma coisa, ela está além do nosso tempo, isso é fato né, então aí, eu fico super orgulhosa de poder estar convivendo com essas pessoas, e pescando um pouquinho e aprendendo, então isso foi uma coisa que o projeto proporcionou para a gente, e enquanto projeto teve, está tendo uma oportunidade assim ímpar, para você ter uma ideia, foi mandada uma carta para o Lula para entrar agora nessa COP (Conferência das Partes) né, que teve agora, e a gente assinou.

Jessika: Carara.

Paula: Ééé, o projeto Arborecer está lá. Também tenho isso, posso te mandar, vou te mandar também.

11. Existe algo que você sempre desejou, ou mesmo houve planejamento para tal, mas ainda não aconteceu, considerando o ano de 2019 até o momento atual?

Ah, eu acho que uma coisa que ainda não aconteceu que eu espero Jessika, sei lá, espero que isso aconteça, é ter um comprometimento maior por exemplo da Secretaria do Meio Ambiente sabe, com certas coisas, por exemplo agir juntamente com a Sema para liberação de loteamentos porque muitas vezes a gente sabe que são irregulares, ter um comprometimento com o meio ambiente, com arborização, com restauração de matas, recuperação de nascentes, enfim com a preservação de uma forma geral.

12. O que você enxerga para o projeto nos próximos dois anos? O que você acha que precisa para alcançar isso?

Ai Jessika, eu acho que é aquilo que eu te falei, eu gostaria que a gente começasse a ir para um patamar assim de discutir políticas públicas sabe no Norte do Mato Grosso, porque aqui é urgente e aqui é necessário, é desde saúde sabe porque, por conta que a gente vê aí a quantidade absurda de glifosato, a gente já sabe que isso causa autismo, nós temos uma quantidade de criança autista aqui fora da casinha, nós temos 8 vezes mais índice de câncer aqui no Mato Grosso do que em qualquer outro estado do Brasil, nós temos problema seríssimo de contaminação de metais pesados por exemplo, de população ribeirinha, nós temos, e isso não é discutido. Por que não é discutido? Porque não é interessante, então as vezes vem gente muito capacitada pra cá e eles saem daqui corridos, porque os mandantes né, a gente sabe que é o coronelismo mesmo, a gente viu ai, veio de um governo que a gente vê quantas pessoas apoiaram porque não são diferentes né, então o Mato Grosso a gente tem essa coisa que a gente precisa começar fazer essa discussão, a gente precisa começar pensar em políticas públicas e começar abrir isso para o mundo, porque a gente não é e nem nunca foi celeiro do mundo não né, que celeiro do mundo é esse, como que você está discutindo que ai a cidade de Sorriso é a cidade que mais produz soja, e o pessoal está comendo osso, está passando fome, então eu não consigo, é a história das bolhas né, as pessoas estão vivendo nessas bolhas mesmo e eu acho que isso não dá, essa desigualdade é uma coisa que me, não dá para aceitar, eu nunca gostei e eu acho que ninguém gosta, todo mundo tem que

direito de comer três vezes ao dia, todo mundo devia ter o direito de ter escola, todo mundo devia ter o direito de ter sua casa sabe, então não pode um ter cinco casas e o outro não ter nenhuma né, ah somos o celeiro do mundo, e aqui você vê o povo passando fome, então eu acho que é mexer mesmo sabe, é políticas públicas, é escancarar e mostrar isso, eu sou aquelas que eu acho que a gente tem que é sabe dar a cara a tapa, persona não grata também como você sabe, faz parte da minha vida, não estou aqui para que as pessoas gostem de mim, mas eu acho que as coisas tem que ser ditas, e como qualquer ambientalista, provavelmente também né, a gente vai ser perseguido, a gente vai ser né, você não tenha dúvida, a gente vai ser até ameaçado, mas eu acho que faz parte do Brasil né, isso daí é histórico, as pessoas que tentam melhorar o meio ambiente, ou que tentam diminuir essa desigualdade, é, incomoda né, são pessoas que na verdade, são ameaçadas, são perseguidas, então né eu acho que é isso, a minha ideia é que a gente parta para esse lado agora sabe, e começar a mostrar o que a gente poderia fazer de diferente. E uma coisa legal também, sempre quando a gente mostrar uma coisa, uma dificuldade, a gente propor uma solução, porque também a gente só ficar né, ah isso não é bom, isso não é bom, não adianta, vamos propor uma solução, nós temos várias soluções né, e que dão certo e que estão dando certo, então vamos agir no que está dando certo né.

Paula: Tinha mais pergunta? Acabou o nosso tempo.

Jessika: Prof, só a última pergunta era, você falou a questão da discussão das políticas públicas né, o que você acha que precisa para o Arborescer conseguir fazer isso, para alcançar essa meta. Pode me responder isso depois, se for o caso, sem problemas.

Paula: Ah Jessika parcerias né, parcerias, Então parcerias dentro da Câmara dos Vereadores, parceria dentro do Senado, parceria dentro das organizações já, as ONG's (Organização Não Governamental) né, que já tem um certo renome, porque é desse jeito, a gente não consegue fazer as coisas sozinhos, então eu acho que é começar fazer essas parcerias e fazer acontecer né, em prol de colocar pra frente essas políticas públicas, em prol de promover isso, de discutir mais sobre as coisas que a gente tem visto aí né, como eu te falei de saúde e tal, e trazer pessoas competentes para fazerem isso, e a gente entender que está todo mundo habitando o mesmo planeta né minha amiga, então, se a gente juntar as mãos, a gente consegue alçar voo, mas se a gente fizer sozinho não adianta, então

eu acho que é parcerias sabe, parcerias mesmo pra gente poder sair do lugar, é assim que eu imagino.

APÊNDICE D –DIAGNÓSTICO RÁPIDO PARTICIPATIVO (DRP)

Perspectivas - Arborecer

Olá, esperamos que estejam bem!

Este questionário faz parte do levantamento dos dados para o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), no curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), no *campus de Sinop*. Nosso objetivo com o trabalho é analisar o Arborecer, projeto de extensão universitária em Educação Ambiental (EA), desenvolvido na UFMT.

Por meio deste questionário pretendemos registrar e perceber a relação que cada membro tem ou teve com o projeto, suas experiências, expectativas, limitações e perspectivas. Imaginamos ainda que essas informações poderão auxiliar na análise do projeto, como forma de ressignificar objetivos, metas, ações e práticas, bem como, identificar novos nichos de atuação, adaptar-se e construir formas de lidar com os desafios da educação ambiental, para além das práticas convencionais.

As informações levantadas serão usadas no âmbito da pesquisa e conduzidas de forma anônima.

Gratos desde já.

Jessika Fernanda Nunes Ferreira

Prof. Juliano P. dos Santos - orientador

1. Qual seu vínculo com a UFMT, *campus de Sinop*?

- Servid@r docente
- Servidor técnico
- Pesquisador vinculado à UFMT
- Estudante de graduação
- Estudante de pós-graduação

2. Para estudantes, qual o seu curso de graduação ou programa de pós-graduação? Se não for estudante, responda com "não se aplica" (NSA).

3. À qual Instituto você está vinculad@?

- Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais (ICAA)
- Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais (ICNHS)
- Instituto de Ciências da Saúde (ICS)

4. Há quanto tempo você faz parte do Arborecer?

- Há menos de 6 meses
- Há mais de 6 meses
- Há mais de 1 ano
- Há mais de 1 ano
- Há mais de 2 anos
- Há mais de 3 anos

- Há mais de 4 anos
- Há mais de 5 anos

5. Para estudantes de graduação, em qual semestre você ingressou no Arborecer?

- 1º Semestre
- 2º Semestre
- 3º Semestre
- 4º Semestre
- 5º Semestre
- 6º Semestre
- 7º Semestre
- 8º Semestre
- 9º Semestre
- 10º Semestre em diante
- Não sou estudante / Não sou estudante de graduação
- Outros _____

6. Como conheceu o Arborecer?

- Recepção de calour@s
- Convite de membr@s do projeto
- Através de amig@S
- Redes sociais
- Eventos
- Outros _____

7. O que te motivou a participar do Arborecer?

- ADQUIRIR conhecimento sobre educação ambiental, meio ambiente e extensão universitária
- COMPARTILHAR conhecimento através de atividades de educação ambiental, meio ambiente e extensão universitária
- Participar de atividades práticas de campo e laboratório
- Adquirir horas para as Atividades Acadêmicas Complementares (AAC's), no grupo de extensão universitária
- Possibilidade de ser bolsista (remunerado ou voluntário)
- Por influência de amig@s que queriam ou já participavam
- Para participar de um grupo e realizar atividades coletivas
- Outros _____

8. Quais eventos/atividades do Arborecer você já participou?

- Trilhas
- Semana do Meio Ambiente
- Recepção de Calour@s
- Aulas ao ar livre
- Atividades de Formação
- Eventos construídos em parceria com outras entidades
- Atividades recreativas
- Palestras / Minicursos

() Outros: _____

9. Dentre os eventos/atividades que participou, qual(s) você mais gostou? Por quê?

10. E quais tarefas você já desempenhou no Arborescer?

- () Reuniões de trabalho
- () Formação interna (Capacitações de guias, estudos dirigidos, diálogos sobre EA)
- () Administração de mídias sociais
- () Elaboração de materiais de uso no projeto (Roteiros, vídeos, cartazes, folders, cartilhas, e-books)
- () Elaboração de projetos
- () Organização de eventos
- () Coordenação de atividades
- () Guiar o público externo em trilhas interpretativas
- () Estruturação de trilhas e “Nature Classroom”
- ()Palestras - Minicursos
- () Zoneamento das(s) Unidades(s) de Conservação (UC’s de Sinop)
- () Levantamento de dados nas áreas de trabalho (Censo, amostragem, identificação, medições)
- () Outros: _____

11. Você percebe (se) o projeto contribui/contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional?

- () Pessoal
- () Profissional
- () Pessoal e Profissional
- () Não contribuiu / Contribui

12. Em que área você preferia ou prefere atuar no âmbito do projeto?

- () Propor ideias de atuação para o projeto
- () Planejar e organizar propostas de atividades
- () Executar as atividades propostas
- () Todas as atividades acima
- () Outras _____

13. Você já teve DIFICULDADE em organizar, desempenhar e participar de alguma atividade?

- () Sim
- () Não

14. Se teve DIFICULDADE, por favor, descreva sucintamente qual ou quais foram/são.

Se não teve dificuldades, responda com "não tive dificuldades" (NTD).

15. Se teve DIFICULDADE, conseguiu resolvê-la? Teve ajuda de algum@ membr@ para isso?

- Consegui resolver e obtive ajuda
- Consegui resolver e não obtive ajuda
- Não consegui resolver, apesar da ajuda.
- Não consegui resolver, pois não obtive ajuda.

16. Descreva de forma breve, o que o Arborecer representa ou significa pra você.

17. O que você enxerga para o futuro do Arborecer? Você tem sugestões?
